

Rev. 1325
M. 7
M
Artigos de Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, Conde de Sabugosa

JULHO DE 1905

N.º 1



SERÕES

REVISTA
MENSAL
ILUSTRADA



* LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA LPA *

LISBOA

Artigos de Albujo Braga, Correia d'Oliveira, Silva Gayo, A. Mesquita, etc. — Modas e labores femininos

Musica de A. Keil — Illustrações de Casanova, Keil, J. Machado, Moraes, etc.

Cada numero, alem do magazine propriamente dito, tem dois supplementos, A MUSICA DOS SERÕES, OS SERÕES DAS SENHORAS, com uma folha de moldes. Exigil-os com o numero ao preço total de **200 réis.**

Summario

MAGAZINE

	PAG.
A ESCULPTURA EM PORTUGAL (12 <i>illustrações</i>) por RAMALHO ORTIGÃO.....	1
O QUE É A VIDA? (2 <i>vinhetas</i>) por GUERRA JÚNQUEIRO.....	9
O NETO DO FAROLEIRO (3 <i>illustrações de Casanova</i>) por ALBERTO BRAGA.....	11
ALMADA (1. ^a parte) (2 <i>illustrações de Moraes</i>) pelo CONDE DE SABUGOSA.....	17
O PADRE HIMALAYA E O SEU INVENTO (3 <i>illustrações</i>) por ALFREDO DE MESQUITA.....	23
MUROS DE CINTRA (2 <i>illustrações de Moraes</i>) por CORRÊA D'OLIVEIRA.....	28
A UNIVERSIDADE DE COIMBRA (1. ^a parte) (8 <i>illustrações</i>) por M. DA SILVA GAYO.....	30
SE A MOCIDADE SOUBESSE... (3 <i>illustrações</i>) por AGNES e EGERTON CASTLE.....	41
ESCOLA MEDICA-CIRURGICA DO PORTO (10 <i>illustrações</i>).....	56
MEMORIAS DE UM KANGURÚ. (7 <i>illustrações</i>).....	63
OS SERÕES DOS BÉBÉS — OS PAPÕES. (18 <i>illustrações</i>).....	72
QUEBRA-CABEÇAS (2 <i>illustrações</i>).....	76
AS CAPAS DOS SERÕES (14 <i>illustrações</i>).....	81
ACTUALIDADES (5 <i>illustrações</i>).....	85

OS SERÕES DAS SENHORAS (28 *illustrações*)

CHRONICA GERAL DE MODAS pag. 1	VESTIDOS PINTADOS pag. 8
OS NOSSOS FIGURINOS » 3	LAVORES FEMININOS » 10
A NOSSA FOLHA DE MOLDES » 4	COMO SE PREENCHE UM FIVE O' CLOCK (<i>Illustrações de J. Machado</i>) » 12
MODELOS DE CHAPEUS » 6	NOTAS DA DONA DE CASA » 16
EXPOSIÇÃO DE RENDAS PORTUGUEZAS » 7	

Uma folha solta de moldes

Grande numero de pequenos artigos de hygiene domestica, receitas caseiras, advertencias uteis, etc.

A MUSICA DOS SERÕES

FANDANGO DO RIBATEJO

Musica e illustração de A. KEIL..... 4 paginas

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Portugal, Ilhas e Colonias	Brazil	Estrangeiro
Anno..... 25200	Anno (12 numeros)	Anno (12 numeros)
Semestre..... 12300	Moeda fraca..... 125000	Frs..... 15,00
Trimestre..... 600		

Numero avulso em Portugal 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do volume será marcado pelos nossos agentes

a b
ref.

V. I

2-9 série

SERÕES

1805-

COMPRÁ

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SEGUNDA SÉRIE — VOLUME I



LISBOA

FERREIRA & OLIVEIRA L.^{da} — EDITORES

132 — RUA DO OURO — 138

—
1905

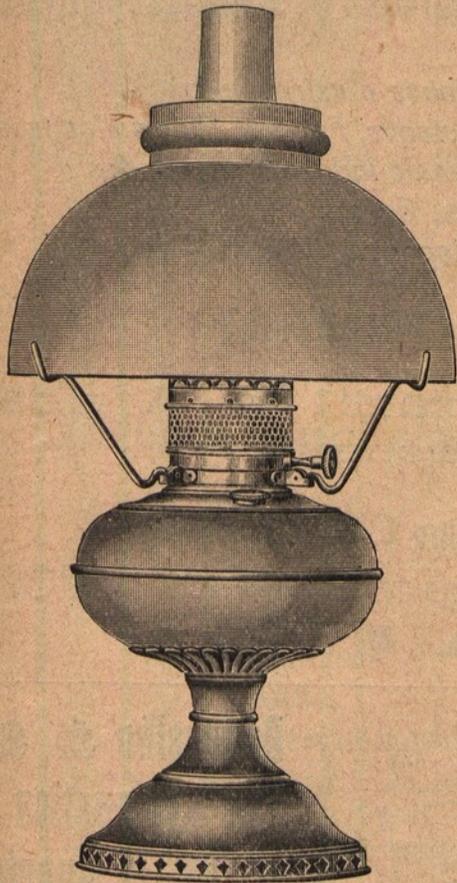
Colonial Oil Company

Palaeio Foz, N.º 30

**OS MELHORES CANDIEIROS
A PETROLEO**

CANDIEIROS
AMERICANOS
NICKELADOS

Systema aperfeiçoado



N.º 1 — 2\$700 réis

Estes candieiros americanos n.º 1, são os mais economicos, os mais praticos e os de maior segurança, dando uma luz muito brilhante **sem produzir cheiro.**

Candieiros de meza

Muito economicos e bonitos, dando uma bella luz

Colonial Oil Company

LISBOA

Avenida da Liberdade

(PALACIO FOZ)

TELEPHONE N.º 234

PORTO

Rua Mousinho da Silveira, 208

TELEPHONE N.º 92

ENDEREÇO TELEGRAPHICO WATCHWORD

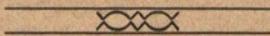
Em qualquer ponto do paiz pelos mesmos preços

Visitem as exposições permanentes de candieiros, calorificos, fogões, etc

PALACIO FOZ, N.º 30

Pedrosa, Violante & Santos

SUCCESSORES DE VIUVA SERZEDELLO



Deposito de Drogas, Productos Chimicos e Pharmaceuticos

*Especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras
Plantas e raizes medicinaes, Aguas minero-medicinaes, Fundas, Meias elasticas
Artigos de tinturaria, Tintas, Oleos, Vernizes de todas as qualidades
Alvaiades moidos, Cimentos, Gessos
Tintas preparadas, liquidas e em massa, Esponjas, Pinceis, etc., etc.*

FORNECIMENTO COMPLETO PARA PHARMACIAS

Exportação para o Brazil e Africa
EMBALAGENS ESPECIAES

21, Praça do Municipio, 23 e 24 (Vulgo L. do Pelourinho)

TELEPHONE N.º 1181 * * * * * ENDEREÇO TELEGRAPHICO FLUOR

LISBOA



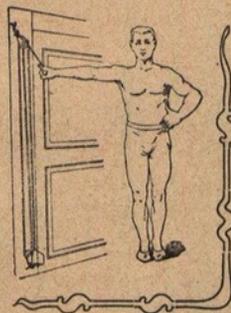
A. J. d'Oliveira & C.^{ta}
Relojeiros, Fabricantes e Importadores

Palacio Foz

31-B, Praça dos Restauradores, 31-C

LISBOA

Relogios em todos os generos e marcas



Apparelho
de gymnastica
de quarto

ZOFRÉ

É o mais hygienico e pratico que existe
Todos os paes amigos de seus filhos
o devem comprar e fazer usar
É a robustez futura e garantia solida d'uma
saude perfeita

Santos Beirão

Largo da Rua do Principe, 7

Ao fundo da Rua do Carmo

LISBOA



Ramiro Leão & C.^a

Chiado, 83 a 93 * * * *

LISBOA

Fabrica a vapor de camisas, ceroulas, punhos e collarinhos

LARGA EXPORTAÇÃO * * *

* * * PARA O BRAZIL, ILHAS E COLONIAS

Grande estabelecimento de venda a retalho

Secções de:

Roupas para meza

- » » cama
- » » toilette
- » » banho
- » » recém-nascidos

Forros e fundações

Sedas

Lãs para vestidos

Camisaria

Gravataria

Artigos de malha

Rendas e bordados

Especialidade em enxovaes para noivas, collegiaes e recém-nascidos

Fardamentos para collegios

Fatos para meninos

Vestidos para meninas

Unica casa no paiz que tem montados ateliers especiaes para este genero de trabalhos, em condições de poder rivalisar com as principaes casas similares estrangeiras.



Systema de compras e vendas a prompto pagamento

Preços fixos e sem concorrência no mercado

OLD ENGLAND

GRANDES ARMAZENS INTERNACIONAES

109, RUA AUGUSTA, 111 — R. S. NICOLAU, 66, 68, 70, 72 (Predio todo)

Os mais vastos armazens de vestuario
para homens, senhoras e creanças, que existe em Lisboa

SECÇÕES E ATELIERS DE { ALFAYATERIA PARA SENHORAS — CAMISARIA — GRAVATARIA
ALFAYATERIA PARA HOMENS — CHAPELARIA — LUVARIA

Modas — Chapéus de chuva e bengalas

CONFECÇÕES PARA SENHORAS, HOMENS E CRENÇAS

Estes armazens são os que mais barato vendem e que mais e melhor sortido teem

IMPORTAÇÃO DIRECTA -- PREÇOS FIXOS

Em Lisboa, remessa gratis e rapida de todas as encommendas aos
domicilios, aonde podem ser pagas.

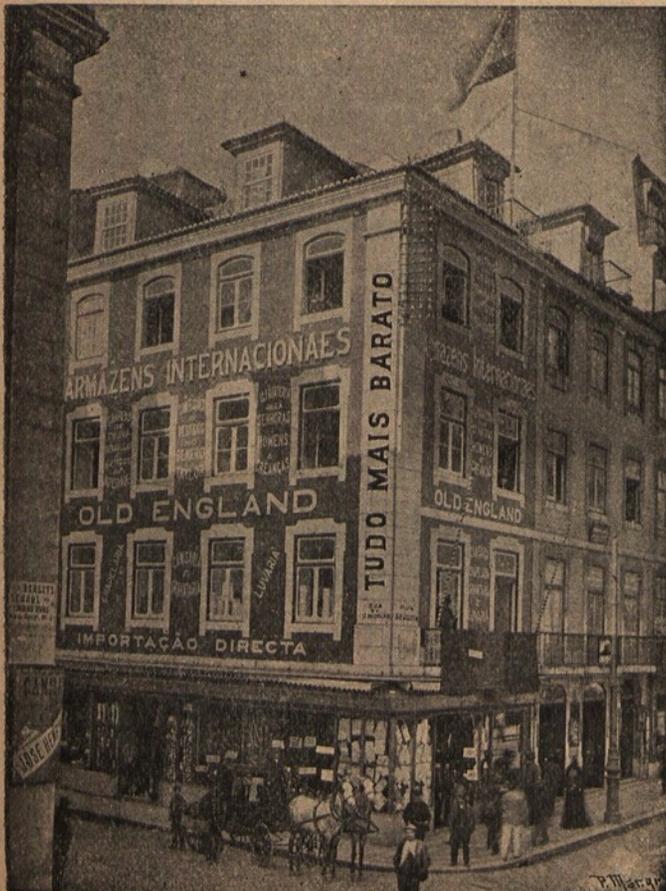
Para as provincias re-
messa gratis de todas as en-
commendas de valor superior
a 47500 réis, excepto as de
pezo e dimensões extraordi-
narias (vêr o catalogo geral,
que se envia franco de porte
a quem o pedir.)

Todas as encommendas
para as provincias ou ultra-
mar são postas gratuitamente
no caes de embarque. Porte
gratis segundo o seu valor.

Vêr condições de remessa
do catalogo geral.

109, Rua Augusta, 111

R. S. Nicolau, 66, 68, 70 (Predio todo)



LISBOA

SERÕES

ARMAZEM DE FAZENDAS E FATO FEITO

FOR ATACADO E A RETALHO

J. NUNES CORRÊA & C.^a

Fornecedores da Casa Real

Especialidade d'uniformes



NOVIDADES

Gravatas, chapéus, camizolas, peugas, suspensorios, coberturas, malas de viagem, etc.

Pannos, casemiras, diagonaes, cheviots e outras fazendas nacionaes e estrangeiras.

R. do Ouro, 42, 44, 46 — R. de S. Julião, 150, 152, 154, 156

LISBOA

Sociedade Vinícola

MOURA & C.^a

Unico deposito em Lisboa

DA COMPANHIA AGRICOLA E COMMERCIAL

DOS VINHOS DO PORTO

Successora de D. Antonia A. Ferreira

(FERREIRINHA DA REGOA)

Tabella A

N.ºs	ANNOS	MARCAS	PREÇO POR GARRAFA
1	1815	Duque de Bragança.....	3\$000
2	1840	Principe de Galles.....	2\$500
3	1863	Vezuvio.....	2\$000
4	1868	Vargellas.....	1\$600
5	1870	Arnozello.....	1\$300
6	1872	Acyrestes.....	1\$400
7	1875	Porto.....	900
8	1877	Rodo.....	700
9	Granja.....	600
11	1868	Vargellas—Malvasia.....	1\$600
13	1875	Vargellas—Moscatel.....	1\$400
15	1870	Vezuvio—Bastardo.....	1\$300
18		Vallado.....	500
19		Secco N.º 1.....	1\$300
20		» N.º 2.....	900
21		» N.º 3.....	600
22		» N.º 4.....	500
23		M.....	800

N. B.—Recebem-se as mesmas garrafas a 30 réis cada uma.

VINHO MADEIRA

	PREÇO POR GARRAFA
1803.....	5\$000
1874.....	4\$200

VINHO COLLARES

Antonio Costa.....	150
F. C.....	170

N'estes preços não é incluída a garrafa.

VINHO DE CONSUMMO

Marca FERREIRINHA.....	240
------------------------	-----

N'este preço é incluída a garrafa.

Tabella B

VINHOS ENGARRAFADOS ENTRE 25 E 40 ANNOS

N.ºs	ANNOS	NOVIDADES	PREÇO POR GARRAFA
1	1815	Tinto.....	20\$000
2	1820	».....	15\$000
3	1830	».....	13\$000
4	1834	».....	12\$000
5	1834	Bastardo.....	12\$000
6	1840	Tinto.....	11\$000
7	1847	».....	10\$000
8	1847	Moscatel.....	10\$000
9	1851	».....	9\$000
10	1853	».....	8\$000
11	1854	».....	7\$000
12	1858	».....	6\$000
13	1863	».....	5\$000
14	1868	».....	4\$000

Os preços do vinho do Porto foram estabelecidos pela Companhia para a venda em Lisboa.

25 a 39, Rua Marechal Saldanha, 25 a 39

1, 1-A e 1-B, Calçada do Combro, 1, 1-A e 1-B

Telephone N.º 900

Telegrammas SOVJ

LISBOA

Æ. gr.

**OFFICINA
PHOTOMECANICA**
S.^o AMARO & LISBOA

ESCRITORIO ✱
C.^o DO FERREGIAL. 6-1.^o ✱
Photolithographia
e Photogravura.

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

O GATO PRETO

Unica casa fundada ~ ~ ~ ~ ~
~ ~ ~ ~ ~ para a venda
de louça artistica ~ ~ ~ ~ ~
~ ~ ~ ~ ~ das Caldas da Rainha

*Premiada nas principaes
Exposições da Europa e da America*

BONITOS OBJECTOS PARA BRINDES

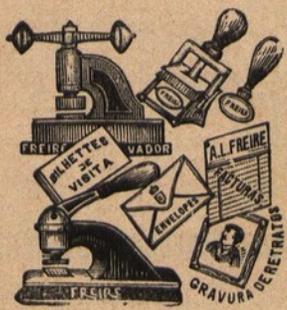
Legitimas cavacas das Caldas

DEPOSITO D'AGUA DAS CALDAS

Artigos de phantasia, Industria nacional

RUA DE S. NICOLAU
(Esquina da Rua do Crucifixo)

A UNICA FABRICA

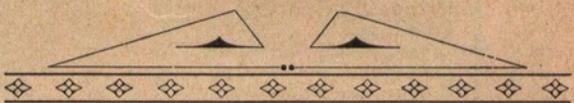


DE
Carimbos completa na Europa
É A CASA
A. L. FREIRE, GRAVADOR

Grande estabelecimento de muitos
artigos

90 a 96, Rua da Victoria
Rua do Ouro, 158 a 164

Telephone 943 ✱ **LISBOA**



Augusto Primavera & C.^{ta}

Cambio e papeis de Credito

35 a 37, Rua Augusta
Rua de S. Julião, 117 a 119

LISBOA

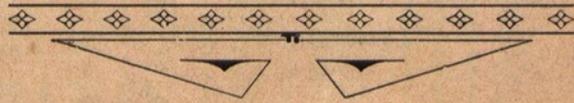
Endereço telegraphico : **PRIMAVERA-LISBOA**

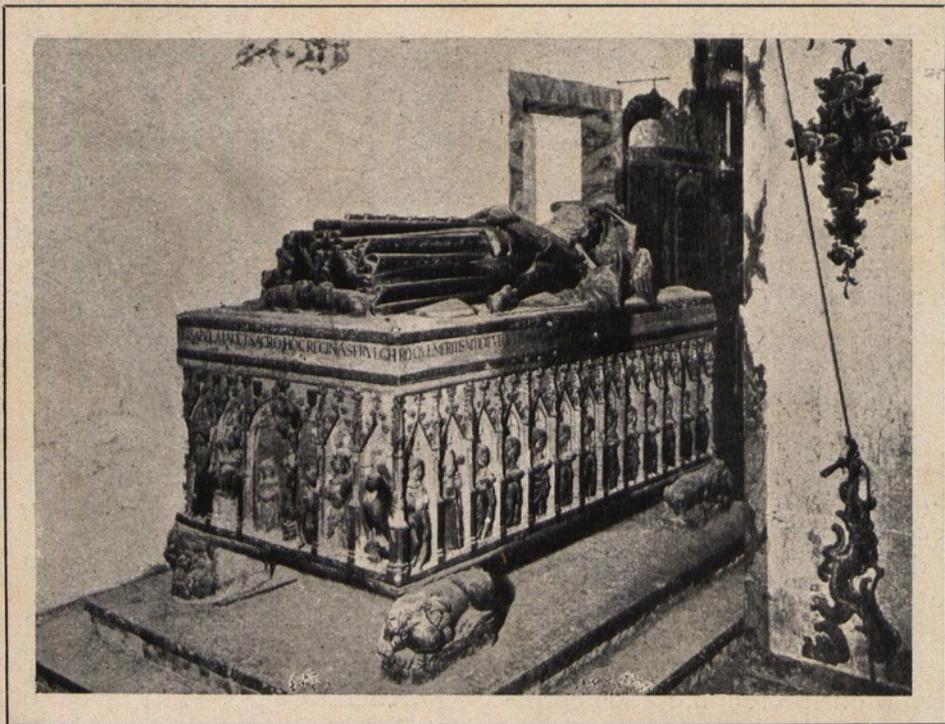
Telephone 1160

Compra e vende moedas e notas
de todos os paizes

Coupons, Acções de Bancos e Companhias
Fundos internos e externos

Operações de bolsa
Saques sobre o estrangeiro





ANTIGO TUMULO DA RAINHA SANTA ISABEL, EM SANTA CLARA (COIMBRA)

A Escultura em Portugal

O ILLUSTRE professor e meu amigo Albrecht Haupt, auctor allemão do precioso livro *A architectura da Renascença em Portugal*, foi talvez limitado de mais nas palavras que em sua tão meritoria obra consagrou á importancia da plastica, segundo elle superficial e passageira, na historia da nossa arte. A mim, com o respeito devido a tão benemerito e insigne mestre, pelo contrario me parece que a escultura é a expressão d'arte que em Portugal descreve a mais completa e caracteristica linha de evolução ininterrupta, desde os primeiros monumentos architectonicos coevos da fundação da nacionalidade até nossos dias.

A pintura somente nos aparece constituida no seculo xv sob a influencia dos grandes mestres flamengos, atinge o apogeu da perfeição no seculo xvi, decae

profundamente com os italianizados do seculo xvii e do seculo xviii, e entra com tão inferiores condições de concorrência na producção artistica do seculo xix que Raczkinski, n'um rasgo de sinceridade, perante os methodos de ensino da Academia de Bellas Artes de Lisboa e em presença dos documentos pictóricos da decoração do Paço da Ajuda, se vê obrigado a dizer-nos em consternador resumo: Deixem se de pintar, que, por mil circumstancias, não é este o momento oportuno para tratarem d'isso; conservem, se lhes apraz, os professores que existem, mas não os substituam nem nomeiem outros durante muito tempo; fechem as aulas de pintura e utilizem a Academia convertendo-a n'uma simples escola de desenho.

A obra dos esculptores, não sei bem por que razão muito mais desatendida

da critica e da historiografia do que a obra dos pintores, nunca passou por analogos desfalecimentos e desandos.

Estudar as razões d'este fenomeno seria de grande proveito para a pedagogia artistica.

Esse estudo viria talvez demonstrar que a educação dos esculptores é intrinsicamente mais perfeita que a de todos os demais artistas. Pela imperativa e inevitavel subordinação da sua obra aos conjuntos architecturaes dos edificios, das ruas ou das praças a que ella se destina, bem como ás condições e aos aspectos da natureza que envolvem esses determinados conjuntos, o esculptor contrae espontaneamente, pelo simples exercicio da sua arte, um superior sentimento de ponderação, de unidade e de equilibrio, indispensavel á estabilidade esthetica de todo o producto artistico. Alem d'isso o ensino tecnico dos esculptores, impondo-lhes a necessidade do esforço muscular, é eminentemente edu-

cativo. Os esculptoresteem de sersubmissamente, obrigatoriamente, operarios. Para verdadeiramente serem, de sua arte, esculptores, elles serão indispensavelmente, de seu



CAPITEL DO CLAUSTRO DE CELLAS (COIMBRA)

officio, canteiros, fundidores, cinzeladores, barristas ou entalhadores, — perfeição adaptiva, alicerce de toda a educação raciocinada. Em aulas estudantes theoreticamente estudam. Só em officinas e em laboratorios aprendizes praticamente aprendem. O chamado *professor* é um aparelho didactico, muitas vezes luxuoso, sempre insufficiente; só o *mestre*, de que o trabalho commum faz o companheiro e o amigo, é o completo e perfeito agente de ensino artistico.

A esculptura portugueza manifestase nos seculos XI, XII e XIII ocupando diligentemente os espaços que a architectura lhe concede: os timpanos dos arcos como



CAPITEL DO CLAUSTRO DE CELLAS (COIMBRA)

em S. Christovam de Rio Mau, em S. Christovam de Coimbra e em Cedofeita do Porto, as sumptuosas archivoltas das portadas como em Villar de Frades e em Bravães, as pias batismaes, os tumulos ainda que tão rudimentarmente concebidos como o de Egas Moniz em Paço de Sousa, e finalmente as gargulas, os modilhões das cornijas e os variadissimos capiteis historiados de todas as nossas igrejas romanicas.

No seculo XIV, com o advento do stilo gothico, sob a alta influencia mental do grande semeador de civilização que foi o rei D. Diniz, alem de lavrador letrado, poeta e artista, a esculptura assume os mais inesperados e consideraveis desenvolvimentos.

Alimentado no estudo da natureza, que, substituindo a ornamentação geometrica pela ornamentação floral, por todos os pilares e por todos os frisos faz vivamente trepidar a alegria das flores e das folhagens, o baixo e alto relevo vegetabilisa-se, desabrocha, expande-se, conquista sobre a architectura novos e victoriosos dominios. São d'este periodo, um dos mais gloriosos para a arte portugueza, os encantadores capiteis do claustrum de Celas, em torno dos quaes com tão candido e commovido sorriso deslisa toda uma historia da Virgem, da Paixão de Jesus e da vida de alguns santos. Com esta linda obra se relaciona, na mesma epoca e em identico stilo, a dos tumulos de D. Rodrigo Sanches no claustrum do convento de Grijó, talvez o mais



RETABULO DO ALTAR-MÓR NA EGREJA DE S. MARCOS (COIMBRA)

antigo da serie, da Rainha Santa Isabel em Santa Clara a velha de Coimbra, de Fernão Gomes de Goes em Oliveira do Conde, bem como varias placas, quadri-longas, em alabastro, com restos de antiga douradura, uniformes de dimensão, de stilo, de technica, representando assumptos identicos aos dos capiteis de Cellas, placas hoje dispersas no Museu do Carmo, no das Janellas Verdes, no do Instituto de Coimbra, e na Ilha da Madeira em posse da familia Ornellas. São provavelmente pequenas peças desconjunctas de um retabulo d'altar ou de um pulpito octogono no tipo dos italianos de Piza e de Sienna. Pertencem ainda a este ciclo, — ultimos annos do seculo XIII, primeira metade do seculo XIV — as estatuas jacentes d'alguus mausuleus como na Sé Velha de Coimbra, na Sé de Lisboa, nas egrejas de Alcobaca, de Odivellas, e no Museu do Carmo.

O seculo XVI é para a escultura como para todas as formas de arte, o cyclo aureo da nossa cultura artistica. Toda uma pleiade de incomparaveis artistas levantam os nossos monumentaes edificios nesse stilo pomposo e simbolistico da nossa primeira renascença, que Sansovino considerava uma especialidade regional do talento portuguez, e a que mais tarde se chamou o stilo manuelino. Boytaca, João e Diogo de Castilho, João de Ruão, Nicolau Chatranez, Jacques Longuin, Thomé Velho, Matheus Fernandes, os Frias, os Arrudas, trabalham sucessivamente em Belem, na Batalha, em Coimbra, em Cintra, em Evora, em Santarem, fazendo desabrochar da pedra portugueza tão preciosas flores de escultura como as duas portas dos Jeronymos, a portada septentrional da Sé velha de Coimbra,

o portal da egreja e a janella da sala do capitulo no convento de Christo em Thomar, o admiravel frontal do altar mór da Sé de Braga, os baixos relevos do



CAPITEL DO CLAUSTRO DE CELLAS (COIMBRA)

claustro do Silencio em Santa Cruz, os retabulos de S. Marcos e de S. Thomaz, em Coimbra, da Guarda e da Varziella, e os tumulos incomparaveis de Santa Cruz, de S. João de Alporão, da villa de Goes, da Trofa, perto de Agueda, e em S. Marcos de Coimbra, onde o Pantheon dos Silvas, pelo seu incomparavel conjunto, constitue o mais delicado specimen da plastica da renascença em Portugal.

Chamar, como alguns querem, *extrangeira* a obra de Boytaca, de João de Ruão, dos Castilhos, de mestre Nicolau Francez é, a meu ver, um singular erro de classificação. Nunca a nacionalidade artistica se deduziu geographicamente no lugar do globo em que os artistas nasceram, mas sim d'aquelle em que o seu genio se inspirou e em que a sua obra se produziu. Ninguem já hoje ignora que na arte Flamenga, na arte de Veneza e na arte de Roma raros foram os artistas indigenas que lhe deram o immortal esplendor que regionalmente as caracteriza.

A ourivesaria, que tecnicamente não é mais nem é menos do que a escultura aplicada aos metaes precio



PIA BAPTISMAL EM S. JOÃO DE ALMEDINA (COIMBRA)



BAIXO RELEVO NO CLAUSTRO DO SII ENCIO NA EGREJA DA SANTA CRUZ (COIMBRA)



CAPITEL DA SÉ VELHA (COIMBRA)

so, acompanhou sempre a evolução portuguesa da arquitectura, da escultura e da pintura. São tão bellas como as dos nossos architectos do seculo XVI as obras dos nossos ourives do mesmo tempo.

Assim como os illuministas, com relação aos pintores, os ourives, paralelamente com os esculptores, documentam gloriosamente a historia da sensibilidade esthetica, do poder imaginativo e da aptidão artistica da nossa raça. Rivalisam com os mais bellos trabalhos de cinzeladores do tempo, em Hispanha, na Italia, em França, na Belgica e na Allemanha, muitos dos calices gothicos que ainda hoje se conservam em algumas das nossas egrejas, a custodia chamada de Gil Vicente no thesouro da corôa, e os incomparaveis gomês, pratos e bacias de agua ás mãos da preciosa collecção de S. M. El Rei.

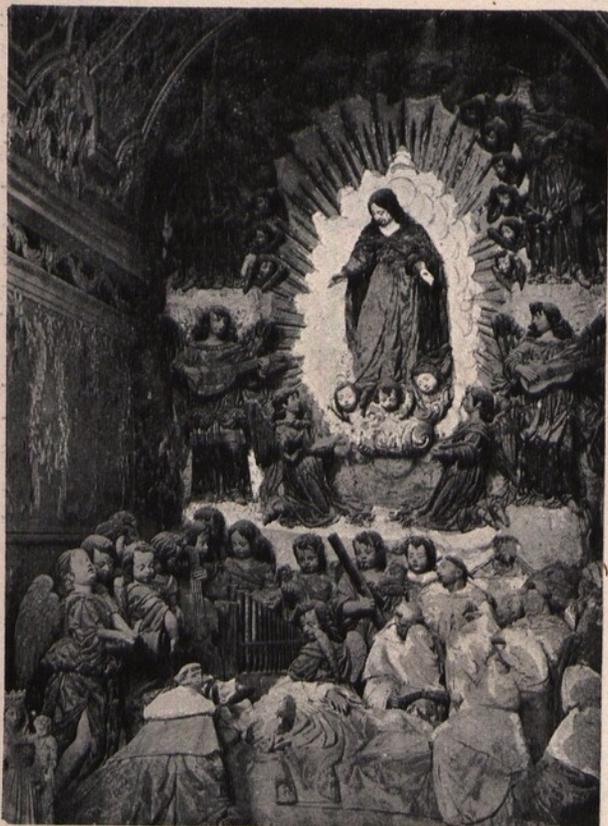
No seculo XVII, de tão rutilante brilho na historia das letras e da musica nacional, a desnudez architectonica posta em moda pela influencia austera e simplistica de Terzi e de Torralva, agravada ainda pela estreitesa esthetica dos jesuitas, afasta por um tempo a escultura monumental do seu dominio lapidar, mas em compensação a escultura em madeira e em barro assume no decorrer d'esta centuria a mais consideravel importancia. Entalham-se os mais elegantes retabulos ao gosto classico de Vitruvio e de Vinhola, no stilo da Renascença italiana e flamenga. Enchem-se os coros conventuaes, as capelas mores e as sacristias de numerosas egrejas com as mais sumptuosas decorações de talha dourada, e — como dizem os hespanhoes — estofada, em colorido polycromico, intenso, alegremente claro. As columnas dos porticos neogreco-romanos, torcem-se em espiral e circumdam-se de folhagens as-

pendentes, de hera e de vinha em fructo, envolvendo os entablamentos, as archivoltas e as cornijas, enlaçando risinhos grupos d'aves, d'anjos e de cherubins. Estas pomposas molduras não sómente engrinaldam o nicho do altar, mas desenvolvem-se ainda accessoriamente, encaixilhando successivos encasamentos povoados por outros baixo-relevos, igualmente polycromicos, representando trechos biblicos, scenas do presepio do menino Deus ou da vida dos seus santos. E esta feição da plastica é das mais caracteristicamente expressivas da sensibilidade, da fantasia e do talento portuguez.

Com as obras de madeira seiscentistas propagam-se com equal intensidade nesta epoca as obras de barro. Seria talvez Filipe Edouard, o esculptor francez mandado vir por D. Manuel para fazer o grande apostolado do refeitório



JAZIGO DO CONDE DA SORTELHA (GOES)



ALTAR DE S. FRANCISCO, EM BARRO, NA EGREJA DE ALCOBAÇA

de Santa Cruz, quem implantou o gosto pela escultura em barro, tão preponderante em Portugal durante todo o decurso dos seculos xvii e xviii. Aos barristas seiscentistas do mosteiro d'Alcobaça se devem numerosas obras sumamente expressivas e da mais enérgica individualidade, retabulos e bustos relicarios, de que ainda lá existem bastantes restos em lastimavel abandono. Não esqueçamos ainda que foi durante



CAPITEL DO CLAUSTRO DE CELLAS (COIMBRA)

o seculo xvii que um imaginador portuguez, Manoel Pereira, o qual Palomino designa por *nobre portuguez e insigne escultor*, quem fez a linda estatua policromica de

Santo Antonio dos Portuguezes em Madrid, assim como a de S. Bruno da Cartuja del Paular, talvez as duas de S. Domingos de Bemfica, que o Bispo Conde D. Francisco de S. Luiz lhe attribue na sua *Lista de alguns artistas portuguezes*, e muitas outras disseminadas em Hespanha, onde Manuel Pereira trabalhou no tempo de Filipe III e de Filipe IV com notoriedade singular a par dos grandes esculptores hespanhoes contemporaneos, Montañez, Alonso Cano, José de Mora e Pedro de Mena.

Considera-se ainda trabalho portuguez, de esculptor cujo nome infelizmente ignoro, o do cadeirado do coro da cathedral de Tuy representando episodios da vida de S. Telmo.

Da escultura portugueza do seculo xviii é Mafra o mais copioso e consideravel deposito. Sabe-se que foi um italiano, Alexandre Giusti, o mestre estatuario do edificio, quem principalmente trabalhou com artistas romanos nas estatuas de vestibulo, de valor desigual, e nos bellos retabulos da basilica. Mas da magnifica escola de Giusti sahiram e collaboraram com elle notaveis esculptores portuguezes, como Machado de Castro, Manuel Dias, Antonio Ferreira, José Joaquim Leitão e outros mencionados por Cyrillo, que trabalharam nos baixo-relevos da estatua equestre de Machado, e com elle cooperaram nos lindos presepios do tempo, pela maior parte desfeitos mas de que restam figurinhas deliciosas, a que bem podemos chamar as *Tanagras* de Portugal. Exemplos no Museu das Janellas Verdes, na igreja da Estrella, na da Madre de Deus, e na Sé. Exemplar precioso e menos conhecido, o presepio de Machado de Castro na casa dos condes de Sobral, em Almeirim.

Não é justo que, tratando-se da plastica portugueza do seculo xviii, se deixe de mencionar a escultura em granito d'esse admiravel sanctuario de ar livre que se chama o Bom Jesus do Monte, e cuja bella e monumental escadaria, entre jardins, como na mais sumptuosa das villas em Tivoli ou em Frascati, só tem o defeito de lhe haverem posto o monstruoso nome de *escadorio*. Os grupos polichromaticos, em barro, representando suc-

cessivos passos da Paixão no interior das capellas, são indubitavelmente abomináveis, e ainda mais afrontosos e flagellantes para a arte que para Jesus no caminho do Calvário. Mas a obra em pedra, fontes e estatuas ao ar livre, docemente amaciadas agora pela patina do tempo, são de agradável harmonia com a paisagem e os arvoredos que as rodeiam.

Os numerosos cruzeiros e pelourinhos dispersos por toda a terra portugueza são ainda outros tantos documentos da collectiva intenção plastica do nosso povo.

Finalmente a eurythmia, a graça, a esvelteza de todo o vasilhame nacional — a bilha de Coimbra, o pote de Loulé, a puca-

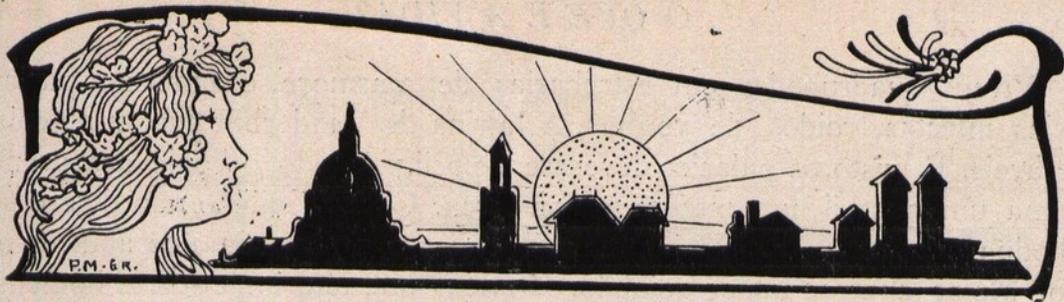
rinha de Prado, o moringue de Extremoz — as tão variadas improvisações da olaria popular attestam bem que a gente portugueza possui em subido grau, se não uma tradição de canones academicos applicados á arte de esculpir, um consideravel poder de visão plastica e uma caracteristica aptidão espontanea para fazer palpitar em expressivas formas materiaes a sua especial maneira de sentir e de interpretar a vida.

Não podemos portanto dizer, ao deparar-se-nos no seculo XIX tão admiraveis esculptores como foi Soares dos Reis, como é Teixeira Lopes, que na sua raça não existisse a poderosa seiva artistica de que elles desabrocharam.

RAMALHO ORTIGÃO



TUMULO DE FERNAM GOMES DE GOES EM OLIVEIRA DO CONDE



Uma página inédita de GUERRA JUNQUEIRO

O QUE É A VIDA?



vida é o mal. A expressão ultima da vida terrestre é a vida humana, e a vida dos homens cifra-se n'uma batalha inexorável de apetites, n'um tumulto desordenado de egoismos, que se entrecrocavam, rasgavam, dilaceravam. O Progresso, marca o a distancia que vae do salto do tigre, que é de dez metros, ao curso da bala, que é de vinte kilometros. A fera a dez passos perturba-nos. O homem a quatro leguas enche-nos de terror. O homem é a fera dilatada.

Nunca os abismos das ondas pariram monstro equivalente ao navio de guerra, com as escamas d'aço, os intestinos de bronze, o olhar de relampagos, e as bocas hiantes, pavorosas, rugindo metralha, mastigando labaredas, vomitando morte.

A pata prehistorica do atlantosauro esmagava o rochedo. As dinamites do chimico estoiram montanhas, como nozes. Se a preza do mastodonte escavacava um cedro, o canhão Krupp rebenta baluartes e trincheiras. Uma vibora envenena um homem, mas um homem, sósinho, arraza uma capital.

Os grandes monstros não chegam verdadeiramente na epoca secundaria; apparecem na ultima, com o homem. Ao pé d'um Napoleão, um megalosauro é uma formiga. Os lobos da velha Europa trucidam algumas duzias de viandantes, enquanto milhões e milhões de miseraveis cahem de fome e de abandono, sacrificados á soberba dos principes, á mentira dos padres e á gula devoradora da burguezia christã e democratica. O matadoiro é a fórmula crua da sociedade em que vivemos. Uns nascem para rezas, outros para verdugos. Uns jantam, outros são jantados. Ha creaturas lobregas, vestidas de trapos, minando montes, e creaturas esplendidas, cobertas d'oiro e de veludo, radiando ao sol. No cofre do banqueiro dormem pobresas metalisadas. Ha homens que ceiam n'uma noite um bairro funebre de mendigos. Enfeitam gargantas de cortezans rosarios d'esmeraldas e diamantes, bem mais sinistros e lutuosos que rosarios de craneos ao peito de selvagens.

Vivem quadrupedes em estrebarias de marmore, e agonizam párias em alfurjas infectas, roídos de vermes. A latrina de Vanderbilt custou aldeolas de miseráveis. E, visto os palacios devorarem pocilgas, todo o boulevard grandioso reclama um quartel, um carcere e uma forca. O deus milhão não digere sem a guilhotina de sentinella. Os homens repartem o globo, como os abutres o carneiro. Maior abutre, maior quinhão. Homens que têm imperios, e homens que não têm lar.

Os pés mimosos das princezas deslizam lusentes d'oiro por alfombras, e os pés vagabundos calcam, sangrando, rochedos hirtos e matagaes. Bebem champagne alguns cavalos do sport, usam anneis de brilhantes alguns cães de regaço, e algumas creaturas, por falta d'uma codea, acendem fogareiros para morrer. Bemdito o oxido de carbone que exhala paz e esquecimento! E a natureza, insensivel ao drama barbaro do homem! Guerras, odios, crimes, tiranias, hecatombes, desastres, iniquidades, deixam-n'a indifferente e inconsciente, como o rochedo immovel, bulindo-lhe a aza d'uma vespa. O clamor atroador de todas as angustias não arranca um ai da immensidade inexoravel. A aurora sorri com o mesmo esplendor aos campos de batalha ou ao berço infantil, e as hervas gulosas não distinguem a podridão de Locusta da podridão de Joana d'Arc. Reguem vergeis com o sangue de Iscariote ou com o sangue de Christo, e os lyrios inocentes (estranha inocencia!) desabrocharão, igualmente candidos e nevados.





CONTO

por Alberto Braga

O farol ficava situado no alto de uma pequena colina sobranceira ao mar. Á frente da casa da guarda, que era envidraçada de todos os lados, erguia-se um grande mastro com duas vergas, e, como das extremidades das vergas desciam as adriças e do meio do mastro os cabos que iam prender-se em argollas chumbadas no parapeito de pedra que cercava a casa, o mastro e as cordas davam ao farol um aspecto de navio, cuja prôa fosse avançando sobre o mar—como um navio prompto a largar do estaleiro.

Subia-se para o farol por uma estreita vereda aberta em zig-zag na ladeira da colina, que era eriçada de matto espesso e bravo. E n'essa vereda passavam apenas o faroleiro que por ali se dirigia ao romper da manhã e ali passava depois ao cahir da noite, e a filha do faroleiro, que subia a encosta duas vezes ao dia, com uma cesta pendente do braço, a primeira vez com o almoço e a segunda com o jantar do pae. O faroleiro passava pois, todo o dia mettido na casa da guarda, a vigiar o horisonte, e só sahia ao terraço, quando tinha de falar aos navios, que transpunham a barra, içando nas adriças os variados signaes com que se relacionava com as embarcações. Tão experimentado estava já n'aquella profissão, que, apenas no horisonte longinquo se a vistava uma pequena mancha,

como uma ligeira nuvem dispersa no espaço, e que mal se enxergava a olho nu, logo elle dizia se era navio de vela ou vapor, designando até as milhas a que o barco estava distante da costa. Depois, assestava o oculo, e descobria a nacionalidade da embarcação.

—É um vapor inglez, e deve ser um que se espera de Liverpool.

Não errava nunca.

O habito de viver só, ali, no alto d'aquella colina, tendo por unico espectáculo o ceo, ora todo azul, ora carregado de nuvens, e o mar vasto, umas vezes murmuroso e manso e outras agitado e bramidor, tornara-o taciturno e triste.

N'aquelle dia, dia de sol tepido de começos de outomno, a filha, ao entregar-lhe a cesta do almoço, disse-lhe:

—Pae, o Macario teima em ir hoje ao mar.

O faroleiro fitou um instante a filha, e encolheu vagamente os hombros, n'um gesto de resignação.

Elle não tinha querido que o neto seguisse a vida do mar. E como havia de querer!

O filho morrera-lhe, aos desoito annos, afogado n'uma volta de mar, quando, mettido com outros n'uma lancha de pesca, tentára, por uma tempestuosa manhã de inverno, entrar a barra. Dois annos depois, morreu-lhe

o genro, quando era piloto da galera *Santa Izabel*, que, n'uma noite de cerração, se despedaçou d'encontro aos rochedos, nas costas da Inglaterra.

O faroleiro então, viuvo, sem filho e sem genro, ficou sendo o unico amparo da filha e dos dois netos, o mais velho de sete annos e o outro apenas recém-nascido.

Depois d'aquellas duas desgraças, começou a odiar espavorido o mar, como a um inimigo rancoroso, perseguidor e implacavel, de que era preciso fugir constantemente. Dispoz tudo para que o neto seguisse outro modo de vida. Enviou-o á escola, para o destinar ao commercio; mas o rapaz mostrava pouca disposição para o estudo, e corria para a praia com os outros, saltando de rochedo em rochedo, com a destemida ligeireza de um gamo. Um dia pediu á mãe que o deixasse partir n'uma lancha de pescadores.

Misericordia! A mãe ficou aterrada, e oppoz-se. O avô, ao chegar á noite a casa, informado do pedido do rapaz, falou-lhe com severidade, como se o reprehendesse por uma falta commettida.

Não; não iria ao mar. O mar para a familia tinha sido sempre a desgraça! Repetiu-lhe mais uma vez a dolorosa narrativa do naufragio, em que perdera o filho. Descrevia a agitação do mar, que, sob um ceo côr de chumbo, bramia de longe, galgando os rochedos da costa com estrepito. Perdida no meio do oceano, a pobre lancha luctava em vão com as violencias da tempestade, umas vezes desaparecendo de todo, como se houvesse sido tragada pelos vagalhões que a cercavam, outras vezes emergindo, quasi vertical, na crista das ondas, navegando á tôa, com o mastro partido, sem leme e sem rumo, acossada pelo vendaval, com os pescadores aferrados á amurada e implorando em altos brados a misericordia divina. E elle—façam ideia!—elle a assistir da costa aos horrores do naufragio, sem poder acudir ao filho, que lhe acenava de longe, com os braços estendidos para terra, como se o quizesse apertar no derradeiro adeus! E ainda as lagrimas lhe corriam dos olhos e a commoção lhe tremia na voz, cada vez que recordava as angustias d'aquella manhã sinistra.

—Não—terminou o faroleiro depois de enxugar os olhos—com o meu consentimento não segues a vida do mar.

Mas, decorridos alguns annos, decidiu o Ma-

cario ser pescador. Havia muito que tinha abandonado os estudos.

—Ou vou já para o mar—disse elle á mãe—ou, em chegando a minha vez, assento praça e vou servir na armada.

A mãe chorou, e foi referir ao faroleiro a teimosia do filho.

Não havia opposição a fazer.

Qualquer sabio, lido em Darwin e em Lamarck, explicaria a insistencia do rapaz pelo phenomeno da hereditariedade, phenomeno que não é, afinal de contas, mais do que a confirmação scientifica dos antigos proloquios populares, que affirmam saber nadar o filho do peixe e nascer com dentes o filho do lobo. Justifica-se assim a inabalavel resolução do Macario. As tendencias innatas venciam n'elle todas as considerações dictadas pelo affecto carinhoso da mãe e do avô. Era aquella a sua sorte: tinha de ser pescador, e havia de sel-o.

Foi d'essa vez que o faroleiro encolheu vagamente os hombros, n'um gesto de resignação. Depois da filha lhe repetir a declaração terminante do rapaz, o faroleiro perguntou:

—Mas sabe elle ao menos remar?

—Sabe—respondeu a filha—lá remar sabe.

E contou então que o Macario, desde que fôra para a escola, muitas vezes d'ali sahira em rancho com outros rapazes, indo todos á praia para metterem ao mar qualquer barco que encontrassem abandonado sobre a areia. Era elle até o que passava por ser mais destro e mais arrojado.

O faroleiro, ao cabo de um longo silencio, encarou a filha, e observou sentenciosamente:

—O que tem de ser tem muita força. Quer ser pescador? Que seja pescador.

Quando a filha ia já a descer a vereda da encosta, com a cesta do almoço pendente do braço o faroleiro sahiu ao terraço e chamou-a. A filha retrocedeu.

—Diz ao rapaz—recommendeu elle—que peça emprestado um escaler ao José Piloto, que o traga para perto do farol, e que entre n'elle sosinho, á minha vista.

—E a que horas, pae?

—Ahi pela volta das quatro horas.

—E eu venho com elle?

—Não, deixa-o vir só.

A filha partiu. E o faroleiro, dirigindo-se para a casa da guarda, cabisbaixo e pensativo, ia dizendo de si para si:

—Sempre quero ver se o rapaz é o tal marinheiro que dizem!

*
* *
*

Pouco depois das tres horas, em diversos pontos do horisonte começaram a apparecer umas pequenas nuvens brancas, como flocos d'algodão em rama, e que pouco a pouco se iam avolumando. O mar, que toda a manhã se conservára de um azul claro de turquesa, e cuja superficie levemente ondeada a luz do sol mosqueava de scintillações, principiava a agitar-se ao longe.

O faroleiro, depois de observar detidamente o aspecto do mar, ergueu os olhos para a ventoinha do mastro, representando um peixe dourado. O peixe mudava constantemente de direcção, apontando já o norte, já o sul, girando de um para o outro lado, como se fosse um animal vivo, nervoso, irrequieto, presentindo a aproximação do perigo.

—Mudou o tempo—observou o faroleiro.

Entrou na casa da guarda e applicou o oculo.

Umhas lanchas de pesca, que tinham sahido a barra duas horas antes, affastavam-se apressadamente da costa. As nuvens, que appareciam agora a noroeste, eram já côr de chumbo e, impelidas pelo vento, estendiam-se pouco a pouco no firmamento, como um enorme velario escuro, que de longe se viesse desenrolando no espaço, encobrendo o azul claro do ceo. O mar, que até então se espraiaava com um doce e lento murmurio no areal da costa, começava a bater com fragor d'encontro aos penhascos.

O faroleiro estava inquieto.

N'aquella estação do anno—a passagem do equinoxio—os temporaes levantam-se de surpresa: umas vezes são tufões que passam rapidamente ao longo da costa, acompanhados de fortes aguaceiros, que rebentam como trombas d'agua; outras vezes são os temporaes menos violentos, mas mais prolongados, e conservam o mar bravo, durante dias e noites consecutivos.

Passeiando de um para o outro lado do terço e fitando o horisonte, começava o faroleiro a arrepende-se do consentimento que dera, quando ouviu a voz do neto que o chamava do sopé da colina.

—Avô! meu avô!

Era a hora aprasada, e ali estava elle prompto para embarcar, com uma gôrra de pelle de coelho mettida até ás orelhas, uma grossa ca-

misola de lã branca listada d'azul, as calças arrepanhadas até aos joelhos, deixando ver os pés fortes e musculosos habituados a palmilhar na areia e a trepar pelas saliencias dos rochedos. O barco, que fora trasido da barraca do José Piloto por seis homens, lá o esperava á beira do mar, a balouçar nãs ondas, preso por um cabo a um espigão de ferro espetado na areia.

Como o avô não apparecia, o Macario impaciente subiu a ladeira. Ao ver o neto, o faroleiro carregou o sobrólho, e perguntou-lhe:

—Sempre queres ir ao mar?

—Já lá está o escaler do José Piloto.

—Mas olha que sopra noroeste rijo, e o mar não está hoje para brincadeiras.

O Macario sorriu-se, mostrando que o não amedrontava o temporal. Elle ia ser pescador, e não havia de ir ao mar unicamente quando o tempo estivesse bom.

—Ainda ha pouco partiram cinco lanchas—disse elle, citando o facto para desatemorizar o avô.

—Partiram; bem sei que partiram—retorquiu o faroleiro—mas vejo-as agora a fugir da costa.

O Macario estava cada vez mais impaciente. Para dissipar as hesitações do avô, affirmava-lhe que se não affastaria muito da praia. O que elle queria era mostrar que sabia remar e aguentar-se no mar como qualquer outro pescador.

—Fique socegado. Se o mar crescer mais, remo para terra.

Insistiu com o avô, quasi supplicante, tirando-lhe pela manga do jaquetão, para que viesse vel-o largar da praia. O faroleiro não resistiu mais. Foi seguindo o neto sem preferir palavra.

—Tinha que rir—observava o rapaz ao descer a encosta—tinha que rir, se eu estivesse agora com medo do mar!

Chegaram á praia. Era uma curta faxa de areia reentrante, formando enseada, entre grandes e altos rochedos, que só em dias de grande temporal as ondas conseguiam galgar.

O Macario, apenas ali chegou, correu para o barco. Saltou de um pulo para dentro; e, deitando-se de bruços, com o busto fóra da prôa, estendeu o braço e arrancou da areia o espigão a que estava preso o cabo, collocando-o no fundo da embarcação. Sentou-se em seguida no banco do meio, deitando a mão aos remos. O barco, ao largar, oscillou um pouco,



CA

batido pelo mar. O Macario, com duas rémadas valentes, afastou-o da areia.

—Cá vou, meu avô.

O faroleiro voltou para o terraço, e d'ali esteve a observar o neto.

O ceo estava mais carregado e o mar roncava mais forte. O barco tinha ido para o largo, com a prôa virada contra o vento, baluçando-se á mercê das ondas. O faroleiro continuava inquieto, a observar o ceo e os movimentos rapidos da ventoinha.

Tudo annunciava temporal. De repente, estendeu-se ao longe sobre o mar uma nevoa densa, que encobria a linha do horisonte.

—É chuva—pensou o faroleiro.

Houve uma rajada forte, que fez estremecer o mastro do farol. A nevoa veio-se aproximando e alargando sobre todo o oceano; e, ao cabo de alguns minutos, uma chuva torrencial, batida pelo noroeste, cahiu sobre toda a costa. Do terraço do farol nada se podia enxergar, como se no mar houvesse cerração. Logo que o aguaceiro passou, o faroleiro procurou no mar o escaler em que andava o neto. Não estava muito distante. Apenas o avistou, collocou as mãos em tubo junto da boca, e gritou com toda a força:

—Macario, volta. Volta depressa.

O rapaz devia ter ouvido, porque, tirando os remos com força, aprou para terra. Vinha-se dirigindo para o areal; mas, ao passar proximo dos rochedos, a ressaca, que ali era forte, impelliu de repente o barco para o largo. O faroleiro desceu apressadamente da colina e veio para a praia.

Trepou para a ponta de um rochedo, e, com o braço estendido, começou a indicar ao neto por onde devia trazer o barco.

—Ao sul—gritava elle, acenando—ao sul. O escaler seguia na direcção do sul.

O faroleiro não tirava os olhos do barco, que navegava á espera de occasião para não encontrar a ressaca. O Macario, a cada instante, voltava a cabeça para traz, esperando que uma vaga o levasse na direcção da praia. Duas vezes tentou ser impellido, mas a onda levantou no dorso o escaler, e deixou-o ficar no mesmo sitio. O faroleiro praguejava afflicto:

—Raios partam o mar!

E, elevando a voz, recommendava ao neto:

—Tem cautella! Espera a monção.

Desceu do rochedo e voltou para a praia.

Quando uma vaga, que vinha ondeando de

longe, se aproximou do barco, o Macario, ao voltar-se para traz, deixou escapar da mão o remo. Tentou apanhal-o; mas, erguendo-se de repente, desequilibrou o barco, e o remo, saltando fora da forqueta, cahiu á agua e afastou-se para longe. O faroleiro ergueu os braços tremulos n'um gesto de afflicção, e exclamou:

—Lá vae um remo! Está perdido!

Subiu rapidamente a praia até ao sopé da encosta, esperando ancioso que passasse alguém que fosse chamar soccorro. A estrada estava deserta. Voltou logo para a beira do mar. O barco continuava no mesmo sitio, sacudido pelas ondas. O Macario tinha abandonado o remo que lhe restava, e, com as mãos aferradas ás amuradas, esperava que uma vaga mais forte impelisse o barco para o areal. De longe, e em diagonal com a costa, vinha ondeando o mar n'um vagalhão escumoso, que roncava ameaçador. Era o lance decisivo. Ou aquella vaga trasia o barco para terra, ou o deixava ali, em risco de ser tragado pelo redemoinho da ressaca. O faroleiro, com a respiração suspensa, não desviava os olhos arregalados do barco, fitando-o com a fixidez angustiosa de quem prevê uma grande desgraça.

Chegou a vaga, ergueu no seu dorso o barco, pondo fóra d'agua uma parte da quilha, fel-o dar uma volta rapida, e arremessou-o violentamente d'encontro aos rochedos.

O faroleiro levou de repente as mãos ao peito, como se sentisse subitamente estrangulado, soltou um grito rouco, e cahiu redondo, ficando estendido na areia, parallelo ao mar!

*
* * *

Quando cahiu a noite, já no ceo brilhavam as estrellas. Tinha amainado o vento, e o murmuriço doce do mar parecia o arfar compassado e lento do peito de um gigante, que acabasse de sustentar uma lueta formidanda.

A filha do faroleiro, vendo que nem o pae nem o Macario appareciam, sahiu de casa sobresaltada. Foi direita ao farol, e ficou espantada de o ver ás escuras, quando, áquella hora, devia já estar com as lanternas accesas. A porta da casa da guarda estava aberta.

—Meu pae—gritou ella.

Ninguem respondeu. Desceu a correr a encosta, e foi á barraca do José Piloto. Contou de afogadilho o que se passava. Nem o José

Piloto, nêem nenhum dos marinheiros que ali estavam, tinham visto o faroleiro. A pobre mulher desatou a chorar afflicta, suplicando em soluços que a ajudassem a procurar o pae e o filho. Sahiram todos da barraca.

—Não se afflija—dizia o José Piloto para a consolar—não se afflija, que elles hão-de apparecer. Vamos em busca d'elles.

A alguns passos da barraca, parou, e considerou:

—Pelos modos, como se não avistava nada ao lônge, o faroleiro embarcou com o neto; e, como o mar era muito, em vez de voltarem por onde havia rochedos, foram saltar em qualquer sitio que não tivesse pedra.

—Não foi outra cousa—obtemporou um dos freguezes da barraca.

—O melhor, por isso—resolveu o José Piloto—é irmos em dois ranchos, um que vae pelo norte, e outro pelo sul.

Separaram-se em dois grupos, seguindo um para o norte com o José Piloto, á frente, e outro para o sul com a filha do faroleiro.

*

* *

Andavam correndo toda a costa com archotes accesos. A cada passo, por entre o marulho brando das ondas, ouviam-se estes gritos, que partiam, umas vezes d'um, outras vezes d'outro grupo:

—Ó meu pa... ae!

—Ó farolei... eiro!

E estes gritos, repetidos a cada instante, pro-

longavam-se na vastidão silenciosa da costa, echoando, como um lamento, nas anfractuosidades dos rochedos. O clarão dos archotes, ora apparecia no alto da penedia, seguindo os accidentes escabrosos, ora baixava ao areial; e, de longe, na penumbra fumacenta que se espalhava em torno da chamma, destacavam-se as figuras do grupo, marchando e gesticulando como sombras sinistras.

—Ó meu pa... ae!

—Ó farolei... eiro!

*

* *

Foi o grupo do José Piloto o que primeiro chegou á praia, onde embarcara o Macario. O homem, que caminhava á frente, com o archote erguido ao alto, ao saltar da rocha para a areia, estacou de repente, e exclamou:

—Cá estão elles!

Desceram os outros precipitadamente.

E lá estavam! Lá estavam estendidos na areia, á borda do mar, o faroleiro e o Macario, um chegado ao outro, como se uma onda carinhosa houvesse trasido o corpo do neto para o juntar ao corpo do avô. Acercaram-se todos em torno dos dois mortos, contemplando-os silenciosos e consternados.

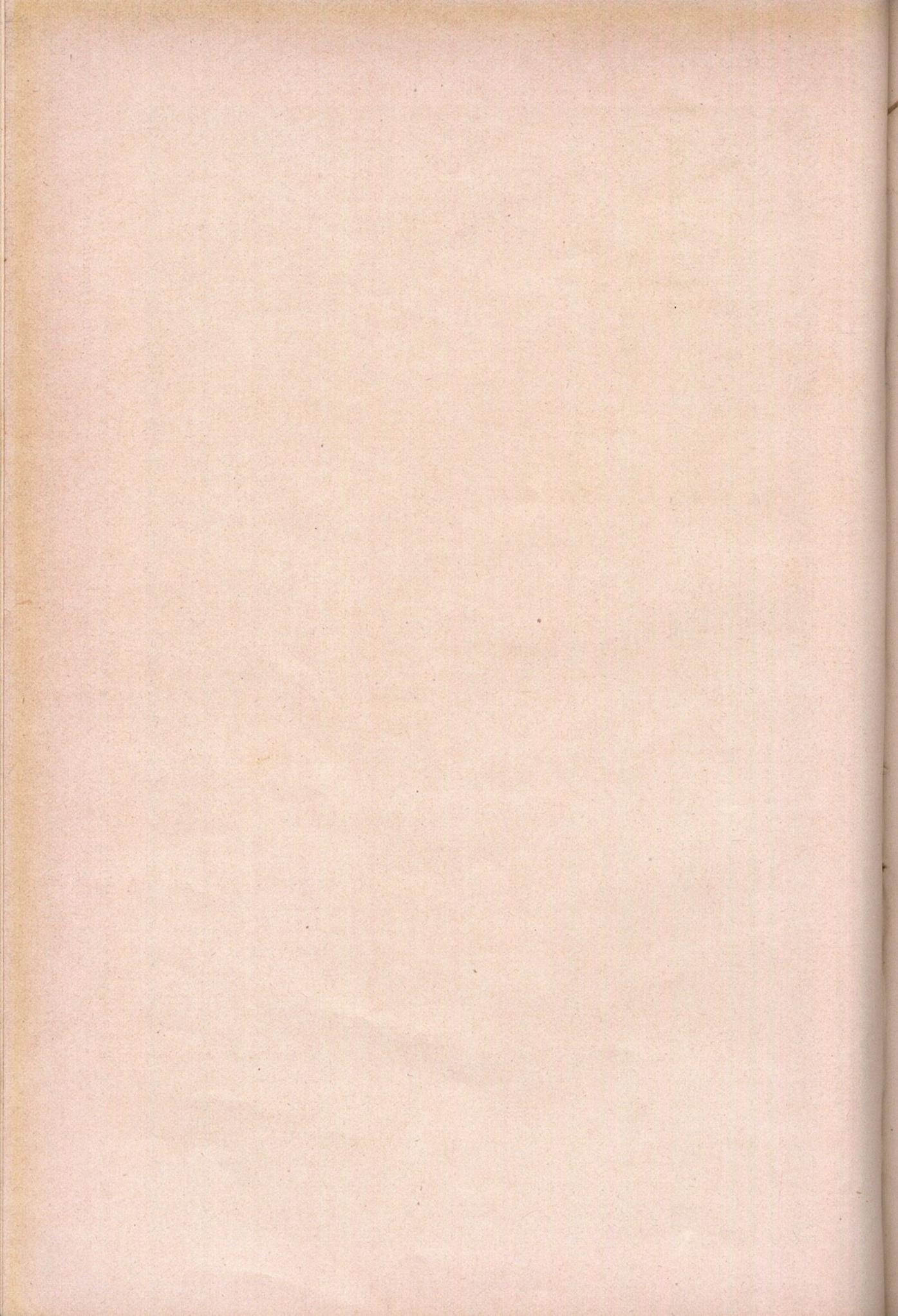
E, como a noite estava serena e a maré vinha subindo lentamente, as ondas, que se espraiavam na areia, cobriam o faroleiro e o neto com um manto de espuma branca, como se fosse o mesmo lençol de linho a amortalhar os dois cadaveres!





AS ONDAS, QUE SE ESPRAIAVAM NA AREIA, COBRIAM O FAROLEIRO E O NETO COM UM MANTO DE ESPUMA BRANCA, . . .

Neto do faroleiro, pag. 16





Qui locus Ulyssiponi imminet
freto inter fluente Tago, saluber
coelo, fontibus exuberans, Musarum
otii commodissimus.

(PROLOGO ÀS OBRAS de Jayme Fallão.)

ENTRE OS quadros que Lisboa, a linda Lisboa, *Lisbon the fair*, como lhe chamou um escriptor americano, offerece para regalo dos olhos dos seus habitantes, figura o panorama da Outra Banda. Na sinuosa linha que além do Tejo corre desde as indecisas planuras do Montijo, subindo longe ao altivo castello de Palmella, e dobrando pelo Barreiro e Seixal vem quebrar-se no Pontal de Cacilhas, para, depois d'uma ascensão rapida, se prolongar com accidentes varios ao largo, até ás costas da Trafaria, e alcançar o isolamento do Bugio; n'essa linha, que traça uma das mais bellas paysagens do mundo, o olhar de quem sabe olhar, e de quem sente o que olha, descança docemente n'um dos refegos da encosta, onde se aninha a casaria branca de Almada.

Ou seja nas tardes claras em que a humidade da atmospheria serve de lente e aproxima de nós as minuciosidades do quadro, mostrando-nos nitidamente as fachadas das casitas claras, os campanarios graciosos de Santa Maria e S. Thiago, o castello, as copas verdes e ramalhudas das arvores, e mais para a direita do espectador, em contraste com a risonha villa, o severo e sisudo convento de S. Paulo; ou seja, nas manhãs de outomno, em que a paysagem se distancia mais e uma tenue neblina esbate os contornos dando aos objectos phantasticas fórmulas cheias

de indeciso e de mysterio; ou seja nas noites de plenilunio, em que, batidas de luar claro, as casas, a torre e o castello tomam o ar d'um scenario de ballada, e dominam com poesia severa a prata liquida do Tejo; Almada, a loureira visinha de Lisboa, tem sempre um encanto a que só se escapa o paladar embotado do espectador alfacinha que nasceu a ver a Outra Banda, e que, distrahido, n'ella não attenta.

E, comtudo, quem nos carros electricos, percorrendo cada dia a margem direita do Tejo, levado aos seus negocios ou attrahido pelos seus prazeres, olhar pelos intervallos das monstruosidades que se amontoam ao longo da linha marginal, como biombo asqueroso, e quem subindo a Santa Catharina, onde discreteavam os velhotes do Tolentino, ou ao adro das Chagas, onde galanteava Camões, reparar na margem fronteira, e deixar cahir a vista n'essa pequenina villa, tão garrida, sente de certo, além do pittoresco do espectáculo, aquelle phenomeno de evocação, que nasce das coisas que atravessaram a Historia.

De facto, Almada tem no grande livro dos fastos da peninsula alguns pequenos capitulos, ou pedaços d'elles, que lhe dão foro de fidalguia, e chamam o nosso interesse.

Appellidaram-n'a os latinos *Cetobrix*, ou *Cetobrica*, e os arabes *Hosnel-Madan* (fortaleza da mina) ou *Almadan* (mina de ouro ou prata).

Frei Luiz de Sousa, que ainda quando era o brilhante Manuel de Sousa Coutinho, habitava o seu palacio n'esta villa, dá-lhe como etymologia a phrase dos cruzados inglezes que em 1147 ajudaram Affonso Henriques a tomar-a aos mouros, e os quaes, tendo acabado a faina, e querendo dar-lhe o nome da ventura e bom successo, exclamaram na sua lingua — *all is made*. Tudo está feito e acabado!

Na *Monarquia Lusitana* se diz tambem que os capitães inglezes que a povoaram, lhe chamaram ao principio *Vimadel*, que vale o mesmo que — *Povoação de muitos*.

Em materia de etymologia tudo é possível. Mas como os mouros a habitaram antes da chegada dos inglezes, que depois vieram povoal-a, é mais provavel que a origem do seu nome arabe venha das minas d'ouro da Adiça, que ali havia proximo, e que deram mais tarde uma corôa a D. Diniz e um sceptro a D. João III. Dizem outros que Almada tomou o nome de um arabe que a senhoreava chamado *Almades* ou *Almadão*.

O que é certo é que depois de romana foi arabe, até que os cavalleiros inglezes, companheiros de *Guilherme da Longa Espada*, vindo auxiliar Affonso I na conquista christã, a tomaram, saquearam e depois habitaram.

D. Sancho I doou-a aos cavalleiros de S. Thiago, que ali perto tinham o seu fidalgo castello em Palmella, e D. Diniz encorporou-a na corôa.

Teve destinos varios, sendo devastada n'uma investida do Miramolim de Marrocos, que depois foi obrigado a recuar, refugian-do-se em Hespanha.

Mas o facto culminante da sua historia é a heroica resistencia dos habitantes durante o cerco de Lisboa, em 1834.

UM CÊRCO NO SECULO XIV

Corria o mez de maio, sereno e tepido. D. João I de Castella, depois de se desfazer de D. Leonor Telles, sogra que se lhe tornára inutil e até importuna, desde que d'ella arrancára a regencia do reino, e tendo-a enviado para Tordezillas, a esmagar entre as paredes do convento as suas ambições violentas, a abafar na clausura ás paixões ardentes que ainda a minavam, e emmurchecer na sombra a sua belleza sempre provocante, resolveu vir de Santarem, pôr cerco a Lisboa.

O seu exercito numeroso, brilhante e aguer-rido, encaminhou-se para a capital, talando os campos, devastando as povoações, matando os habitantes.

Chamára além d'isso todo o poder de Castella em seu reforço. Ordenou ao marquez de Vilhena, ao arcebispo de Toledo e a Pero Gonçalves de Mendonça, que lhe trouxessem pelo menos mil lanças. Mandára que o seu almirante Fernão Sanchez de Toar, se juntasse em Castella com o conde de Niebla, com o mestre de Alcantara, com o prior dos Hospitalarios portuguezes e com outros, para que depois de tomadas as praças do Alemtejo se reunissem a elle no cerco de Lisboa.

No dia 26 de maio começaram a entrar no Tejo as primeiras galés castelhanas. A 28 o rei de Castella, que estava no Lumiar, marchou sobre a cidade. Veiu por Campolide com a sua hoste, a cavallo, acompanhado de muitos peões, e besteiros; e chegando a Monte Olivete, perto de onde hoje é a praça do Principe Real, e onde ainda uma rua conserva aquelle nome, ahi se demorou um dia, para d'aquella altura observar uma grande parte da muralha da cidade. Corria ella então por onde hoje está S. Roque, em direcção ao Tejo. E ali perto abria-se a porta de Santa Catharina, junto ao convento da Trindade, onde os frades, animados de ardor patriótico, muito contribuíram para a resistencia heroica da cidade. N'esse dia, os de Castella andaram por aquelles arredores, que então eram campos deshabitados, cortando arvores, arrancando vinhas. Ali se deu a primeira escaramuça com os portuguezes que sahiram da cidade.

Na manhã seguinte desceu El Rei de Castella a encosta, e mandou assentar o arraial junto do mosteiro das Donas de Santos, da ordem de S. Thiago, edificio que actualmente é o palacio dos marquezes de Abrantes e freguezia de Santos-o-Velho.

Era um deslumbramento esse arraial, onde se estabeleceu o rei, a rainha D. Beatriz, todas as suas damas e um numeroso exercito composto de mais de trinta mil homens.

Para El-Rei e rainha construiu-se uma casa sobradada, feita de quatro traves grossas e cercada de paredes de pedra secca. Em redor as numerosas tendas de senhores e fidalgos que com elles vinham, ostentavam os pendões, as armas e as signas de cada um. O restante do exercito estendia-se por Alcantara e Campolide, em bem alinhadas ruas que



NA MANHÃ SEGUINTE DESCEU EL-REI DE CASTELLA A ENCOSTA

davam ao arraial o aspecto de uma cidade de prazer.

Havia a rua dos armeiros, a dos mercados christãos e judeus, que vendiam pannos, e *folias* e muitas outras coisas. Havia a rua dos *cambadores*, para compra e venda de moedas de ouro e prata. Parece, porém, que minguavam os sapateiros, porque o chronista nota que de *calçaduro* nunca foi o arraial bem abastado.

A justiça, como quem diria hoje a policia, era tão bem feita, que cada um podia dormir descansado, ainda mesmo que sobre si tivesse grossos cabedaes. Ali havia fisicos, *solorgiões* e boticarios, e nas coisas de prazer era o arraial abundantemente provido. De Sevilha vinham não só armas e mantimentos, como asucares, conservas, agua rosada e outras distilladas, de que os *viçosos homens usavam nos tempos de paz*, e até mesmo havia *rua de mulheres mundanarias no arraial, tamanha, como se acostumava nas grandes cidades*.

A guarda d'esse arraial era vigilante em terra para que ninguem pudesse sahir da cidade sem ser visto.

E no mar, cerca de Almada, jaziam sempre

duas galés, para que a cidade não recebesse mantimentos pelo rio. Além d'isso outras naus, desde Cata-que-farás até ás portas da Cruz, cercavam pelo rio a cidade, que pela terra estava apertada n'um cinto de ferro.

Resistia valentemente. É digno de ler-se o capitulo de Fernão Lopes, em que descreve a heroicidade dos habitantes, a bravura dos soldados, a energia do Mestre de Aviz, e o entusiasmo com que a população quando ouvia repicar os sinos da Sé corria ás muralhas, com espadas, lanças e pedras, que arremessava contra os castelhanos, cobrindo-os de apupos, brados e risadas de escarneo. Os frades da Trindade distinguiam-se usando das melhores armas que podiam haver, e os moços, sem medo, levando pedras fóra dos muros para fazerem a barbacan, cantavam:

«Esta es Lisboa prezada, miralda, y leixada, se quisieredes carnero, qual dieron al Andero, si quisieredes cabrito, qual dieron al arcebispo».

Do outro lado, Almada tambem estava pelo Mestre de Aviz.

Ora por este tempo aconteceu que Diogo Lopes Pacheco, velho de oitenta annos, que fugira para Castella depois da tragedia de Ignez de Castro, tendo resolvido vir ajudar o Mestre de Aviz, e sabendo que Lisboa estava cercada, subiu por Cacilhas junto a Almada, com seus tres filhos e trinta homens, que o acompanhavam, querendo entrar na villa, dizendo que lh'a dessem, que fossem seus e que elle lhes faria mercês. Os do conselho da villa recusaram por julgarem que elles fossem castelhanos. O velho pousou com os seus no arrabalde da villa.

Ao cabo de tres ou quatro dias, tendo o rei de Castella noticia de sua vinda em auxilio do mestre, mandou de noite, em galés e bateis, passar muita gente. Formou-se uma pequena columna que pela estrada que vem de Coina se dirigiu a Almada. Os da villa, tendo noticia d'isto, juntaram-se aos homens de Diogo Lopes e seus filhos, e com oitenta homens de cavallo, gente de pé e besteiros sommaram uns quatrocentos e cincoenta.

Os de Castella só de cavallo eram quatrocentos, fóra os muitos besteiros e peões. A manhã era de nevoa cerrada. Apesar da sua superioridade, os castelhanos perderam quarenta homens, e os portuguezes apenas sete.

Os filhos de Diogo Lopes fugiram para Ce-

zimbra. O velho foi preso, assim como Afonso Gallo, recebedor da villa.

Então os castelhanos atacaram Almada, e, como não lhe podessem fazer damno, poze-ram-lhe cerco.

Este cerco foi um horror!

Do lado de terra defendia-se a villa contra os ataques ordenados pelo rei de Castella.

Do lado do mar não a podiam combater por causa da grande altura a pique sobre o mar.

Outra especie de guerra lhe fizeram mais cruel e efficaz. Tentaram reduzi-la pela fome e pela sêde. A uma e outra o povo de Almada resistiu heroicamente.

Depois que a esquadra de Castella veiu sobre Lisboa, os moradores de Almada acolheram-se ao castello em dois bateis bailheiros, em que ás vezes levavam mantimentos á cidade, e para que os castelhanos não os tomassem na peleja que se travou, e em que houve uns 16 feridos, queimaram-n'os.

A villa ficou cheia de gente, e provida ainda então de mantimentos: pão, vinho, carne e outras coisas que calculavam poder durar seis mezes.

A agua, porém, começava a escassear. Apenas a havia n'uma pequena cisterna, á qual foi posta uma guarda severa, que distribuia a cada habitante apenas *uma canada* por dia. E o calor ia apertando...

E havia dois mezes que a villa estava cercada...

Os seus habitantes faziam sortidas arriscadas, á caça dos castelhanos pelo termo, a Ce-zimbra e Arrentella. Um dia mataram mais de trinta em um lameiro.

Estas sortidas eram realizadas pela porta da Barroca, que chamavam Mejão frio, e defrontava com o mar.

Os castelhanos, por mandado do seu rei, tentaram então cavar uma mina para fazerem saltar uma alta torre que estava sobre a porta do castello.

Isto foi presentido pelos portuguezes, que se apressaram em augmentar a barbacan ou pequena muralha fóra da alcaçova. Ali foram sahir os sitiantes com a bocca da cava travando-se então rija peleja, em que houve muitos feridos, o que contrariou sobremaneira o rei D. João de Castella, que resolveu ir elle proprio combater Almada, para onde se dirigiu, com as suas gentes e capitães.

Mandou então construir no campanario da

egreja de S. Thiago um *cadafacens* de madeira, d'onde podesse ver toda a villa e assistir ao combate.

Trepou-se a elle, e ordenou que o logar fosse atacado «com gente d'armas e de pé, e tiros e béstaria, e fundas de demogrillas e outras artilherias de combate!» Durou esse ataque desde a hora da terça até depois do meio dia.

A essa hora o rei desceu á igreja para comer. Foi a sua salvação, porque os da villa — imaginando que elle ainda se achava sobre o *cadafacens* de madeira — resolveram atirar-lhe um tiro. Esse tiro, que, atirado horas antes, teria morto o rei de Castella e adeantado, decerto, a victoria do Mestre de Aviz, que teria libertado Almada e Lisboa, que teria supprimido Aljubarrota e a continuação da epopéa do Mestre e do Condestavel, que teria decidido a sorte dos exercitos e da guerra da independencia, diminuindo o brilho da victoria, mas antecipando a fundação da dynastia de Aviz e alterando a sorte de Castella, esse tiro apenas matou dois homens obscuros, e feriu tres. O rei já lá não se encontrava. Estava na igreja, jantando. Amargou-lhe porém, decerto, a comida. Ainda tentou o recurso de atirar com uma bombardada do pezo de cinco quintaes, mas não tirou resultado do primeiro tiro de pedra, e ao segundo, a machina de guerra inutilisou-se.

Subiu a colera no animo do rei, e vendo que os de Almada se não queriam entregar, e resistiam aos seus ataques, lavrou ali solenne protesto de nunca preitejar com elles, nem com elles negociar qualquer fórma de capitulação.

Haviam de render-se. Haviam de ser vencidos, e para isso lhes deixava Pero Sarmiento e João Rodrigues de Castanheda, com abundancia de gente para o exterminio. E, dadas essas ordens, voltou raivoso ao arraial do lado de cá do Tejo.

O calor ia apertando, e o verão, adeantando-se, queimava a pequena villa de Almada.

Narra então o velho Ferrão Lopes, na sua linguagem rude e expansiva, as angustias d'aquelle transe. E tão intensamente dramática é a situação que a crueza da sua expressão não chega a ser indecorosa.

«Onde sapei, diz elle, que dentro na villa eram uns quarenta cavalleiros afóra bestas de serventia, e quando a agua foi mingua-

da, houveram conselho de não darem de beber ás bestas, e foi tanta a sêde d'ellas, que ali, onde mi... os homens, iam as bestas chuchar, e comiam aquella terra molhada».

Foi tal o horror de verem assim os animaes padecer, que ordenaram lançal-os fóra para os não verem morrer, e como receiavam que deitando-os para a villa, os castellanos se aproveitassem d'elles, lançavam-n'os de cabeça para o mar!

E o calor ia sempre apertando!... E a agua da cisterna a diminuir.

Começaram então a amassar o pão, e a cozer as comidas com o vinho das adegas. Até o proprio peixe tinham de cozer n'esse mesmo vinho, sendo obrigados a comer tudo emquanto quente, pois que depois de esfriar lhes repugnava.

N'isto a cisterna seccou de todo.

Recorreram então, tal era o horror da sêde, a uma agua estagnada e verde, que desde as ultimas chuvas tinha ficado em charcos fóra dos muros do castello. N'esses charcos, antes do cerco, as mulheres da villa lavavam as «roupas infundidas e os trapos dos meninos» e agora, desde que ellas não podiam arriscar-se ali, estavam esses pantanos coalhados de cães e gatos, e outros animaes mortos.

Pois era tão grande a sêde d'aquella gente, que para obter essa agua immunda, alguns homens, em cada dia, arriscavam a vida. Como estava fóra dos muros, iam de noite descendo por cordas, a furtal-a; coziavam-n'a, e depois de fervida a bebiam e amassavam o pão com ella. Mas os castelhanos em breve deram com isso. E nas noites calidas de julho, os portuguezes, para poderem dar de beber a suas mulheres, e a seus filhos, tinham de sustentar luctas rijas, em que houve muitos feridos de uma parte e de outra.

Mas como o calor apertava sempre, os proprios pantanos seccaram.

Recorreram então á agua do mar, e tentaram recolher em tinhas agua doce, lá em baixo, na ribeira. Cavaram na barroca um caminho, e por elle desciam ás occultas.

No primeiro dia sahiu-lhes bem o estratagemas, e trouxeram agua á vontade.

Apercebidos, porém, os castelhanos pozeram guardas áquelle caminho, e quando dezeseite portuguezes iam na segunda noite recolher a agua, foram atacados com dardos e settas, por mais de um cento de inimigos

Mortos tres portuguezes, os outros quator-

ze, mal feridos, conseguiram ainda assim recolher dois ôdres meios de agua. As tinhas, porém foram quebradas pelos castelhanos.

Era o ultimo recurso!

E o calor ia apertando! Julho meciava-se abrazador. Morria gente de sêde. Algumas mulheres e creanças fugiam de noite para os campos.

Accenderam-se almenáras, fachos sinistros que davam signal a Lisboa da angustia dos habitantes de Almada, que no emtanto heroicamente resistiam, sem quererem render-se.

Bem viam e sentiam os de Lisboa aquelle drama pungente, mas em nada podiam valer a seus irmãos.

Ainda assim, o Mestre de Aviz tentou enviar uma pequena barca com recursos, polvora e armas. Foi tomada pelos castelhanos

Então, um cavalleiro gascão chamado Mosen Mone, lembrou-se de levar atado com uma corda, o recebedor Affonso Gallo, que fôra preso por occasião das escaramuças em que Diogo Lopes Pacheco tambem tinha sido preso.

Em frente á muralha disse aos de dentro que se rendessem, que o rei de Castella lhes faria mais mercês, e que se não, Affonso Gallo seria morto ali mesmo, á sua vista.

Os de dentro teimaram em que não se renderiam, e com um tiro certo deram com o gascão morto. O portuguez ficou vivo.

Novo motivo de queixa para o rei D. João de Castella, que ao relatárem-lhe o facto, jurou que todos haviam de morrer pela espada.

Julho acabava. O Mestre de Aviz, dentro de Lisboa, affligia-se com as tribulações dos bravos de Almada, mas de modo nenhum podia corresponder-se com elles, e conhecer realmente a sua situação.

Appareceu-lhe então um homem natural de Almada, que viera na frota do Porto e disse que, nadando, levaria o recado do Mestre aos da villa da Outra Banda. Aceitou o Mestre esse offercimento, e por escripto mandou o seu recado para o informarem das condições em que se achavam.

Atravessou esse homem, de noite, o rio, nadando com valentia, até á Ribeira do Monte. D'ali subiu dissimuladamente pela barroca ao Mejão Frio, e fallando aos do castello, estes, conhecendo-o, lhe abriram a porta. Tomado o recado, informaram o mensageiro da sua situação angustiosa.

E aquelle homem, com a simplicidade inge-

nua dos heroes, ouvida a resposta, de novo voltou a nado para Lisboa, arriscando n'essa noite mil vezes a vida, não só luctando com as correntes do Tejo, como expondo-se á vingança dos castelhanos, que se aqui ou na outra margem o presentissem, tel-o-hiam logo morto.

Ouvido pelo Mestre o relatorio dos padecimentos dos seus fieis d'além, passado tres dias mandou o mesmo homem, de noite, com recado a Almada, para que, em vista da situação, os seus habitantes preitejassem com o rei de Castella. E ainda em levar recados e trazer respostas, o heroe, cujo nome ficou ignorado, passou o Tejo seis vezes, a nado, sempre de noite.

Então, de accordo com o Mestre de Aviz, resolveram os de Almada capitular, e para isso mandaram emissarios.

Mas o rei de Castella, que sabia que todos os dias morria gente á sêde, e esperava que assim elles se rendessem, recusava-se a preitear com elles.

Interveiu então a rainha D. Beatriz. Confrangia-se porventura o seu coração de mulher com a narrativa dos horrores que ali perto estavam soffrendo mulheres e creanças, e não era talvez insensível ao seu animo de portugueza, que fôra, a heroicidade com que portuguezes se defendiam tão tenazmente.

Implorou do marido que perdoasse e entrasse em negociações. Foi afinal concedido que, aos habitantes, se lhes segurassem «corpos e haveres e cada um ficasse em sua casa».

No dia primeiro de agosto, o rei D. João e a rainha D. Beatriz, sahindo do seu luxuoso arraial de Santos, embarcaram em festivas galés, dirigindo-se á Outra Banda, onde lhes foi entregue a villa e as chaves d'ella.

Almada defendera-se heroicamente, e capitulava agora com honra, escrevendo mais um capitulo brilhante na historia de Portugal.

Pouco depois ainda a vemos figurar quando Nuno Alvares Pereira, descendo d'Evora, resolveu vir a Almada, sobre Pedro Sarmiento, capitão castelhano, que com elle não quizera pelejar.

Veiu pelo castello de Palmella, onde se apresentou e d'onde ao dia seguinte, por desfas-

tio, sahiu a correr monte, matando um porco. Conta-se até que resolveu presentear o seu competidor com este porco.

O caso é que veiu por Azeitão, de noite, e por os guias não serem bem certos e andarem fóra dos caminhos, só chegou a Almada com sol nado. Esperava ahi surprehender Pedro Sarmiento. Mas este estava em Lisboa. A sua hoste, porém, ficára ali, e por não esperar esta investida, quasi todos dormiam.

Levantaram-se á pressa, e combateram desordenadamente. Fugiam quanto mais podiam, e alguns ainda por vestir, como aquelle João Rodrigues de Castanheda, que nem podera envergar o gibão. Singular peleja aquella, em que até alguns capitães se evadiram pelos telhados.

Refere Fernão Lopes que, reunida a sua gente, ordenára Nuno Alvares que todos se collocassem no monte, sobre o mar, para serem vistos de Lisboa, d'onde effectivamente os lobrigaram com grande prazer os cercados na cidade, e com enorme furor o rei de Castella, e Pedro Sarmiento, o fronteiro, que tambem, meio vestido, se metteu em uma galé, dirigindo-se a Almada. Já ali não encontrou Nuno Alvares, que muito descansadamente regressára a Palmella, onde á noite acendeu almenáras para avisar os de Lisboa, que ali se achava. De cá responderam-lhe com muitas tochas no eirado dos Paços, onde o Mestre pousava.

Termina o pittoresco Fernão Lopes, dizendo: Nuno Alvares apagou seus fogos por cobrar o somno que de antes perdera, onde fique com boas noites; nós tornemos ver esta attribulada Lisboa em que ponto está!!

Durou ainda um mez o cerco que o rei de Castella lhe pozera havia mais de tres.

A peste que dizimava o brilhante arraial, atacou a rainha, a quem deram duas tramas. No sabbado tres de setembro, o rei de Castella, roido de raiva, ordenou que o cerco fosse levantado e que o fogo consumisse o arraial.

Ardeu todo o domingo.

O exercito castelhano arrastou-se, combalido, com a rainha doente, por Santo Antão, Torres Vedras, até Santarem. Lisboa estava salva!

O Padre Himalaya

E

O SEU INVENÇÃO

O QUE FOI A EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ

Os americanos do Norte, organisando a Exposição Universal de S. Luiz, quizeram realizar um grandioso certamen em que, pela exposição comparativa das machinas, aparelhos, processos e methodos de operar; pela exhibição de objectos analogos de diferentes épocas, de modelos demonstrativos do augmento da força productiva das variadas industriaes e das variações do gosto; pela relação de todos os pormenores respeitantes a todas as amostras e especimens dos productos que fossem objecto de commercio, indicação de procedencia, de quantidade produzida, de importação, exportação e preços; pela estatistica e quadros graficos dos grandes movimentos de transporte; pela comparação das superficies destinadas á cultura, das quantidades de produção agricola annual, dos preços e dos valores dos terrenos, das populações, etc.; pelos ensaios praticos; pelas conferencias de sciencia applicada; pelos concursos internacionaes destinados á escolha dos melhores instrumentos de trabalho; pelas provas dos productos alimenticios; e, finalmente, pelo agrupamento de todas as bellas-artes—fosse possivel verificar o estado actual, exacto e limpido, da civilisação e da economia social dos povos, e se procurasse favorecer-lhes o desenvolvimento.

A America, que muito bem conhecia já os grandes factos da actividade dos estados e nacionalidades da Europa, mas somente da sua actividade isolada, entendeu que esses factos só aproveitariam num verdadeiro sentido, quando relacionados com a vida de conjuncto da formidavel civilisação occidental. Os americanos, adoptando o criterio d'um nosso eminente pensador, consideraram cada

estado ou nacionalidade europea como um membro cooperador d'esse todo solidario, factor principalissimo dos altos destinos da humanidade, e quizeram orgulhar-se tambem com o affirmar-lhes, sobre o seu proprio solo, a sua fecunda aspiração na evolução civilisadora.



O PADRE HIMALAYA

Quiz-se pois que a Exposição de S. Luiz tivesse, a par dos seus multiplos fins economicos e commerciaes, um caracter eminentemente pratico de lição de coisas.

No Palacio das Machinas, por exemplo, tudo se movia, se emaranhava e rodopiava numa agitação incessante. Os mais poderosos motores do mundo, as mais inconcebiveis rodas de aço, os mais despropositados cilindros, os eixos mais formidaveis, os embolos mais violentos, tudo isso produzia, a um mesmo tempo, e num mesmo recinto, as mais exageradas sommas de força, unicamente com o fim de bem patentear aos olhos do visitante da Exposição a realidade das mais monstruosas funcções mecanicas, que a ousadia do homem tem conseguido organizar e dirigir.

No Palacio das Manufacturas e no Palacio das Artes Liberaes, assistia-se á produção completa de uma infinidade de artigos que são objecto de commercio universal e de uso commum, e que todavia a maior parte da gente que por ali passava desconhecia nas minucias curiosas da materia prima, do preparo, e da manipulação. A cada passo se via uma fabrica em miniatura, uma officina, um recanto de atelier, onde dois, tres, quatro operarios realisavam em cada dia as oito horas de trabalho da sua especialidade.

No Palacio dos Transportes, onde a histo-

ria d'esta industria era a mais completa, cada carro de cavallos tinha seus cavallos atrelados, e cada boleia tinha seu bolieiro; as locomotivas não andavam mas fingiam que andavam, vendo-se todos os movimentos dos eixos e das rodas; a Pulmann, que é a grande companhia americana dos vagon-leitos e dos vagon-restaurantes, expunha alguns dos seus opulentos comboios de luxo, completos, de numerosas carruagens, exactamente como se os tivesse mandado formar sobre qualquer das mil e uma linhas ferreas que atravessam a America, para excursões de milionarios; as grandes empresas de navegação tinham feito reproduzir pedaços dos seus mais bellos e commodos paquetes, de modo a dar ao visitante da Exposição uma idéa exacta dos seus diversos sistemas de cabines, da magnificencia das suas salas de jantar, das suas salas de fumo, e das suas salas de banho.

No Palacio das Minas e da Metallurgia, era possivel observar em muito interessantes resumos toda a vida de luta, de arrojo eancia, que é a dos obscuros prescrutadores da terra, no que ella tem de mais misterioso e recondito. Havia galerias e labirintos subterraneos tão fielmente reproduzidos, que não era sem um certo sentimento de terror, difficil de vencer em muitos casos risonhos, que os mais curiosos lá entravam.

No Palacio da Educação, havia modelos de escolas, de gymnasios, de institutos, onde só faltava a multidão dos alumnos, suppondo-se que estivessem a férias. Tudo o mais lá estava nos seus logares e nas suas justas proporções, occupando os seus devidos espaços, mostrando tudó como tudo se passa no mundo e na vida escolares.

As sommas de dinheiro despendidas com a Exposição de São Luiz ultrapassaram todos os orçamentos, que já haviam sido talhados á larga. A superficie dos terrenos occupados pelas construcções excedia a de todas as exposições anteriores. A de Chicago em 1893 era de 253 hectares; a de Paris em 1900 era de 135; a de Buffalo em 1901 era de 120; a de Philadelphia era de 95; a de Omaha era de 60. Pois a de São Luiz era de 496 hectares!

Alem dos quinze grandes palacios destinados á installação dos diversos grupos classificados, cada Estado da União construiu o seu pavilhão especial, e cada uma das mais ricas nações estrangeiras levantou tambem o seu Palacio. Ao todo, comprehendia a Expo-

sição 500 edificios. Somradas as dimensões de todos estes palacios e pavilhões, obtinha-se uma totalidade duas vezes equivalente ao que havia na Exposição de Chicago, tres vezes equivalente ao que havia na ultima Exposição de Paris, dez vezes equivalente ao que havia na Exposição de Buffalo.

O APPARELHO SOLAR-PYRHELIOPHORO

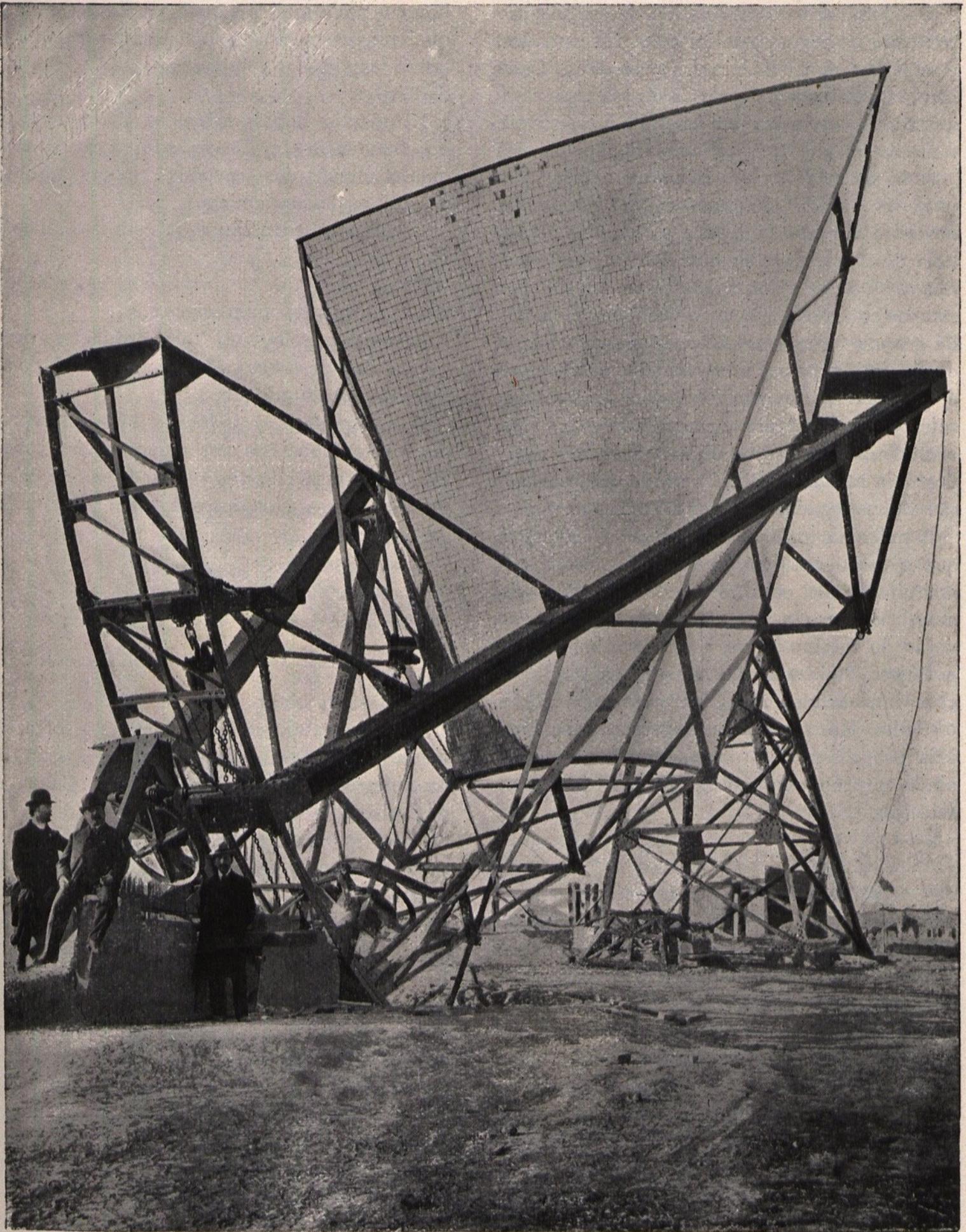
Peis foi no meio de tanta grandesa e tanta maravilha, que o invento de um portuguez pode attrair todas as atenções dos visitantes da Exposição. Esse invento era um aparelho solar denominado Pyrheliophoro («Pyr»—fogo; «Helios»—sol; «Phoros»—eu trago) pela primeira vez exposto ao publico entre os muitos triumphos da sciencia moderna, aglomerados no immenso recinto da chamada Feira do Mundo. O inventor era o Padre Himalaya.

O Pyrheliophoro consiste em um reflector de forma geometrica nova, montado sobre um equatorial tambem de sistema inteiramente novo. A grandeza do reflector é representada por 80 metros quadrados de superficie reflectora, e 6:117 elementos reflectidores. O calor enviado por todos estes elementos concentra-se no interior de uma fornalha, onde a temperatura pode attingir elevadissimo grau; qual será o maximo grau não o disse ainda o Padre Himalaya, persistindo em não o declarar antes de experiencias definitivas. Tudo depende do ajustamento dos reflectores elementares; mas não seria surpresa para elle que a temperatura se approximasse, ou mesmo excedesse a do Forno Eletrico, que é de 3:500 graus centigrados, segundo a escala do professor Violle.

O Pyrheliophoro poderá fundir todos os metaes existentes, e talvez a maior parte ou mesmo todas as rochas conhecidas, comprehendendo o granito, a magnesia pura, que é o corpo mais difficil de derreter; e depois d'este a cal, o boro, a alumina, a sylica ou quartzo, seixo branco que se encontra nas praias e em certos terrenos de Portugal.

É um heliostato notavel pela sua magnitude, simplicidade e originalidade de todos os seus orgãos.

O reflector tem a forma de um sector truncado de um paraboloide de revolução. As suas dimensões são estas: Desenvolvimento da curva na base do sector 10^m,75; desenvolvimento da curva ao nivel da truncação, 5^m,25; distancia media do reflector ao fóco, 10^m;



O PYRHELIOPHORO DO PADRE HIMALAYA

diametro do fóco, $0,015$; superficie reflectora, 80m^2 ; numero de elementos reflectores, $6:117$; grandeza de cada elemento, $123 \frac{\text{m}}{\text{m}} \times 98 \frac{\text{m}}{\text{m}}$.

Os elementos reflectores são de cristal puro prateado na parte posterior com tres camadas, e cobertos com uma pintura protectora. Cada elemento é fixado por tres parafusos especiaes, armados com molas em espiral, que permitem obter um rigoroso ajustamento.

Acha-se o reflector montado sobre um novo sistema de equatorial collocado na linha norte-sul verdadeira, sendo a machina orientada de fórma a acompanhar o sol desde manhã até á noite. O orgão destinado a effectuar esta orientação é um apparelho de relojoaria de grande força e precisão, tambem estudado e construido pelo Padre Himalaya. O forno é um cilindro de aço revestido de materias refractarias, devendo encontrar-se o fóco no eixo d'este cilindro, e nunca tocar nas paredes para não as fundir. Os productos fundidos são descarregados por uma porta lateral.

A machina exposta em S. Luiz foi a quarta que o inventor construiu. A primeira experimentara-a elle em Paris, nos principios do anno de 1900; a segunda nos Pyreneus, no verão do mesmo anno; a terceira em Lisboa, em 1902. Por meio de successivas modificações introduzidas nos diversos instrumentos, o Padre Himalaya tem realisado consideraveis progressos num caminho não estudado ainda, e propõe-se proseguir-lo até attingir os seus fins.

OS FINS DO PYRHELIOPHORO

—«Trabalhando na terra quando tinha meus doze annos—palavras do Padre Himalaya ouvidas por quem escreve estas linhas—impressionava-me o ver meu pae sair de casa sempre que sobrevinham fortes trovoadas, e ir captar os enxurros que vinham da montanha, para com elles regar os campos quando estava chovendo. Parecia-me aquillo uma especie de mania, e disse-lh'o uma vez. Meu pae respondeu-me que, por experiencia, tinha sempre visto que as aguas de trovoadas engordam a terra, e que mais tarde se conhece nos campos o logar até onde ellas chegaram, pela côr e desenvolvimento das culturas. Não esqueci a lição, mas ainda fiquei na reserva.

Um anno depois de ter ido para os estudos em Arcos de Val-de-Vez, assisti a uma conversa entre dois homens da Serra do Suajo, dizendo um d'elles: «Este anno havemos de

ter muito feno na serra, porque o anno foi de muitas trovoadas». Metti-me na conversa e pedi toda a sorte de explicações. Os pobres homens nada mais me souberam dizer, e eu fiquei na persuasão de que a sciencia poderia talvez explicar o fenomeno, se elle era verdadeiro.

Estudando depois sciencias fisico-chimicas no Seminario de Braga, vim a reconhecer que as chuvas das trovoadas tinham azotatos e azotitos de ammoniaco.

A chimica ficava satisfeita com isto, mas eu não.

Como seria que se formavam esses azotatos e azotitos de ammoniaco?

Inquestionavelmente, taes productos derivavam das descargas electricas atravez do ar saturado de humidade.

E não poderia a industria humana reproduzir este fenomeno por uma maneira continua e universal? Podia, se dispozesse de energias electricas comparaveis com as do raio das nuvens.

FAC-SIMILE DA ASSIGNATURA DO PADRE HIMALAYA

Mas como obter taes energias?

Transformando em electricidade a força cinetica dos ventos e das vagas, ou a energia formidavel das marés, das quedas d'agua e da radiação solar.

Como portuguez, sem todavia esquecer o resto da humanidade, intentei antes de tudo trabalhar para o meu paiz, que tão vivamente amo. E como o meio ambiente do nosso bello Portugal é o sol, comecei pela radiação solar. Estudando de perto o fenomeno da produção dos azotatos de ammoniaco em presença das descargas electricas, reconheci que o raio das nuvens actuava como meio de elevar sufficientemente a temperatura do oxigenio e do azote, e de lhes fornecer instantaneamente a quantidade de calor latente de que elles precisam para se combinar e formar os vapores nitrosos.

Experiencias especiaes me mostraram que o raio actua como calor e não como electricidade no fenomeno da oxidação do azote. Foi então que me occorreu a seguinte idéa: seria possivel concentrar sufficientemente os raios solares até obter um fóco que tivesse uma intensidade comparavel á do raio?

Para responder a esta questão, todos os meus pobres conhecimentos eram insufficientes. Tornava-se necessaria a experiencia. Mas o sol não é facil de domar. A primeira coisa a fazer seria estudá-lo, para lhe conhecer as qualidades e os meios de o conduzir.

Estudar o sol é, implicitamente, lançar-se a gente no estudo do Universo; e nisto gastei o melhor da minha vida. Pouco a pouco fui conhecendo a geografia, a fisica, e a chimica solares, e fui descobrindo os meios praticos de utilizar para o meu fim o calor radiante do sol. N'este campo, a sciencia nada tinha progredido.

Tive eu proprio de abrir o caminho por onde havia de passar, tive de fazê-lo só Deus sabe com que difficuldades!

Conseguiria eu resolver o enorme problema da extracção do azote da atmosfera para fertilisar as terras?

Os doisapparelhos de experiencia que tive em França, e um que fui montar a Lisboa, não me tinham permittido dizer se sim, ou não. Este que V. aqui vê (estavamos no terreno da Exposição, em frente do Pyrheliophoro) e que é o mais perfeito de todos, acaba de me provar que, realmente, o problema é solúvel. A quantidade de vapores nitrosos que já obtive mostra-me que o caminho está aberto.

Sob o ponto de vista scientifico, este apparelho está apto para provar verdades importantes e imprevistas. Assim vejo agora que a origem do calor do sol é muito diversa do que se pensava em Meudon, e do que se pensa em geral. Posso já dizer que o calor do sol não provém da queda de aerolitos sobre a massa solar, nem da contracção da chamada *nebulosa solar*, nem da oxidação da materia de que se compõe o sol, nem de qualquer manifestação radioactiva.

O calor do sol é produzido por gigantescas descargas electricas, que se produzem na atmosfera solar ao nivel da fotosfera.

Mais do que isto, fornece-me este apparelho elementos para determinar a origem da energia que produz essas formidaveis descargas electricas. E esta é, por assim dizer, a

chave dos mais passionantes arcanos do Universo.

Um livro em que trabalho, e que em breve será publicado, conterá as theorias que o estudo e a frequencia dos observatorios me inspiraram, desenvolvidas e baseadas em factos de observação real sobre estes dois formosos mensageiros do Infinito: a luz e o calor do sol.

O aspecto do céu visto do fóco do apparelho, á noite, quando uma estrella se encontra no eixo do paraboloide, é deslumbrante. Vê-se a mesma estrella projectada no infinito a distancias simetricas, e repetida 6:000 vezes. Quando é a lua que passa ao merediano, o fenomeno é ainda mais grandioso, pois se vêem 6:000 imagens da lua no firmamento. E o apparelho mostra que a luz da lua, concentrada 6:000 vezes, contem um certo grau de calor, e especialmente raios actinicos.

Em resumo, os fins scientificos do Pyrheliophoro, são: determinar a natureza e a origem do calor e da luz do sol; estudar as propriedades da materia sob a influencia das temperaturas extremamente elevadas; completar a escala das altas temperaturas, parada no grau da ebulição do carbone e da magnesia no forno electrico.

Os jornaes americanos, tendo recolhido a opinião de muitos homens de sciencia de diferentes paizes, que visitaram a Exposição de São Luiz, estabeleceram o facto de ter sido o Pyrheliophoro a mais imprevista novidade que appareceu no formidavel certamen de 1905, todos dizendo estar o Padre Himalaya na pista de grandes descobrimentos scientificos e industriaes, que podem modificar profundamente as nossas idéas sobre a materia e a força, e sobre a origem, funcionamento e destino do universo. E que se as suas previsões se realisam, se elle chega a captar as forças primitivas da Natureza, como promettem as observações realisadas pelo Pyrheliophoro, a orientação industrial do mundo virá a ser inteiramente mudada, e os paizes até agora atrasados por falta de combustivel poderão vir a ser ainda consideraveis centros industriaes.

ALFREDO MESQUITA



LAGROS DE ENTRES

*Que estranha e longa estrada silenciosa
N'este torvo crepusculo profundo!
Parece, de tão linda e tenebrosa,
Uma estrada que vae para o Outro Mundo...*

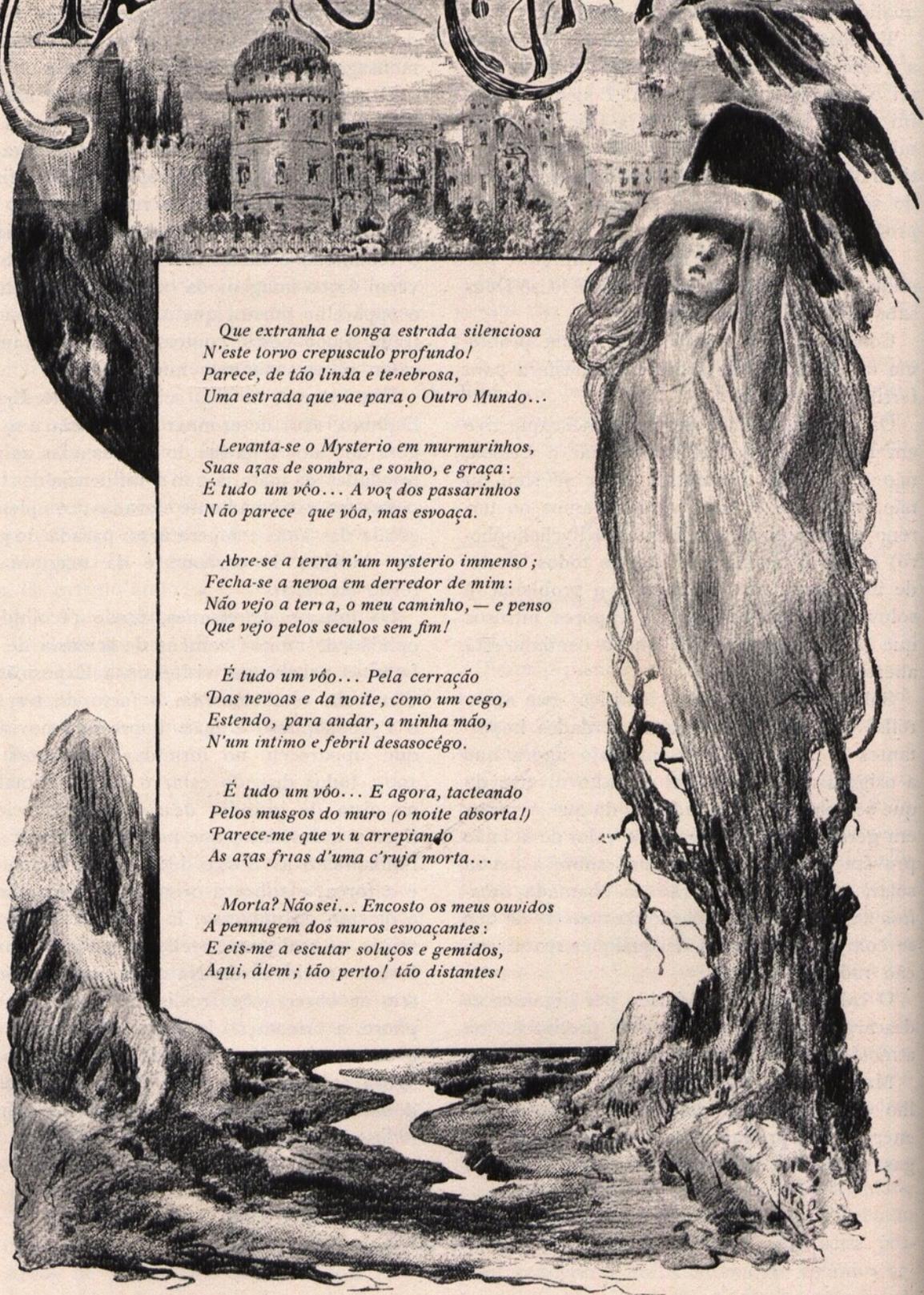
*Levanta-se o Mystério em murmurinhos,
Suas aças de sombra, e sonho, e graça:
É tudo um vôo... A voz dos passarinhos
Não parece que vôa, mas esvoaça.*

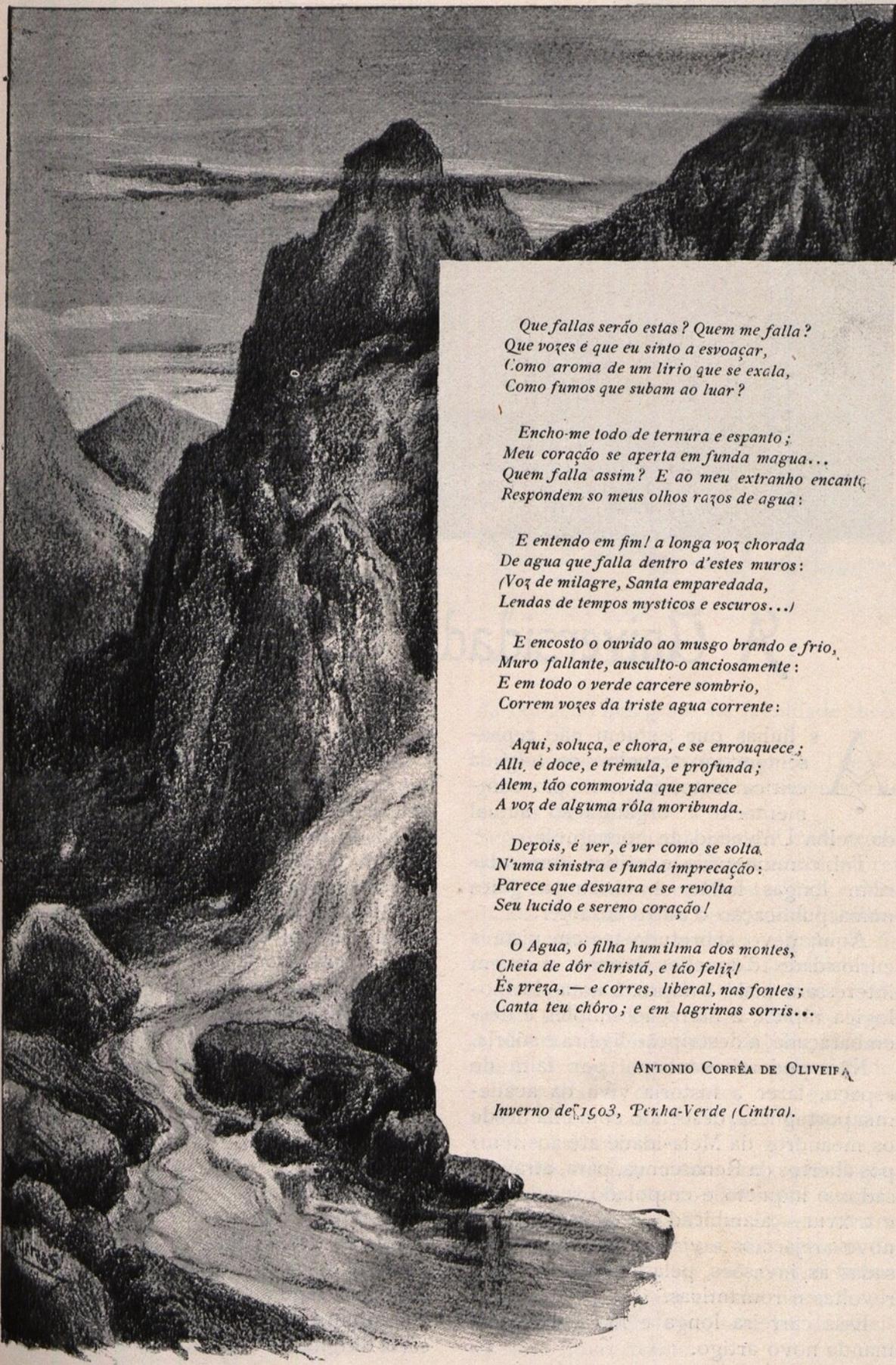
*Abre-se a terra n'um mysterio immenso;
Fecha-se a nevoa em derredor de mim:
Não vejo a terra, o meu caminho, — e penso
Que vejo pelos seculos sem fim!*

*É tudo um vôo... Pela cerração
Das nevoas e da noite, como um cego,
Estendo, para andar, a minha mão,
N'um intimo e febril desasocégo.*

*É tudo um vôo... E agora, tacteando
Pelos musgos do muro (o noite absorta!)
Parece-me que vi u arrepianço
As aças frias d'uma c'ruja morta...*

*Morta? Não sei... Encosto os meus ouvidos
Á pennugem dos muros esvoaçantes:
E eis-me a escutar soluços e gemidos,
Aqui, além; tão perto! tão distantes!*





*Que fallas serão estas? Quem me falla?
Que vozes é que eu sinto a esvoaçar,
Como aroma de um lirio que se exala,
Como fumos que subam ao luar?*

*Encho-me todo de ternura e espanto;
Meu coração se aperta em funda magua...
Quem falla assim? E ao meu estranho encanto,
Respondem so meus olhos raios de agua:*

*E entendo em fim! a longa voz chorada
De agua que falla dentro d'estes muros:
(Voz de milagre, Santa emparedada,
Lendas de tempos mysticos e escuros...)*

*E encosto o ouvido ao musgo brando e frio,
Muro fallante, ausculto-o anciosamente:
E em todo o verde carcere sombrio,
Correm vozes da triste agua corrente:*

*Aqui, soluça, e chora, e se enrouquece;
Alli, é doce, e trêmula, e profunda;
Alem, tão commovida que parece
A voz de alguma rôla moribunda.*

*Depois, é ver, é ver como se solta
N'uma sinistra e funda imprecação:
Parece que desvatra e se revolta
Seu lucido e sereno coração!*

*O Agua, ó filha humilma dos montes,
Cheia de dôr christá, e tão feliz!
És preza, — e corres, liberal, nas fontes;
Canta teu chôro; e em lagrimas sorrís...*

ANTONIO CORRÊA DE OLIVEIRA

Inverno de 1903, Penha-Verde (Cintra).

COIMBRA — Vista geral



A Universidade de Coimbra

As linhas que seguem não representam um trabalho de folgada critica historica, nem um comentario á organisação actual da velha Universidade portugêsa.

Tal commentario e critica demandariam longas folhas e viriam a geito numa publicação d'outro character.

Aqui, devo sobretudo ter em vista a curiosidade d'aquelles leitores a quem interessará mais, sempre, a nota chronologica rápida, a narração simples e desembaraçada, a descripção ligeira e sóbria.

Não poderei também, por falta de espaço, fazer a historia viva da academia portugêsa, descendo com ella desde os meandros da Meia-idade até aos tempos abertos da Renascença, para, atravessados o inquieto e empolado seculo xvii e o xviii — alambicado e chorudo —, de novo arejarmos a vista e o coração, passadas as invasões, pelas alturas das cras revoltas e romanticas.

Essa carreira longa e aventureosa demanda novo artigo.

Mas, indicando datas, relatando successos, expondo modos de ser, descrevendo aspectos desejo, naturalmente, referir-me não só ao que constitue o miolo do assumpto — sciencias cultivadas, sentido do seu estudo, formas de organisação do ensino —, mas também ás installações successivas e á situação material da Universidade, bem como, de época para época, ás condições de existencia e aos traços característicos da instituição professoral e da corporação dos estudantes, vistas uma e outra, embora de fugida, em si mesmas, e na sua posição e attitude perante as outras corporações e classes.

I

1288-1308.

Lisboa. A 12 de novembro de 1288, o abbade de Alcobaga, o Prior de Santa Cruz, o de São Vicente e outros ecclesiasticos, regulares e seculares, reunidos em Monte-Mór-o-Novo — redigiam uma carta dirigida ao Papa, dizendo: que já ha-

viam pedido ao Rei, D. Dinís, a fundação d'um Estudo Geral na cidade de Lisbôa; que o Rei, tendo attendido benignamente o pedido, conviera com elles, como padroeiro dos seus mosteiros e igrejas, em pagar os salarios dos mestres e doutores pelas rendas dessas igrejas e mosteiros — ficando logo distribuída a contribuição; que vinham, pois, supplicar ao Santo Padre a confirmação de *obra tão pia e louvavel*, intentada para serviço de Deus, *honra da patria e proveito geral e particular de todos*.

A carta, escripta sem duvida de accordo com o Rei, que não queria dirigir-se ao Papa, em vista do estado de relações entre elle e a Santa-Sé, não obteve logo resposta. A bulla de confirmação, indispensavel segundo as idéas da época, fez-se esperar quasi dois annos.

Foi só em 9 de Agosto de 1290 que o Papa, Nicolau IV, expediu de Orvieto a bulla *De statu regni Portugaliae*, que dá, claramente, como já existente o Estudo Geral de Lisbôa, representando ella, pois, não o diploma de criação, mas a corroboração da obra realisada pelo Rei D. Dinís.

Nessa bulla, o Papa concedia ao Estudo Geral de Lisbôa privilegios singulares, fôro ecclesiastico, e a honra dos graus academicos.

O quadro do Estudo Geral, vasado de certo sobre o de outros Estudos ou Universidades, como a de Bolonha, por exemplo, era ao tempo de pouca larguêsa.

Comprehendia uma cadeira de *Direito canonico*, uma de *Direito civil*, uma de *Medicina*, e duas de *Artes*: a de *Dialectica* e a de *Grammatica*, além da cadeira de *Musica*.

Não entrava neste quadro a *Theologia*.

O proprio Papa a excluía na bulla de confirmação, não permittindo nesta faculdade a collação dos graus, auctorisados para as outras faculdades.

Porquê? — Porque o Pontifice queria manter o privilegio do ensino theologico ás ordens religiosas, especialmente aos Dominicos e Franciscanos — cuja rivalidade, diga-se de passagem, foi fecunda para o saber e para o ensino durante a segunda phase da Idade-média. Isto, até que Roma manifestou o intuito de estabelecer, a favor da privilegiada Universidade de Paris, quando já consagrada como *alma mater studiorum*, o monopolio



VISTA GERAL DA UNIVERSIDADE

da collação dos graus na faculdade theologica.

Veremos que em Portugal a Theologia só apparece no quadro universitario depois de 1400.

Segundo dispunha a bulla *De statu regni*, quando os mestres de Artes e os doutores de Direito canonico, Direito civil e Medicina reputassem os estudantes habilitados, podiam estes receber o grau de *licenciado* nesses estudos ou faculdades.

Pela mesma bulla era o bispo de Lisbôa quem tinha o direito de conferir os graus e, na falta do bispo, em caso de *sede vacante*, o vigario geral eleito pelo Cabido.

O prelado diocesano, ou quem o substituisse, ficara pois, pela bulla, instituído *Cancellario*.

Tinha o bispo ainda outro privilegio, dado na bulla de confirmação: quando examinasse e approvasse algum mestre ou doutor em qualquer dos estudos do quadro — este doutor ou mestre ficava logo habilitado para ensinar nessa faculdade, fosse onde fosse, sem ter de sujeitar-se a novo exame.

Taes prerogativas e privilegios dados ao clero, regular e secular, estavam no espirito de épocas em que os prelados e religiosos constituíam a classe mais culta, embora já pela Europa o saber leigo fosse luzindo; e representariam, em parte, justo reconhecimento pelos serviços devidos ás collegiadas e ás cathedraes, onde os Mestre-Escolas tinham instruído gerações de noviços, e aos mosteiros onde, a par dos trabalhos manuaes dos officios e industrias, se exerciam as lettras e as artes.

Das collegiadas e mosteiros vinham tanto os elementos do ensino ecclesiastico, destinado aos religiosos, como aquelles que, talvez mau grado seu, a Igreja tivera de acceitar, desde que, por intermedio dos Arabes, se espalhára na Europa a sciencia e a philosophia da antiguidade grega.

Em Portugal, mesmo, de ha muito existiam Escolas para instrucção de moços ecclesiasticos. Ha especial noticia duma que, junto á cathedral de Coimbra, fundára, em 1086, o bispo D. Paterno — o primeiro depois da reconquista da cidade por Fernando Magno. É esta Escola fôra mais tarde continuada por outra, no mosteiro de Santa Cruz.

Parece, no emtanto, que o Estudo Geral fundado por D. Dinís nada teve directamente com a Escola de Santa Cruz.

Embora nesta os estudos estivessem desenvolvidos a ponto de, nessa época e já anteriormente, serem mandados educar a Paris os religiosos que se destinavam a mestres dos noviços.

A creação da nossa primitiva Universidade foi, naturalmente, devida antes á influencia da Italia e da França, e á acção dos bispos francêses, vindos para as Sés do novo reino de Portugal.

Mas o que é certo é que em D. Dinís se reuniam todas as qualidades e condições necessarias para lhe caber a elle a missão de iniciar essa obra intelligente, apropriada já a um reino constituido.

A sua educação fôra realmente superior para o tempo; devido isto, em grande proporção, ao facto de ter o pae viajado e vivido num meio civilisado como era Bolonha.

Comprehendêra a necessidade de il-

lustrar o filho que, por sorte, para plena realização desse intuito, lhe saíu reunindo altas e garbosas faculdades de espirito, desenvolvidas e dirigidas pelo preceptor, certamente escolhido — o antigo troveiro mestre Aymeric de Ebrard — mais tarde 15.^o bispo de Coimbra.



SELLO DE AYMERIC D'EBRARD

Depois, ao Rei trovador não seria tambem estranha, na alma e no sangue, a acção e a influencia do avô materno, desse Affonso o *Sabio* de Castella, astrónomo e um pouco bruxo, aventureiro e poeta, guerreiro e legislador: uma das figuras mais curiosas e originaes da vio'enta e maga Idade-média.

O local escolhido para installação do Estudo Geral em Lisbôa foi o campo da Pedreira, no bairro de Alfama, onde D. Dinís mandou construir um edificio apropriado, mais tarde casa da Moeda, e por isso chamado, decorrida nova fiada de tempos, o sitio da Moeda velha.

Não se conservou o Estudo Geral muito tempo em Lisbôa; e pouco brilho deitou nessa phase, posto seja de crêr que os seus quatro ou cinco professores tivessem vindo educados de fôra, de Bolonha, pelos commentadores e glossistas deste centro intellectual onde, das dezoito nações representadas em número de alúmnos alli enviados, Portugal figurava já como uma das de maior contribuição de escolares.

Passados dezoito annos, em 1308, era o Estudo Geral transferido para Coímbra.

Houve para esta transferencia causas remotas e causas proximas.

Reduzir-se-hiam aquellas, afinal, á consideração, então acciete, de que Coímbra seria terra mais favoravel á tranquillidade do estudo, e de que a belleza da cidade, a sua situação no centro do país, a abundancia dos mantimentos tornariam attrahentè e accessivel a maior numero de estudantes essa criação já querida do rei fundador.



SELLO DE EL-REI D. DINÍS

Entre as causas proximas avultára a urgencia de arrancar os Escolares de Lisbôa onde, á sombra dos privilegios e fóros concedidos pela bulla de confirmação, aquelles levantavam successivos barulhos com os moradores, provocando dahi graves conflictos entre as auctoridades civis, protectoras legaes destes, e as ecclesiasticas que mantinham os fóros e privilegios dos primeiros.

Era já a rivalidade, que em Coímbra daria a opposição do estudante e do *futrica*.

Caso geral, e não restricto ao nosso país.

Não fôra a Universidade de Paris desorganizada e dispersa, em 1229, com larga interrupção dos estudos, por causa dum terrivel conflicto de entrada entre os estudantes e os moradores do bairro de São Marçal?

Para a mudança do Estudo Geral e sua installação em Coímbra obteve o Rei novas bullas.

Porque foram duas, que de Poitiers expediu, em fevereiro de 1308, o Papa Clemente V.

Uma era commettida ao Arcebispo de Braga e ao bispo de Coímbra, e continha a auctorização da transferencia, bem como a confirmação dos privilegios concedidos pela bulla *De statu regni*.

A outra era enviada ao proprio Rei, e continha a licença para que este annexasse á Universidade seis igrejas do padroado real, a fim de serem pagos com os rendimentos dellas os salarios dos mestres e doutores. Sobre este ponto especial da annexação de igrejas entendeu-se o Rei mais tarde com a Ordem de Christo, cujo Mestre, querendo guardar para a mesma Ordem as igrejas annexadas, pois lhe pertenciam, se obrigou a pagar directamente aquelles salarios.

1308-1338.

Coimbra. Posta em Coímbra a Universidade, ou Estudo Geral, apparece-nos — embora houvesse outro qualquer diploma de constituição e organização — um documento de verdadeira importancia, que alguns denomináram até: *Primeiros Estatutos*.

E' a Carta de privilegios concedida por D. Dinís, e que teve a data de 15 de fevereiro de 1309.

Se a organização do Estudo Geral em Lisbôa consta só da bulla *De statu regni* — devido isto certamente ao extravio do diploma desse primitivo Estudo —, da Carta de 1309 podemos conhecer qual foi a organização do Estudo em Coímbra, e concluir que, na época da transferencia, pouco se havia alargado o quadro universitario.

Mantinha-se o mesmo, a bem dizer, e os salarios dos mestres tambem deviam regular pelos anteriores. Segundo se apura da escriptura do contracto feito entre D. Dinís e os cavalleiros da recente Ordem de Christo — os lentes recebiam na seguinte proporção: o de Leis, remuneração equivalente a 21:600 réis annuaes; o de Cánones 18:000 réis; o de Medicina 7:200; o mesmo o de Grammatica; o de Logica 3:600; o de musica 2:700. Estas quantias eram pagas em duas prestações, no dia de S. Marcos (25 de Abril) e no dia de S. João Baptista (24 de Junho).

Vê-se claramente da Carta de 1309 que o Rei continuava a desvelar-se pela sua obra. Assim: estabelece régia protecção aos estudantes, suas familias e haveres, confirmando todos os anteriores

privilegios; dá-lhes o poder de elegerem Reitores, que eram tambem dois estudantes — os mais votados; podiam, além destes, eleger igualmente conselheiros, bedel e outros officiaes; confere-lhes a faculdade de fazerem Estatutos, por si ou por outrem; permite que a Universidade tenha cofre seu e sêllo proprio.

Ordena ainda a Carta que dois homens bons da cidade sejam, com o titulo de *conservadores*, encarregados de manter os privilegios da Universidade, avisando o Rei de todas as perturbações e occorrencias. Sabe-se pela escriptura acima citada, que os conservadores recebiam a importancia, bem módica mesmo nesses tempos, de 1\$440 réis annuaes. A verdadeira remuneração estava de certo na honra do cargo, de confiança e peso.

A Universidade chegou a elaborar Estatutos que o Rei D. Dinís confirmou em 1317.

Mas ignora-se o que esses Estatutos contivessem.

Tambem pouco ou nada se sabe do movimento, vida e costumes escolares desse tempo. Os trajos deviam ser talares, semelhantes aos dos ecclesiasticos. E pode concluir-se que os estudantes viviam a dentro das muralhas, no bairro alto, isto é — da Porta de Almedina para cima.

Só por analogia com os habitos e usos das Universidades estrangeiras, cujos vestigios ainda apparecem, se conseguirá ter idéa do que fosse a vida academica de Coímbra, e especialmente o regimen e costumes da Universidade.

Foi esta installada perto da Alcáçova Real, que se erguia talvez por onde hoje assenta a capella manuelina.

O Estudo Geral teria occupado o local onde depois existiu o collegio de S. Paulo, e mais tarde o Theatro academico.

Desse edificio da primitiva Universidade de Coímbra fazia parte o lindo claustro por D. João III doado, mais de dois seculos depois, ao mosteiro das freiras de Cellas, onde existe ainda.

Pelo bello vestigio se poderá avaliar do carinho com que o rei poeta quiz albergar o seu Estudo Geral. E nunca se desmentiram este amor e zelo de D. Dinís pelas coisas da Universidade, verdadeira

creação regia, que permaneceu em Coímbra até pouco depois da sua morte.

1338-1354.

Lisboa. Corridos apenas treze annos sobre a morte de D. Dinís, que caíu a 7 de janeiro de 1325, era a Universidade mudada para Lisbôa pelo rei Affonso IV.

Porquê? Não pôde responder-se com segurança. Conjecturam alguns que o rei desalojára o Estudo Geral da sua installação de Coímbra por querer nesta cidade aposentadoria bastante para quando a côrte (posta em Lisbôa desde Affonso III), viesse temporariamente habitar a antiga séde. A Alcáçova já não chegava de certo para alojar as comitivas, e por isso tornava-se necessario outro edificio além da aposentadoria real.

Mas se foi este o motivo, tambem foi de curta duração o capricho dessa mais larga installação da côrte em Coímbra; pois logo em 1354, apenas cumpridos dezaseis annos, volta o Estudo Geral para esta cidade. O que se infere de tão façeis e repetidas mudanças é que não havia ainda muito que mudar, e que devia ser bem simples, de pessoal e de material, essa primitiva Universidade.

1354-1377.

Coimbra. No estreito período colhido entre as datas de 1338-1354, correspondente ao reinado de D. Affonso IV, e no decorrido desde 1354 a 1377, que corresponde ao reinado de D. Pedro I e a dez annos do reinado de D. Fernando, nada aparece de notavel na vida da Universidade. Limitaram-se os tres monarchas quasi só a manter-lhe e a renovar-lhe os privilegios concedidos por D. Dinís.

E já se notava decadencia no limitado Estudo Geral quando D. Fernando o transfeiu para Lisbôa, abrindo o terceiro período de installação na capital do reino — período bem mais longo do que os dois anteriores, pois se conta de

1377 a 1537.

Lisboa. Com D. João I, o antigo Estudo Geral não só readquire vigor, mas desenvolve-se e cresce consideravelmente. Tudo, da parte do Mestre de Aviz,

revela a sua sympathia grata pela Universidade, cujos estudantes teriam tomado parte no movimento popular de Lisboa a favor do Defensor do Reino. Foi talvez essa a primeira manifestação politica de estudantes portugueses. Bastará, para revelar a boa vontade do rei acclamado, a simples enumeração das medidas por elle adoptadas relativamente á Universidade.

Confirma-lhe todos os antigos privilegios. Promette-lhe a permanencia em Lisboa, condição para lhe poder conservar alguns professores, que se negavam a vir ensinar fóra da capital. Concede aos doutores, licenciados e bachareis que, independentemente de licença especial, advoguem em qualquer causa.

Dá-lhe o monopolio do ensino, estabelecendo que ninguem o possa exercer sem previo exame feito perante algum mestre ou doutor da respectiva faculdade.

Toma providencias para alliviar os estudantes e os mestres de pesados encargos nascidos das circumstancias do país; e ao mesmo tempo attende á necessidade de novos recursos exigidos pelo desenvolvimento do ensino.

Das medidas para este fim adoptadas são sobretudo importantes: a criação de *collectas*, pagas pelos estudantes aos lentes e ao bedel, segundo os meios de cada estudante; e a annexação de novas igrejas rendosas, realizada com acquiescencia de Roma.

Os estudos alargam-se no numero dos professores e no quadro das disciplinas.

Apparecem, em vez de um só por faculdade ou arte, tres doutores de Leis, tres de Cánones, quatro de Grammatica, dois de Lógica; apenas a Medicina continúa com um professor.

Mas entra no plano das faculdades a Theologia, anteriormente reservada, como vimos, ás ordens dos Prégadores e Menores. E isto não foi indifferente, não só pelo brilho que esta faculdade viria a ter entre nós no seculo XVI, mas pela importancia assim dada á Universidade em frente das ordens poderosas.

Apparece-nos agora tambem um *Director* de estudos, nomeado pelo rei; e essa alta direcção é pela primeira vez con-

fiada ao dr. João das Regras, antigo discipulo da Universidade de Bolonha. Mas o que mais importancia teve talvez para a nossa Universidade, nesse momento, foi a eleição do seu primeiro Protector; porque o eleito era o infante D. Henrique.

Deveu-lhe a Universidade, além de valiosos auxilios materiaes, e das installações augmentadas com a doação de casas novas, (situadas *acima da igreja de S. Thomé, contra o muro da cidade de Lisboa*) o desenvolvimento das Artes menores—passadas para estas casas, das da Pedreira, onde ficavam as Artes maiores—e a introducção dos *estudos mathematicos*: Arithmetica, Geometria e Astrologia, apurados na escola de Sagres. Como sabemos, a Musica já era cultivada.

O protectorado do infante D. Henrique prolongou-se ainda até parte do reinado de D. Affonso V.

Datam tambem de D. João I os primeiros Estatutos Geraes, que no emtanto figuram como *Segundos Estatutos*, por ser contada como *Primeiros Estatutos* a Carta de privilegios de D. Dinís, datada de 15 de fevereiro de 1309.

Esses *Segundos Estatutos*, jurados na Sé de Lisboa a 16 de julho de 1431, contêm disposições curiosas e interessantes sobre a frequencia, exames, graus, propinas. E' nelles que vem pela primeira vez regulado o trajo académico. Os professores, os licenciados, e os bachareis deviam usar veste comprida, pelo menos talar; os estudantes podiam usar veste mais curta, pelo meio da perna. Igualmente regularam a extensão dos cursos, e a forma dos exames com que haviam de obter-se os graus.

Assim, o curso dum estudante até ao grau de *bacharel*, em qualquer faculdade, comprehendia: os preparatorios da Grammatica e Logica, e tres annos lectivos da faculdade maior a que se dedicava, ao fim dos quaes tinha de defender umas theses ou conclusões publicamente, em presença dos mestres e doutores da sua faculdade. Se fosse julgado *sufficiente* em costumes e sciencia recebia o grau; se não, tinha de frequentar por mais tempo e de sujeitar-se a novo exame.

Eram também admittidos ao grau de bacharel, em determinadas condições, os estudantes vindos de Universidades estrangeiras.

Licenciados, podiam sê-lo os *bachareis* que tivessem frequentado, não tres, mas quatro annos lectivos da faculdade respectiva, e que ao fim deste curso fizessem repetição por *conclusões* em todas as disciplinas dessa faculdade.

O acto de *licenciado* consistia em duas lições, que eram feitas na Sé, ante os lentes e os Reitores, se estes ultimos fossem da faculdade.

O grau era conferido pelo *Cancellario* — sempre o Bispo da diocese — e dava direito, depois, ao grau de *doutor* sem novo exame.

Os graduandos pagavam propinas, e davam aos mestres e doutores certas refeições prescrites. O cerimonial dos actos era semelhante ao que ainda corre.

Neste período, o que logo se nota, ao percorrer as disposições e as noticias relativas á Universidade — é a inteira independencia e liberdade de que ella gosava, perante o proprio poder central, que só parecia querer intervir para lhe garantir privilegios, e para lhe dar elementos de vida. Era com este fim que o rei mantinha os dois *conservadores*, que velavam pela execução e respeito das isenções e privilegios, avisando o monarcha de todas as occurrencias

Fôram elles, mais tarde, juizes privativos e seculares da Univerdade.

Mas o governo interino, a organização de Estatutos, a gerencia dos seus negocios e fazenda, a eleição dos Reitores e outros funcionarios — tudo pertencia ao corpo escolar. Não podia haver mais aberta e livre auto-administração.

E' neste tempo que entre nós se cria, por iniciativa generosa do Dr. Manga-Ancha, o primeiro *collegio* — destinado

á sustentação dos estudantes pobres que deviam seguir os estudos da Universidade. Durou pouco esta instituição, mas foi talvez o início dos *collegios* que mais tarde se fundaram em Coímbra, com fins de protecção e de instrução preparatoria.

Não tardou muito, no entanto, que a Universidade começasse a soffrer embaraços, creados em grande parte pelo clero, cioso das rendas ecclesiasticas

com que se sustentára e prosperára uma instituição tornada secular.

Até 1460, todavia, foi-se ella mantendo sem quebra visivel, atravez do reinado de D. Duarte, da regencia do infante D. Pedro, e dos primeiros annos da reinado de D. Affonso V.

Mas nesse anno de 1460 morre o grande *Protector*, o infante D. Henrique. É a contar d'ahi a existencia da Universidade já não corre com o desafogo em que vinha.

D. Affonso V interveiu na sua vida interna como rei e antes de ser *Protector*, substituindo-se ao corpo escolar numa das attribuições que este



CLAUSTRO DE CELLAS

mais zelosamente guardava — a da eleição de professores.

Tinha então sido eleito segundo *Protector* da Universidade o infante D. Fernando, irmão de D. Affonso V. Nada resta, que atteste qualquer acção ou influencia desse príncipe, pae d'aquelle que depois foi o rei D. Manuel.

Decorrido pouco tempo, assumia o proprio rei D. Affonso V o *protectorado*, que logo transmittia a seu sobrinho D. Rodrigo de Noronha, bispo de Lamego, para este resolver uma nova pretensão da universidade — o direito de eleger um só Reitor, em vez dos dois como até alli.

Em seguida foi eleito *Protector* — o quinto, na ordem — o cardeal de Alpedrinha, D. Jorge da Costa, por insinuação régia.

D. João II retomou, porém, para a corôa, pouco depois de subir ao throno, essa prerogativa e encargo do *protectorado* universitario.

Com a decadencia da Universidade, reconhecida desde a morte do infante D. Henrique, vinha o abandono dos seus estudos, saíndo grande numero de moços portuguezes a colher no estrangeiro a cultura litteraria e o ensino que lhes iam faltando no país.

Até que, reinando já D. Manuel, a Universidade o elege *Protector*, querendo, assim, entrar num caminho de reconciliação e de mais estreitas relações com a corôa, como pelo passado.

D. Manuel — que na ordem dos *Protectores* representa o setimo — foi, dos reis portuguezes, o primeiro *eleito* pela Universidade. A contar de D. Manuel, até ao presente, o *protectorado* da Universidade conserva-se adstricto á pessoa do monarcha.

Não respeitou D. Manuel as antigas tradições da autonomia universitaria. Antes alargou, á custa das prerogativas do velho Estudo Geral, as funcções e a acção do *protectorado*, decretando por auctoridade propria novos Estatutos, e reservando nelles ao *Protector* o direito exclusivo de fazer, de futuro, Estatutos novos ou mesmo modificações nos existentes.

Os Estatutos de D. Manuel são conhe-

cidos e contados pelos *Terceiros Estatutos*, e deviam ter sido promulgados entre 1499 e 1504.

Foi, comtudo, benefica a acção de D. Manuel sobre a Universidade, sobretudo pelo concurso de professores e homens de sciencia que logrou congregar, depois que formára as Escolas Geraes, *abaixo de Santa Marinha*.

Cabe notar aqui que foi Sá de Miranda um dos professores providos, como oppositores, numa cadeira vaga de *Instituta*, á volta dos annos de 1510-1512.

Os Estatutos manuelinos estabeleciam, em resumo: que para o cargo de Reitor, já substituído ao dos dois Reitores, fosse eleito sempre, não um escolar, mas *um fidalgo ou pessoa constituida em dignidade*; que fosse ampliado o quadro das cadeiras, ficando, além das que havia, com as seguintes: cadeira de *vespera* de Theologia e cadeira de *Philosophia natural* — ás quaes dentro de pouco tempo se acrescentaram a do *sexto* de Decretaes e a de Astronomia (composta em parte dos elementos mathematicos introduzidos pelo infante de Sagres).

Com estas ampliações crescia o numero de professores. Os salarios dos lentes e mestres augmentavam tambem, por disposição dos *Terceiros Estatutos*, que regulavam ainda com minúcia o systema e tempo dos cursos, as condições e ceremonias dos graus. Assim, mandavam que os lentes, depois da leitura de cada lição, cujo tempo variava segundo a graduação das cadeiras, explanassem quaesquer duvidas expostas pelos estudantes.

Os cursos, até ao bacharelato, comprehendiam cinco annos de frequencia, nas faculdades de Theologia, Cánones, Leis e Medicina, e tres em Artes; ao fim desses cinco ou desses tres annos, os escolares que quizessem obter o grau de *bacharel* deviam lêr e argumentar publicamente em *tres lições* sobre as materias dos seus cursos.

Até á aquisição do *bacharelato* estas tres lições constituíam o unico acto que se fazia na Universidade. Theologos e medicos tinham de ser bachareis em Artes, isto é, tinham de provar a frequencia dos cinco annos das suas faculdades e de tres annos de Artes — para pode-

rem conquistar o grau de bacharel naquellas. O curso de Artes tambem se desenvolvera. Se nos primeiros tempos do Estudo Geral comprehendia apenas duas cadeiras, em que se ensinava Logica e Dialectica, e a Grammatica, agora comprehendia: um anno com o estudo da Logica e da Grammatica, e certamente com alguns elementos das Ethicas de Aristóteles, distribuído tudo em duas cadeiras; e mais dois annos com o estudo da Philosophia natural — provavelmente composta dos livros das Physicas e dos *de Generatione e de Anima*, do mesmo Aristóteles.

Os bachareis, para receberem o grau de *licenciado*, tinham de defender *conclusões*, num acto que era principalmente de ostentação. Eram as *theses* de hoje. Vinha depois o exame privado, para que tiravam ponto dois dias antes.

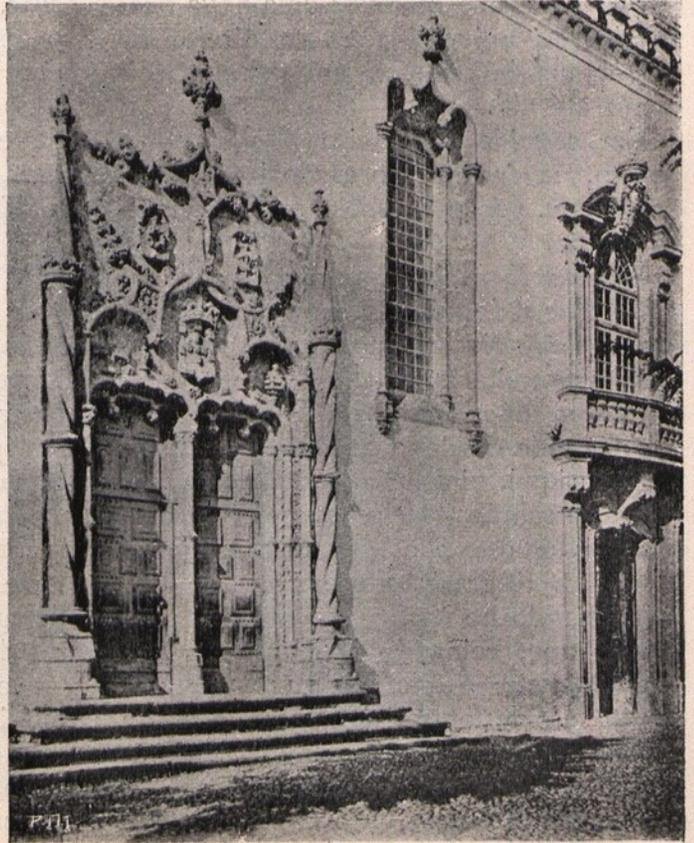
Era na Sé que este acto ou exame privado se fazia, seguindo-se-lhe a collação do grau de *doutor*, conferido sempre pelo *Cancellario*.

O cerimonial do acto, descrito nos *Terceiros Estatutos*, tem muita analogia com o actual. Fôra de ha muito introduzido nos usos escolares, e certamente trazido das universidades da Italia, assim como as côres distinctivas das faculdades, cabendo desde o principio: ao capello e outros emblemas da Theologia — a côr branca; aos de Cánones — a côr verde; aos de Leis — a côr vermelha; aos de Medicina — a côr amarella; aos de Artes — a côr azul. A cadeira de Mathematica e Astronomia era isolada, embora alguns queiram que fosse professada no grupo das Artes; não constituía, porém, faculdade, e não tinha ainda emblema e côr propria.

O provimento das cadeiras vagas dava-se por concurso, que durava vinte dias, constando as provas de tres lições, em que os concorrentes argumentavam entre si. Eram verdadeiras sabbatinas, no fim das quaes havia votação sobre a preferencia entre os oppositores, tendo voto não só o Reitor e todos os lentes, mas

tambem os bachareis, e até os estudantes da respectiva faculdade, que tivessem completado dois cursos isto é os estudantes a quem só faltasse o acto para o bacharelato. O candidato mais votado era provido pelo Reitor, e confirmado pelo Rei.

A Universidade recomeçava, todavia, a lutar com uma difficuldade grave. Já D. Manuel lhe tinha resolvido uma, tambem grave — a de mais largas installa-



PORTA DA REAL CAPELLA DA UNIVERSIDADE

ções, necessitadas pelo desenvolvimento que alcançára. A que subsistia era a falta de meios para o custeio das despesas crescentes. Para a resolver obteve do Papa, Alexandre VI, que em todas as cathedraes de Portugal fossem estabelecidas certas prebendas para os mestres theologos e doutores juristas. Foi esta a origem das conexas *magistraes* e *doutoraes* com que durante seculos se remuneraram os professores de Theologia e Direito da Universidade.

Apesar dos esforços do Rei, e do concurso de professores escolhidos e cha-

mados, não prosperou longo tempo a Universidade.

Por um lado corroíam-na vícios antigos — na administração e na actividade de professores e escolares; por outro lado, prejudicava-a de certo a nova feição da vida portugueza, embriagada de todo com os fumos da India; sendo de crêr que a anterior sangria do país, a estúpida expulsão dos judeus e outras medidas depauperadoras das energias nacionaes não tivessem sido indifferentes, embora de longe, para a decadencia, tanto geral de todas as fontes de prosperidade, como especial de cada órgão ou instituição, a que faltariam, a par de recursos materiaes, o concurso mental valioso de tanta gente industriosa e subtil.

Não valeu á Universidade, nesse momento de crise — que coincidiu com a passagem do reinado de D. Manuel para o de D. João III, e com os primeiros annos deste — o ter um grupo de professores excepçoes a esmaltar-lhe o corpo docente. Bastará citar-lhes os nomes para se vêr o que a Universidade, dadas outras condições, poderia representar na vida superior do país. Alguns são de todos conhecidos.

Mencionados os mestres e doutores de Theologia e Artes Balthazar Limpo, Pedro Margalho, Francisco de Maçon — recordaremos em especial o celebre naturalista Garcia da Horta, que regeu a cadeira de Philosophia natural até 1534, anno em que passou ao Oriente, onde compoz os *Colloquios dos Simplicis e Drogas da India*; o astrónomo Thomaz de Torres, que regeu a cadeira de Astronomia até 1535; e o grande mathematico Pedro Nunes, doutor em Medicina pela Universidade de Lisbôa, onde regeu Logica e exerceu as funcções de Reitor, passando depois para a Universidade de Coimbra, onde regeu a cadeira de Mathematica e Astronomia, até 1562.

O mal da Universidade era, no entanto, tão reconhecido, que logo no reinado de D. João III se lhe procurou remedio, pondo o proprio rei em acção todos os meios para conseguir a regeneração desse organismo atacado. Como,

apesar dos mestres notaveis que tinha, a Universidade não produzia o que haveria a esperar, quiz o monarcha alargar o numero de professores devidamente preparados. Para isso, ao mesmo tempo que já pensára na mudança do Estudo Geral para Coimbra, começou por enviar para o estrangeiro, com *bolsas* ou pensões, alguns dos melhores estudantes e bachareis portuguezes, que voltariam depois a illustrar e educar as novas gerações. Iam, na maior parte, com destino a Paris — o grande centro intellectual do tempo.

Estava então alli — como Reitor do collegio de Santa Bárbara, em resultado duma consagrada eleição — o dr. Diogo de Gouvêa, a quem mais tarde seria confiada a escolha de mestres tambem pedidos a diversas universidades europeas, e que eram attrahidos á Universidade portugueza pelas vantajosas propostas do rei.

Além de tudo isto, iria D. João III aproveitar as reformas effectuadas, havia pouco, no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra — para crear ou secundar a criação de novos collegios de ensino junto

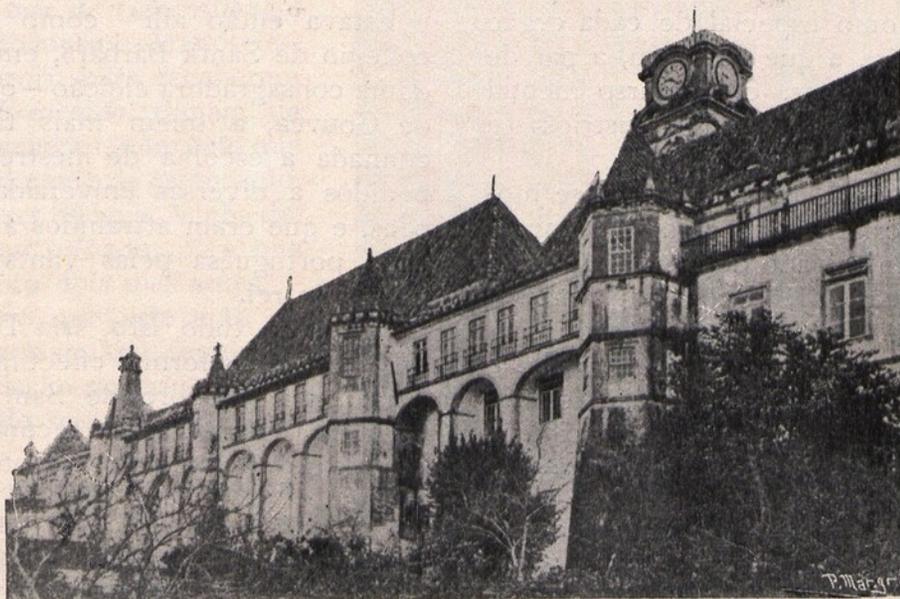


PORTA FERREA

do mosteiro. Foram estes os de Todos os Santos, de S. Miguel, de S. João Baptista, de Santo Agostinho. Os dois primeiros eram destinados especialmente aos nobres e fidalgos; mas em todos elles se reuniam mestres notaveis, vindos de fóra, muitos, que davam brilho e relevo aos estudos de Theologia, Cánones, Leis, Medicina e Artes. E assim teria encontrado ou preparado centros de actividade mental, talhados a chamar a Coímbra os estudos superiores, postos em Lisbôa havia 150 annos. En-

Se os outros collegios representavam sobretudo institutos de ensino, e podiam filiar-se na boa tradição de lettras e de estudos da poderosa corporação dos Cruzios — os de S. Pedro e S. Paulo correspondiam tambem a fins de protecção e garantia; e poderemos talvez ir filia-los na generosa instituição, contemporanea de D. João I, devida á iniciativa e legado do dr. Manga-Ancha.

Foi por certo attendendo á circumstancia favoravel de ter aqui um tal centro de preparação e cultura, que



ASPECTO DA UNIVERSIDADE, DO LADO DO NORTE

tre outros collegios figurava pouco depois aquelle que em 1549 sería substituído pelo de S. Paulo — aberto este no antigo local do Estudo Geral, onde veiu a installar-se por fim o Club e Theatro Academico, ha poucos annos demolido. O collegio de S. Paulo, uma vez posto junto dos Paços reaes, viria a ser uma corporação composta de *collegiaes e porcionistas*. Tambem além do de Santa Cruz se abríra o de S. Pedro, que sería representado e rendido, em 1570, por um outro, mandado edificar em frente do de S. Paulo do bairro alto. S. Pedro, tendo soffrido algumas modificações, é hoje residencia do Reitor da Universidade.

(Continúa).

D. João III — pondo de parte a representação dos professores da Universidade contra a transferencia do Estudo Geral para fóra da capital (1534) — se lembrou da da Camara de Coímbra, que já em 1533 pedira, caso viesse a realizar-se a mudança, para ser preferida esta cidade como séde dos estudos superiores do reino.

A mudança effectuou-se em março de 1537, sendo nomeado Reitor, a titulo gratuito, D. Garcia de Almeida, e começando as aulas a funcionar logo no mês de abril seguinte.

Com esta transferencia abre-se o segundo dos tres longos períodos da vida universitaria portugêsa.

MANUEL DA SILVA GAYO

Se a mocidade soubesse...

I

UMA AVENTURA NA FLORESTA

ESTAVA sentado o nobre viajante n'um marco milliario, justamente no lugar onde a estrada, que contornava o monte, deitava um ramal atravez da floresta. Aos pés tinha a roda que saltára do eixo, e mais longe, em lastimosa posição, o resto da carruagem. Um corpulento baio, sem parecer resentir-se do mais famoso par de joelheiras que ainda ornaram um cavallo, estava preso a um recurvado troço de arvore e ia deitando a bocca á relva fresca e a quantas folhas encontrava ao seu alcance. A situação explicava-se por si só, e o bello rosto do moço viajante explicava a situação com tanta eloquencia quanta permittia a Natureza, que lhe dera feições onde se estampava o desdem e a impassibilidade.

Por traz d'elle surgia a verde escuridão da floresta. Para a sua frente a planicie polvilhava-se de oiro, com os raios do sol já perto do occaso. Entre a estrada e a orla da floresta murmurava um regato. Um tordo cantava no mais alto ramo de um abeto. Mas o viajante, no marco da estrada, não via o oiro do valle, não ouvia o oiro do gorgeio, todo absorvido n'este pensamento:

«Em boa estou mettido!»

Pregado áquella pedra havia bem uma hora, tinha mandado para um lado o postilhão, que logo partira a galope, e para outro o lacaio a pé; todavia os momentos passaram com lentição desesperadora e nenhuma creatura humana veiu acudir-lhe, ninguem lhe appareceu com quem ao menos trocasse uma palavra. Nos intervallos da somnolencia, a que já não podia resistir, amaldiçoava o pacifico valle com suas veigas e pomares, julgando-o a terra mais desamparada por Deus entre quantas existiam no mundo.

De repente animaram-se-lhes os olhos anuvados. Lá em baixo, na estrada, movia-se o que quer que fosse. Infelizmente era um homem a pé. Ainda assim, poderia dar-lhe auxilio, ou pelo menos alguma informação. Mas quando o viu mais proximo, no principio da rampa, a esperanza apagou-se no coração do

impaciente fidalgo: não era um visinho das cercanias, capaz de guial-o para a loja de algum ferreiro, ou para uma estalagem de aldeia, mas apenas um musico ambulante, provavelmente tão extranho ao lugar como elle proprio. No polido tampo da rabeça espelhavam-se os raios do sol.

Immerso novamente no enfado, no desespero, viu eclipsar-se o viandante n'uma volta que fazia a estrada. Mas que vinha sempre avançando, conhecia-se por uma extranha melodia, tocada meio em pizzicato, meio em surdina. A principio casava-se em tanta maneira com o murmurio do regato, com o profundo sussurrar da floresta e com os gorgeios do tordo, que o viajante mal a distinguiu como som independente. Mas como partia cada vez de ma's perto, forçoso lhe foi ouvil-a e escutal-a. Era uma canção de vagabundo—de vagabundo que percorre a pé os caminhos, humilde embora altivo, sem dinheiro, sem prisões, feliz se tem agua fresca para matar a sede, e uma codea de pão para matar a fome. Canção da erva que se balouça e da avesinha a trinar pousada na sebe, da oscillante folha, da cotovia de vôos circulares, do ceo profundo e suave. Oh! Os caminhos estão cheios de coisas alegres e ternas, de meiguice e de frescura, de fadiga salutar e de somno delicioso, para quem lhes conhecer os segredos!

—Boas tardes, senhor!

Tinha parado a musica. A figura de um homem excessivamente magro, negra sobre o sol poente, de subito emergira da aresta do monte, e saudava com gesto largo. Pareciam tão cortezes as maneiras da figura negra e tão amena a sua voz, que o fidalgo quasi se ergueu para corresponder ao cumprimento, senão quando enxergou o recurvo perfil do violino... Pff! Era o rabequista ambulante! Envergonhado do impulso, sacou da algibeira um florim e atirou-lh'o. O musico saltou agilmente para o lado, e a moeda foi cair no chão, scintilando aos raios do sol. Olhou para o soberbo dadivoso e sorriu-se mostrando uma fiada de dentes, que eguala-

vam em brancura os de um lobo e que brilhavam sobre o negrume da crestada pelle. Tirou novamente da cabeça o chapéu já muito velho, recuou a nervosa perna cingida por

aprumou o corpo e soltou uma risada. Basta de acariciar a coronha da pistola, que tem no bolso. Por Calliope lhe juro que não lhe cubiço o dinheiro mas sim a doirada mocidade!



ACCETE OS MEUS CUMPRIMENTOS E SAUDAÇÕES, MEU FIDALGO!

empoeirada meia azul, executando uma d'essas medidas, que, vinte annos antes, fariam morder de inveja, em Versailles, o mais requintado marquez.

—Accete os meus cumprimentos e saudações, meu fidalgo! disse o rabequista, e logo

—Tem olhar espantado!—pensou o outro.
—Resta saber qual é mais para recear: o encontro com um salteador ou o encontro com um doido.

—Se é loucura honrar esse dom concedido pelos deuses, estou louco com toda a certe-

za!—observou o singular vagabundo, como se lhe tivesse lido no pensamento.

Descalçou para traz o corpo sobre uma perna, dobrou um pouco a outra, mettu a rabeca entre o mento e o pescoço, á laia de passaro que se accomoda no reconcavo do ninho, fez deslisar o arco pelas cordas, arrancando-lhes um prolongado lamento. «Ó mocidade!» entou, no intervallo do suspirar do violino. «Ó primavera! Ó virgindade do coração, esperança, incógnitos mysterios da vida! Ó felicidade da força e da commoção!» Depois deixou de cantar e clamou: Veja, veja o logar onde está, na orla da floresta, n'uma terra extranha, tendo a seus pés o valle banhado pelo sol proximo do occaso, e por traz o riacho correndo não se sabe onde, e por cima da cabeça o passaro, cantando as aspirações da sua alma. Por Apollo! Eil-o em plena mocidade, envolto pela primavera do mundo, no seio de uma aventura. Os dedos flexiveis correram ao longo das cordas, e com uma sensação de espanto o viajante sentiu-se, mau grado seu, abalado até o intimo.

—Escuta, disse elle, tentando mostrar-se carrancudo. Não estou para gracejar. Apanha esse florim e vae-te embora, ou então fica e trata de ganhar outro florim dizendo-me onde estou e a que distancia fica a aldeia mais proxima.

—Senhor, respondeu o outro com urbanidade, os viajantes devem auxiliar-se mutuamente, sem olhar a sordidas considerações... Ah! Se me tivesse offerecido uma parte da sua mocidade!... Estamos, se assim lhe apraz, na fronteira que separa o velho e solidó principado de Schwarzburgo, do recentissimo e mal acabado reino da Westphalia, apanagio de Sua Magestade o rei Jeronymo... um dos remates da Grande Revolução.

—Pff!... exclamou o fidalgo.

Os olhos irriquietos do musico brilharam.

—Aposto que é inglez!—exclamou. Não ha duvida que só um inglez é capaz de levantar a cabeça com tanta sobrançeria. Fiz uma pergunta excusada.

O viajante olhava-o com olhar ativo. Sem dizer palavra o rabequista encarou-o durante momentos, com certo ar de grave motejo e proseguiu depois:

—O sentir dos inglezes é uma excellente prescripção para o orgulho, o desdem e quejandos aromas fidalgos. Só lhe aconselho, collega viajante, que se não colloque acima da

sua bella mocidade, e que se livre de desprezar os favoraveis ensejos que ella proporciona:

«Singula de nobis anni prædantur euntes
(Ó mancebo).

Eripuere jocos, Venerem, conviviam, ludum...»

E, ao dizer isto, mettu o instrumento de baixo do braço e fez com o arco um aceno de despedida, como se estivesse para se ir embora, mas, parecendo acudir-lhe nova ideia, parou e cravou outra vez os olhos no viajante. Foi quando este notou que no aspecto do rabequista havia certa dignidade, e em toda a sua pessoa uma elegancia que mal se coadunava com aquelles ares aciganados, com aquelles trajes miseraveis; que o seu cumprimento tinha sido um modelo de cortezia; e, acima de tudo, que o artista nem de leve se mostrara impressionado pelo mais nobre procedimento de um rapaz nobre.

E, ainda sentado no marco, principiou a sentir-se um nadinha parvo... e o rubor da ingenuidade tingiu-lhe as faces.

O tocador deu á rabeca um movimento circular, até encostal-a ao peito, e beliscou-lhe duas cordas, como um homem pode beliscar as faces da donzella a quem ama.

—*Pardi!*—murmurou, falando-lhe para dentro do recurvado ouvido—aquelle estandarte carmezim proclama que ainda ha esperança para o bom rapaz. Meu caro senhor—continuou em tom alegre—cuido que posso ser-lhe util. Estou ás suas ordens. Ser-me-ha licito perguntar-lhe a quem tenho a honra de estar falando?

—A Estevam See, conde de Waldorf-Kilmansegg. Sou fidalgo austriaco e vou de viagem para os meus dominios de Carinthia...

O musico só respondeu a estas palavras, pronunciadas com satisfação mal reprimida, exclamando:

—Austriaco!—E ao mesmo tempo levantava uma das expressivas sobrançelhas.—É nacionalidade, que hoje pode declarar com menos perigo, do que a ingleza, quem anda viajando pelos dominios do grande Cesar. Oh! Tem carradas de razão! Seria o cumulo da temeridade confessar, nos logares onde Monsieur Buonaparte governa, que lhe corre nas veias uma gota de sangue britannico.

O remoque acertou em cheio no alvo, tanto assim que novamente se tingiram de vermelho as faces do fidalgo.

—Apesar de eu ser austriaco por meu pae—bradou elle, encolerizado—tenho por parte de minha mãe bastante sangue inglez n'estas veias, para odiar o usurpador e desprezar-lhe os irmãos, por elle guindados ao poderio e ás grandezas! Pouco me importa que elles saibam que penso d'este modo!

O rabequista sorriu mais accentuadamente e segredou ao violino: «se a mocidade se renegar a si mesma, é por engano. Tem espirito, embora seja unicamente para o desdem... Comtudo a cerimonia ainda não está completa—acrescentou.—Tenho agora que retribuir o seu cumprimento. Primeiro que tudo, sejamos delicados. Pois aqui onde me vê, está um individuo a quem todos conhecem, n'estes logares, pelo «Musico Doido,» ou mais delicadamente pelo «Rabequista Hans,» em allemão «Geiger Hans.» Alguns tambem me chamam o «Estudante Vagabundo,» e outros as creanças, coitaditas! o «Tio Hans.»... A minha nacionalidade é, como a sua, materia controversa. Uns dizem que sou francez, outros que sou allemão, e outros, finalmente, que nasci no cume dos Alpes: deixo-a á sua escolha, assim como o nome por que me ha de tratar... Rabequista—Hans, Geiger—Hans, ou, se me quizer guindar o mais possivel, o Cantor da Mocidade!

N'este comenos Estevam See, conde de Kilmansegg, cada vez se ia enfurecendo mais comsigo mesmo, por ter denunciado os seus sentimentos a um vagabundo.

—Parece-me fóra de duvida—disse elle com summa arrogancia—que ás vezes lhe é conveniente occultar o nome. Pode ficar descaçado, homem de Deus, que não tenho o minimo desejo de sabel-o.

Hans franziu tanto as sobrancelhas, que até a propria encosta do monte pareceu escurecer, e feriu as cordas do instrumento, fazendo-as soar como encolerizadas.

—O meu nome, disse com voz mal perceptivel, morreu com a minha mocidade.—Depois acalmou tão repentinamente, como se tinha enfurecido. — Ha gente feliz que morre, mas cujo nome continua a viver; eu ainda vivo... e o meu nome já morreu. Basta-lhe saber isto. Mas repare!—exclamou, mudando rapidamente de tom, enquanto o conde Estevam continuava a miral-o, sem que o seu temperamento sereno de austriaco e o seu espirito reflectido de inglez podessem harmonisar-se com aquella vivacidade.—Vae escurecendo, o sol já des-

appareceu para além do contorno do valle e as sombras da noite povoam a floresta. Não vê, a acenaram-lhe de longe, as luzinhas de um incognito abrigo... não presente um canto de lareira concedido pela hospitalidade de extranhos? Sabe Deus que gentil hospedeira dará hoje as boas vindas á sua bella mocidade! Se, porém, o seu espirito o aconselha a ir buscar aventuras por entre o espesso arvoredo, lembre-se ao menos de que está ali um pobre ente, que, apesar de silencioso, grita por uma arribana e por um punhado de ração!

Ao dizer isto encaminhou-se, a passos ligeiros, para o cavallo ferido e soltou do tronco as rédeas.

—Já deviam ter-te banhado esses joelhos escalavrados!—murmurou, fitando os olhos na cabeça do pacifico animal.—Aproveitassem o regato, que ali corre tão caridosamente.

Conduziu-o até á agua e d'ahi a instantes voltou e disse ao viajante, com um sorriso em que denunciava estar-lhe adivinhando o vexame e a vergonha:

—Ajude-me a pegar n'esta roda e vamos a ver, companheiro, se conseguimos prendel-a ao eixo. Depois sem nunca deixar de amparal-a—não se esqueça!—faremos o possivel para que o pobre bicho leve tudo isto para logar seguro.

Metteu mãos á obra e foi elle, afinal, quem concertou a roda, com uma habilidade de que o outro reputava incapazes aquellas mãos tinadas.

Já era escuro quando romperam a marcha, pesadamente: Estevam See, conde de Waldorf-Kilmansegg, sempre com as mãos na roda, conforme tinha recommendado o rabequista, que ia agora na frente segurando as rédeas e cantarolando, por entre dentes, uma gavota.

Fugindo á poeira e aos pedregulhos da estrada, tomou por um largo atalho, que parecia cortar ao meio a floresta e seguir em declive até ao horisonte. Debaixo dos pés sentiam um elastico tapete de caruma de pinheiros; de um lado e outro as fileiras compactas das arvores já com mil braços cingiam a noite, e falavam-lhes com a voz soturna do oceano; para a frente, no extremo da nave, lembrando janella de cathedral, luzia um trecho de ceo entre amarello e verde, esmaltado por uma estrella ainda mal accesa.

Então o austriaco avistou, muito para deante, um quadro de luz alaranjada, e presentiu

que era ali o incognito abrigo que o estava chamando.

—Mas que vae ser—perguntou, lembrando-se de repente—do meu postilhão e do meu laçao?...

Hans voltou-se para traz, rindo sardonicamente. Deixou escorregar as rédeas para os hombros e pegou no violino.

—O demonio leve—cantou zombeteiramente ao longo da clareira—os laçaios e os postilhões! O demonio leve a prudencia e a previsão! Gente moça gosae a mocidade!

*
* *

Deus sabia que gentil hospedeira estaria a esperal-o—tinha dito o rabequista ao companheiro.

Apenas bateram, a porta abriu-se á mão de uma rapariguita de aldeia, cujas tranças loiras e rosto pequeno e levemente tostado, os dois puderam ver á luz, que illuminava o interior da casa.

Estevam sentiu um vivo desapontamento. O companheiro, que lhe dera o acaso, não lhe tinha mettido na cabeça a loucura de que, sob aquelle tecto solitario, encontraria coisa á altura da sua elevada phantasia?

—Geiger-Hans! gritou a rapariguita com espanto.

—Geiger-Hans! repetiu de dentro da casa o echo, e logo appareceu uma camponia velha, bamboleando-se como um ganso e de mãos estendidas.

—Sê amavel para o meu companheiro, ó «mãe da floresta», emquanto eu vou tratar d'este irmão—besta. Assim disse o tocador ambulante, e levou o cavallo para o pateo, que havia nas trazeiras da casa.

Estevam tinha entrado para a vasta cozinha, alegre, ao menos, pelo seu prosaico aroma de hortaliças, desde que o romance tinha emudecido com o rabequista.

Era uma casa ampla, cujas paredes e tecto, forrados de carvalho, refletiam a luz do candieiro de latão e o clarão da rubra fornalha, em chammasinhas côr de junquillo e brilho côr de papoula. Uma meza de carvalho muito escuro corria quasi de um extremo ao outro, e estava coberta, até meio do comprimento, por uma toalha branca de neve e com bainhas e flores feitas a linha vermelha.

Um relógio alto, com a frente pintada a côres vivas, tinha um tic-tac solemne. Por cima dos armarios, carregados de louça azul e branca e de panellas de estanho, viam-se pontas de veado e cabeças de javali de beiços arrepanhados.

Estevam não tomou interesse por estas coisas, mas ficou satisfeito vendo que estava tudo no maior asseio. A cadeira de carvalho, onde se assentou, não correspondia, decerto, á sua nobre pessoa, mas, em todo o caso, valia muito mais do que o marco da estrada.

Parecia uma boa creatura a «mãe da floresta» e mostrou ter consciencia da gerarchia do seu hospede. Emquanto á rapariga, passou completamente despercebida ao viajante, que nem sequer um olhar lhe concedeu aos sapatinhos e ás meias escarlates, deixadas generosamente a descoberto pela saia curta á moda aldeã.

Foi a ella comtudo que Hans fez uma rasgada mesura, quando tambem entrou na cozinha.

—Menina Sidonia... disse elle, com o velho chapeo encostado ao peito, do lado do coração.

A resposta foi um sorriso meio ingenuo, meio malicioso. E os dentes da pequena brilhavam ainda mais brancos do que os d'elle no meio da face tisonada pelo sol, e onde por signal, havia umas covinhas deliciosas, que um rapaz de bom gosto tinha obrigação de notar. Mas que importancia podiam ter as covinhas na face de uma rapariga de aldeia?

O tocador chegou-se á velha, deitou-lhe os braços em volta do pescoço, pregou-lhe nas bochechas nedia e sadias dois beijos rechiados, e gritou:

—A ceia! A ceia! Se fôr boa, toco-lhes uma coisa tão bonita, que até os seus corações desatarão tambem a cantar!

A rapariga soltou uma gargalhada e correu para a fornalha em busca de uma panella.

—Santo nome de Deus! bradou a velha. Largue isso, menina Sidonia! Não é coisa para as suas mãos!

—Ora cale-se, faça favor! acudiu a outra. A minha ama não me criou para mandriona, pois não é assim?

—Então a velha criou-a?... Julguei que fosse avô d'ella,—disse Estevam comsigo mesmo, apezar do nenhum interesse que o assumpto lhe inspirava.

—Pois então é servir o vinho—disse a ma-

trona, com risinho folgazão e unctoso. E enquanto a rapariga ia rodeando a meza, com as longas tranças doiradas a balouçarem, tratou o exótico Hans de fazer entre o hospede e a hospedeira as devidas apresentações, com as suas patacoadas do costume.

—Esta dama, meu caro companheiro, é a respeitavel sr.^a Friedel, mãe do leal couteiro-mór do grande rei Jeronymo. E este cavalheiro é, veneranda matrona, um nobilissimo conde austriaco, a quem um desastre de viagem obrigou a acceitar, por uma noite, o abrigo d'estes humildes tectos.

A sr.^a Friedel fez uma grande mesura, e Estevam inclinou de leve a cabeça, mas como percebesse que o rabequista estava a escarnecel-o, poz-se muito vermelho e ficou furioso.

—Um copo em honra da sua chegada? perguntou Sidonia, debruçando-se-lhe por cima do hombro.

Approximou-se tanto que, sem querer, lhe bafejou o rosto com o halito fresco e perfumado, e lhe fez aspirar o aroma de um raminho de violetas, que trazia ao peito. Ao debruçar-se, para lhe dar o copo de vinho, uma das suas fartas tranças cahiu para cima do hombro do conde, fazendo-o aprumar-se arrogantemente contra o espaldar da cadeira.

—*Diavolo!* exclamou Hans. Sinto os dedos a esmorecer pelas cordas! Não tem duvida, que nada perdem com a demora. Oh! Está a chegar aqui o cheirinho delicioso de um guisado... Alguma peça de caça, hein?... Já vejo que se dão banquetes n'esta casa perdida nas solidões da floresta.

—Quando meu filho recolhe á noite... elle e os rapazes que o acompanham... vêem sempre com muita vontade de comer—explicou a sr.^a Friedel. Depois, voltando-se para Sidonia, pediu: Ande meu amorsinho, sente-se ao pé d'esse senhor e converse com elle, para o entreter.

A rapariga, n'um impeto de mau humor, arastou, fazendo muita bulha, uma cadeira em volta da que o rabequista occupava, e sentou-se a certa distancia do viajante, que ficou isolado, como convinha á sua prosapia fidalga.

Hans bebeu á saude de Sidonia, e, quando ella ia encher-lhe o copo outra vez, o raminho de flores escapou-se e foi cahir sobre as mãos do musico ambulante.

—Violetas! gritou elle. E tornou-se como petrificado, com a lividez estampada no rosto.

Empurrou para longe o prato, agarrou as flores, apertou-as contra os beiços e aspirou-lhes o perfume longamente. As lagrimas começaram a deslizar-lhe pelas faces, e os suspiros que irrompiam do peito com violencia, foram cortados afinal por um soluço.

Triste e com a cara afogueada, a rapariga foi para junto da velha, que continuava pausadamente a bater os ovos para a omelette. Nenhuma olhou mais para elle.

Estevam encarou com o musico, mas já tinha desviado os olhos muito enfadado, quando Hans se levantou, dizendo em voz quasi imperceptivel: «Já não posso comer hoje.» Foi buscar a rabeça ao banco onde a tinha deixado, encaminhou-se para a porta e sahiu em direcção á floresta.

—Já o tinha visto assim? perguntou baixinho Sidonia á sr.^a Friedel.

—Uma vez, no jardim, ao pé do canteiro de violetas. Lembrou-se provavelmente de algum antigo desgosto. Coitado! Quem se livra d'elles n'este mundo?...

Sidonia voltou para a mesma cadeira, descançou o rosto nas mãos e poz-se a olhar para o conde, distrahiadamente. Foi quando elle notou o engano em que estava: não eram pretos os olhos da pequena, mas castanhos—castanhos com laivos doirados e verdes, como as aguas de uma corrente que se espraia á sombra do arvoredor.

—De que modo olha para mim!—disse d'ali a um instante Sidonia, com mostras irritadas.

O aristrocata mirou-a desdenhoso. «Elle!... Olhar para uma rapariga do campo!» Foi a sr.^a Friedel quem afinal rompeu o silencio:

—Não ouvem?... Ah! chega o meu filho! Vinha, com effeito, de muito longe ainda, o som das trompas de caça. Um cão ladrou perto, no canil, como para responder, e as buzinas acordaram novamente os echos da floresta, mas cada vez de mais perto e com mais força.

—Sim! Sim!—disse a velha applicando o ouvido—é o toque da «Volta ao lar».

*

* *

Fóra da casa ia um enorme clamor: eram os cães a ladrar e a ganir, eram as trompas tocando ao desafio, eram os homens vozeando

alegremente. O couteiro-mór passou pela abertura da porta metade do alentado corpo e fez para sua mãe um aceno com a cabeça. Pelo que se lhe via do uniforme verde, podia calcular-se que estava fardado com esplendor: uma exhibição enorme de botões doirados com a coroa real esculpida, de alamares, de emblemas. O rosto largo e sardento, que todo parecia destinado a reflectir a alegria, avincava-o a anciedade: os olhos iam e vinham, com expressão de contrafeitos, do conde para Sidonia e de Sidonia para o conde.

Por fim o couteiro entrou e foi segredar á velha o que quer que fosse.

—Pelo amor de Deus!... disse ella, de mãos postas afflictivamente.

—Escute, mãe! murmurou o rapaz, levando o dedo aos labios para lhe impôr silencio, e voltando-se para a porta.

O conde tinha acabado de comer o guisado e estava agora a contas com uma codea de pão e um copo de vinho. Animado pela esperança, voltou-se na cadeira... vagarosamente porque um fidalgo não deve ser curioso.

Lá fora na escuridão da noite, sobre o fundo oscillante da folhagem e sob o clarão de dois archotes deparava-se um grupo deveras pittoresco de cães de caça e caçadores: dois d'estes vinham carregados cada um com seu cabrito montez, cuja linda e innocente cabeça a morte fazia pender para o chão.

De repente operou-se mutação de scena. Um homem avançou do meio dos caçadores e entrou na cozinha, enquanto os demais desappareciam, levando o que tinham caçado; os cães e os cavallos foram conduzidos para distantes canis e cavallariças, e a clareira recahi no seu habitual socego.

Quando viu o recémchegado passar junto d'elle, o couteiro-mór levou a mão á testa por um movimento espasmodico, e, de olhos muito abertos, deteve-a rigidamente a meia altura. A mãe fez uma cortezia respeitosa, e Sidonia ficou a olhar com sincera curiosidade, abrindo a bocca de maneira, que todos os que tivessem o cuidado de observa-la se extasiariam perante o esplendor dos seus dentes juvenis.

O homem estacou, relanceando a vista para todos os circumstantes: era um moço de pequena estatura, magro, de rosto trigueiro e bem talhado, e cabello cortado rente por traz e dos lados e descendo, ao meio da testa, em melena ligeiramente anelada. Os olhos brilhavam-lhe por baixo das sobranceiras espessas

e direitas. O seu traje de caçador, embora egual no talhe ao de Friedel, era de panno mais fino e novo em folha. A gola erguia-se muito aos lados da barba, que no centro descansava em dobras de delicada cambraia.

Ah! Este sim! É com certeza fidalgo como eu!—pensou o conde de Waldorf-Kilmansegg.

Mas as primeiras palavras do homem baixinho destruíram de prompto a illusão.

O meu amigo Friedel aqui presente—disse elle para a velha, n'um allemão estrangeirado,—assegurou-me que sua mãe me daria hospitalidade por uma noite, visto eu ser companheiro de seu filho. Eis a razão por que estou aqui.

Como sorriu, a cara tomou-lhe uma expressão ordinaria e quasi atoleimada, que destruiu o effeito causado pela sua apparencia delicada, e fez o conde de novo concentrar toda a attenção no pão e no vinho, tendo-lhe provocado primeiro um gesto desdenhoso.

—São bemvidos para mim todos os amigos de meu filho—disse a velha, sorrindo contrafeita.

Friedel tambem se tornou de repente muito vermelho, e ficou a piscar os olhos e a engulir em secco, tão pouco á vontade como um peixe fora d'agua.

—Pelo que vejo tenho eu mesmo de me apresentar!—exclamou o caçador soltando uma gargalhada e dando uma forte palmada no hombro de Friedel.—Sou o couteiro Meyer, para servil-a aqui e onde quer que esteja.

—Ó homemzinhos!—disse Estevam—Vejam lá se fecham essa porta, que me fica por traz das costas.

—Hein! bradou Meyer com sobranceria. Quem temos nós aqui?

—Um hospede como o sr. Meyer—respondeu logo a sr.^a Friedel com sequidão, indo apressadamente para a fornalha, enquanto o fidalgo se revirava outra vez na pesada cadeira, a fim de completar aquella deficientissima indicação.

—Sou um nobre austriaco, se tem muita vontade de conhecer-me—continuou elle a dizer.—E o sr. Meyer—acrescentou com mais urbanidade, impressionado pela manifesta explicação de certos indicios, que o tinham desconcertado—é talvez o inspector d'estas florestas e anda passando a sua inspecção. Noto que fala com autoridade e que a sua pronuncia não é a de um natural do paiz... mas sim a de um patricio do rei Jeronymo.

Meyer soltou outra gargalhada.

—Oh! que finissima perspicacia a do fidalgo! disse alegremente.—Amigo Friedel, fecha lá a porta! Pois é verdade—proseguiu, dirigindo-se novamente ao conde.—Como não posso manter o incognito, confesso que ando passando uma inspecção por conta de Sua Magestade o rei Jeronymo Bonaparte. Ah! Ah! Ah!

—Ah! Ah! Ah!—repetiu Sidonia rindo sem motivo, como faria uma creança.

—Hein! Quem mais temos nós aqui? disse o inspector, mudando de tom. E dos olhos despediu um lampejo singular, emquanto examinava demoradamente a rapariguita, desde a loura cabeça até aos pés, e em sentido contrario.

—Eh! Eh! resmoneou o sr. inspector affagando ao de leve aquelle rostosinho escarlata, que tinha tomado entre as mãos, a fim de voltar-o para a luz.

—Nós aqui não seguimos as modas dos francezes—notou rabugentamente a sr.^a Friedel, o que provocou da parte do filho um gesto de energica advertencia.

Estevam, a quem isto não passou despercebido, ficou profundamente enojado por ver o rapaz ter tamanho medo de um superior de insignificante categoria.

Como o vinho era forte, não admirava que já fosse subindo á cabeça do joven fidalgo. Tanto assim acontecia, que o conde começou a sentir-se extravagantemente provocador, e a desejar que voltasse o rabequista mais a sua musica. Ouvisse melodia que se casasse bem com aquella bebida côr de ambar, e tinha a certeza de que a sua mocidade, a que o vagabundo se referira tanto, experimentaria prazer especial em armar contenda com o tal Meyer, cujos olhos tomavam uma expressão altamente desagradavel quando se fitavam na rapariguita de aldeia; com aquelle francez que encolhia os hombros tão irritantemente, e sorria de maneira tão avillanada.

Mas se o inspector tinha olhos para as caras bonitas, tambem tinha ouvidos para os ladrões de caça. O som distante de alguns tiros dados na floresta, fizeram-n'o estremecer e ficar á escuta. Vendo Friedel, de feições contrahidas, correr para a espingarda, que deixara a um canto da sala, Meyer sorriu e fez-lhe signal para que se contivesse. Foi entreabrir a porta e poz-se a escutar. Depois, com a physionomia a alargar-se ainda mais

n'um sorriso, fechou a porta e voltou para a meza.

—Certamente já tem formado plano de agarrar os pobres diabos—pensou o conde.

Mas embora julgasse logica a explicação, sentia adejar em volta de si uma especie de mysterio, como se a aventura annunciada pela musica do rabequista estivesse a ponto de realisar-se.

Augmentou muito mais esta impressão, com o silencio que succedeu aos tiros. O francez parecia dominado por irresistivel desassocego. Percorria a sala de um extremo ao outro, comparava a hora indicada pelo relógio, que tirava da algibeira a cada instante, com a que lia no relógio da parede; ia á janella e tamburilava com os dedos na vidraça.

Estava sobresaltado certamente por qualquer motivo, mas Estevam debalde fatigava com conjecturas o seu espirito pouco imaginoso. Pois o motivo estava bem proximo.

Sentiram-se vozes e passos fóra de casa, e alguém bateu á porta com força.

—Será possivel que Deus Nosso Senhor ainda nos mande hoje mais hospedes!—bradou a sr.^a Friedel.

Era exactamente o que Deus Nosso Senhor lhes mandava, se porventura se podia lançar para tão alto semelhante responsabilidade. Mais duas pessoas entraram na estalagem, sem esperar que as annunciassem.

Por Santo Huberto!—disse Estevam consigo mesmo, vendo que uma d'ellas tambem vestia o uniforme de couteiro—Sua Magestade Westphaliana tem mais couteiros do que folhas ha n'esse arvoredo! E que formosura!—acrescentou, ao dar com a vista na mulher, que pendia do braço d'aquelle visitante. Como se tratava de uma senhora, levantou-se.

O inspector e o couteiro recémchegado trocaram uma rapida olhadela. E então o segundo, dando estalos com o chicote que trazia na mão, começou a vociferar um allemão execravel, a que misturava, de vez em quando, pragas francezas. Era evidente que o rei Jeronymo gostava de ser servido pelos seus compatriotas.

—*Parbleu!* disse o homem do chicote. Não foi pequena fortuna encontrarmos um abrigo decente. Cheguei a suppor que ia passar, juntamente com esta senhora, a noite debaixo das arvores da floresta!

Ella no emtanto, a despeito da viva côr das

faces e do brilho dos olhos, mostrava-se tão fraca e abatida, que a sr.^a Friedel e sua filha de leite a ampararam e fizeram sentar n'uma cadeira.

Estevam ia para lhe offerecer um copo de vinho, mas o inspector Meyer antecipou-se-lhe arrogantemente.

—Que indigno attentado, succedido, de mais a mais, n'uma estrada de Sua Magestade! A carruagem d'esta senhora assaltada por bandidos!—disse o alentado coiteiro, que tinha acabado de entrar.

—E que desgosto para Sua Magestade!—observou gravemente o inspector, sentando-se ao pé da recémchegada e descalçando-lhe parte da luva, para lhe tomar o delicado pulso.

—A escolta ainda fez fogo... Com todos os diabos!—disse o do chicote.

—Estupendo!—commentou o inspector.—Um copo de vinho, minha senhora?...

—Mas depois... mil raios os partam!... desataram a fugir cobardemente, abandonando-a sem defeza.

—Que vergonha!—commentou de novo o inspector, largando aquella linda mão, para receber da outra o copo despejado.

—Se eu não tivesse ouvido os tiros e acudido tão depressa, nem quero imaginar o que teria acontecido!

--Estou a tremer só de a contemplar!--disse Meyer.

—Meu valoroso libertador!--murmurou a dama, com voz meiga.

De repente escondeu o rosto nas mãos e teve uma tremura ao longo de todo o corpo.

Meyer olhou para a sr.^a Friedel, com ar de profunda compaixão, e explicou:

—É um ataque hysterico. Não admira...

A velha foi desembaraçando um pouco a viajante da bella capa côr de vinho que a envolvia, enquanto Sidonia lhe tirava o chapéu de velludo enfeitado de grandes plumas brancas, e punha a descoberto o cabello escuro e anelado d'aquella cabeça encantadora.

—Muito bem, Schmidt, eu... Ah! Sim!--disse o inspector Meyer.—O seu procedimento ha de ser levado ao conhecimento de Sua Magestade, para que tenha a devida recompensa.

—Muito obrigado, meu senhor... ah!... muito obrigado, Meyer,—redarguiu o alentado

coiteiro Schmidt, com estranho sorriso de malicia.

—Ai! Ai! Ai!--gritou a dama. E deixou a cabeça descahir para traz e os braços para os lados. Ao mesmo tempo derramava lagrimas copiosas, que lhe aljofraram as faces. Talvez fosse ataque nervoso, mas Estevam pensou que nunca em dias de sua vida assistira a mais completo espectaculo de commoções.

Tendo enxugado os olhos, a bonita mulher levantou-se mais leve do que uma avesinha, e emergindo das amplas dobras da capa, patenteou um vestido justo, azul pallido, apertado, informemente ao seio, por um cinto de amethystas engastadas em oiro.

O conde ficou extasiado perante aquellas formas de um roliço encantador, perante aquella bocca entreaberta n'um sorriso, perante aquelles olhos escuros, innocentes e profundos. Uma revelação!...

—E, além de tudo, fidalga!--disse consigo mesmo.—Que delicadeza de aspecto! Que elegancia!--Um nobre austriaco sabe muito bem o valor das joias.—Quantos aneis nas suas mãos finissimas! Que lindas perolas nas suas rosadas orelhas!

—Ah! *Dio mio!*... Sempre tenho uma fome!...

Era italiana. Que estranho concurso de nacionalidades n'aquelle cantinho de terra allemã!

A fixidez do olhar do moço conde, attrahiu a attenção da bonita mulher. Encarou-o com surpresa e interesse, e acabou por lhe sorrir. Parecia convidal-o para que lhe fã lasse.

Pois não era elle o unico homem fino que ali estava, o unico, portanto, com quem uma senhora poderia conversar?... Avançou dois passos, com o coração a pulsar desordenadamente.

Os tres coiteiros, em grupo, observavam-n'o e falavam baixinho uns com os outros, mas sem que Estevam o notasse, de absorvido que estava pelos olhares de sympathia, que lhe dardejava a beldade. Como lhe visse cahir das mãos o lenço, levantou-o promptamente e restituiu-lh'o, aproveitando o ensejo para lhe dar um ligeiro aperto de mão.

Ó Geiger-Hans, Cantor da Mocidade, tinhas adivinhado, porventura, este instante de arrebatamento?...

—Mil graças!--murmurou ella.

As graças... Estavam todas reunidas n'aquella mulher!

—Dá licença que eu mesmo me apresente? balbuciou o austriaco.

Mas o inspector, tomando-lhe o passo, atalhou com voz estridente:

—Deve por força estar muito cansado!

Estevam estremeceu de raiva, mas viu de um lado o couteiro Schmidt, e do outro o couteiro Friedel, que lhe disse ao ouvido, em tom submisso, mas de terminante advertencia:

—Vou mostrar ao amavel cavalheiro o caminho do seu quarto.

—E eu vou ajudal-o a chegar até á porta, *tonerre de Dieu!*—exclamou o outro, apertando o braço do conde debaixo do seu, como n'um torno de ferro.

Estevam libertou-se por um um esforço violento. Para alguma coisa, porém, deve servir a um homem o correr-lhe nas veias o prudente sangue britannico. Humilhante como era a posição em que estava, um momento de reflexão convenceu-o de que a resistencia só poderia augmentar-lhe o ridiculo, debaixo, de mais a mais, da luz que espargiam aquelles olhos.

—Indique-me o caminho—disse para Friedel. Tendo feito á dama um cumprimento, seguiu a escolta com toda a dignidade que pode assumir, e sahio pela porta que dava para a floresta.

Refervia-lhe tanta raiva dentro do peito, comia-lhe tanto a palma da mão, com a gana de assental-a nas gordas bochechas do insolente Schmidt, que só depois de estar sob o tecto de um casebre escassamente allumiado e entre medas de palha, é que percebeu que julgavam um palheiro como sufficiente abrigo nocturno para o conde de Waldorf-Kilmansegg.

—Uma noite muito feliz!—disse-lhe Friedel e retirou-se.

*

* * *

—Outra vez juntos!

Relanceando a vista em volta de si, Estevam descobriu o vulto do amalucado rabequista.

—Juntos na palha... E dão semelhante cama a um fidalgo!... *Misérables!*... Estes couteiros de má morte não teem a mais leve ideia do que sejam as gerarchias sociaes! Mas eu, cá por mim, antes quero esta palha muito limpinha, amarella, e cheirando a sol

no meio da escuridão, do que um enpanturado colchão de pennas, nem sempre cheirando a cravos nem a rosas.

—Geiger-Hans! ouviu-se gritarem com força atravez do ar frio da noite.

O tocador de rabeça voltou-se n'um pulo, e correu até ao meio do pateo, que o luar illuminava. O perfil da casa recortava-se sobre o pallido ceo. Cantigas de bebedores e gargalhadas boças vinham de longe, dos casebres em que os companheiros de Friedel se alojavam junctamente com a matilha.

De um balcão de madeira, a cavalleiro do tecto, sahia uma restea de luz amarellada. Sidonia debruçou-se no peitoril, escudando com a mão a vela, contra a aragem da floresta.

—Está ahí, Geiger-Hans?

—Estou, sim, meu amor...

—Ainda bem! Escute! Escute! Debruçou-se um pouco mais. As tranças pendiam para baixo, avermelhadas pela luz da vella e prateadas pelo luar. A voz entecortava-se-lhe, com tremuras de raiva:

—Não sabe?... Elle quiz... beijar-me!...

—Elle quem?...

—O homemzarrão do chicote. Agarrou-me pela cintura. Como não tinha mais nada á mão, bati-lhe com as tranças e acertei-lhe mesmo nos olhos...

—Nos olhos!... Bravo! Bravo!—gritou o rabequista, dando palmas.

—Zuniram como um azorrague. Foi uma verdadeira chicotada—disse a rapariguinha, chorando e rindo ao mesmo tempo.—Parece-me que o ceguei. Posso ir lá abaixo ter consigo, ó Hans?... Preciso de conversar... ouvir musica...

—Aqui não está melhor...

Ainda não tinha acabado de dizer isto, quando viu Estevam sahir da sombra e approximar-se-lhe.—Era horrivel pensar que a dama de olhos pretos estava em companhia d'aquelles brutamontes.

Sidonia recuou um pouco e deu um grito.

—Não tenha medo, menina. É o meu companheiro. Mas ouça! O que deve fazer por causa dos outros, é ir para dentro e fechar bem a porta do seu quarto. Deite-se e durma descançada, que eu fico de sentinella.

—E toca para eu ouvir?—perguntou indo já a retirar-se e voltando-se para traz.

—Toco, sim, minha filha, uma musica com que vae adormecer agradavelmente, mas que a outros... fará dançar.

Sidonia desapareceu. Hans voltou-se para Estevam. Ria, mas os olhos faiscavam-lhe como os de certos animaes bravios na meia obscuridade.

—Ouviu?—perguntou elle.—A rapariguita bateu no bruto, ao passo que o senhor... Oh! o senhor deixou que os labregos de dois couteiros o levassem pela porta fóra! Estevam Lee, conde de Waldorf-Klimansegge é um innocente cordeirinho... Que diacho lhe corre nas veias: sangue ou agua com assucar?... Um rapaz na flor... na força da vida, consentiu que o boçal do Schmidt lhe puzesse as mãos!... Pelo sangue de meus paes! Se o mariola tivesse tocado em mim que já sou velho, ficava logo marcado pelo meu chicote! Perdão! Perdão! O colosso tem bons musculos e... Acho-lhe toda a razão, sr. conde! Acima de tudo sejamos prudentes!... Só digo que mente essa mascara que tem no rosto, a pelle lisa, o cabello sem uma branca sequer. É moço na cara, mas não é moço no coração. Esse está como uma avelã peca... reduzido a uma pitada de moinha... Pois eu... e tenho o corpo gasto e alquebrado... ainda conservo muito mais d'esse dom divino, chamado mocidade!...

—Cale-se! bradou Estevam a tremer, ferido até o intimo de seu orgulho.—Não me entendeu. Estava deante de uma senhora...

—Senhora! Oh! Oh! Oh!—interrompeu o outro, soltando uma risada.

Durante a vehemente objurgatoria, o musico tinha ido sempre avançando, de maneira que o conde, á força de recuar inconscientemente, ficou afinal encostado ao muro da casa. Por uma janella, que não estava fechada, chegou até aos dois homens um som, que parecia mais de suspiro que de palavras:

—Ah! Dio!

—Veiu á deixa! casquinou o artista ao ouvido do conde e sumiu-se na escuridão.

A janella era de um quarto do andar terreo. A bonita mulher debruçou-se para fóra, com os cotovelos no peitoril. Pela face deslisou-lhe um raio obliquo de luar.—Como era possível haver formosura assim?...

—Minha senhora!—disse-lhe Estevam. E aquelle coração, que julgavam reduzido a moinha, pulsou de um modo que até então lhe era desconhecido.

—Cale-se!—acudiu ella baixinho, pondo um dedo sobre os labios.—Ah! É o senhor!...

Estevam deu um passo para diante e ficou

banhado pelo mesmo raio de luar. O que não pode notar, foi que tambem estava parecendo muito bem, e sob um aspecto altamente romantico.

Perto d'ali, no seio das trevas, o arco do rabequista correu pelas cordas. Tão ligeiro o som, que menos substancial, mais tenue parecia do que o proprio luar; ciciava ao ouvido tão suavemente, como se fôra coisa que elle não sentisse. A mão do conde encontrou os dedos macios e quentes da bonita mulher... a fragancia que exhalavam aquelles cabellos anelados inebriou-o. Ella fitou os seus olhos nos d'elle, e os olhos animaram-se-lhe, incendiaram-se.

Dize-me, artista, que feitiço tem a tua musica? Que meiguice estranha insinua, que mysterosa audacia aconselha? Os labios descerrados d'aquella mulher deixavam entrever os dentes a brilharem, e veiu aquelle rapaz, que nunca beijára uma bocca pedindo amor... Como estão já tão perto!...

Ranqueou uma porta no quarto. Ella esquivou-se ás mãos timidas. O debil trama de melodia quebrou-se como filandras que fluctuam no ar.

Estevam julgou ouvir o riso suffocado do rabequista... Sentiu-se uma exclamação abafada... Deveras tambem ella estaria a rir?... E viu—viu, sim!—o inspector surdir por traz da seductora mulher, agarral-a pelos hombros, puxal-a para dentro com violencia, e as portas báterem fortemente, fechando-se-lhe na cara! Ao mesmo tempo o chão... como que o sentiu tremer debaixo dos pés. Tudo á sua vista pareceu que tomava a côr do sangue. Era ali o quarto d'ella, e até ali o maldito homem a tinha seguido!... Realmente não tinha mocidade, não lhe corria sangue nas veias?... Pois havia de tolerar isto?... Girou sobre os os calcanhares, precipitando-se ás cegas para a porta da entrada, e deu de cabeça contra o amplo tronco do Schmidt.

Explodiu uma praga em francez, e ouviu-se, em mau allemão perguntarem «Vae cego este diabo?» Novamente, do seio da escuridão, o rabequista soltou uma gargalhada... Ou foi a sua musica?... Ou os diabos que de emboscada mofam e incitam?... Ao certo nunca elle soube o que succedeu, até que um estampido, como de um tiro de pistola, estalou no meio da noite... Reconheceu que afinal encontrava ao alcance da mão aquella cara larga e insolente. O som da bofetada esclareceu a

confusão que tinha no cerebro, do mesmo modo que uma lufada de vento varre o nevoeiro. Schmidt mugiu como um touro furioso,

mas Estevam aparou a pancada do chicote com a agilidade que lhe tinham ensinado em Londres. Enlaçaram-se um ao outro com



COMO ESTÃO JÁ TÃO PERTO!...

fúria, mas tendo sido elle o provocador e degenerando por fim o conflicto n'uma lucta de vida ou de morte.

E Hans moveu o arco sobre as cordas qual

verdadeiro possesso. Era um canto ferocissimo de combate, que surgia agora cada vez mais penetrante, mais energico, mais rapido, erguendo-se no ceo tranquillo. Pelo ar subiam

as pragas do coureiro Schmidt, porém Estevam luctava em silencio, como fidalgo que era. Emquanto viveu sustentou sempre que ia levando a melhor contra o alarve até que, prendendo o calcanhar n'uma raiz, tombou desamparado para o chão, cahindo-lhe o outro por cima. Sentiu durante minutos a agonia da suffocação... por diante dos olhos o lampejo de uma lamina de aço, a que o luar deu um tom azul doirado... o estampido de dois tiros... um grito de mulher. E então o conde de Waldorf-Klimansegg deixou de ter consciencia do que se passava, e o espirito fugiu-lhe velozmente, ao compasso de uma musica extraordinariamente vivaz.

*

* *

Descerrou Estevam as pesadas palpebras e divisou uma claridade azulada insinuando-se por entre molhos de palha muito amarella, e deu vista do grande quadrado de alvacentos nevoeiro e de oscillantes folhas, que a porta do palheiro, escancarada para a luz matutina, punha a descoberto. Voltou a cabeça para o outro lado e sentiu-a sobre almofada de linho exhalando perfumes, e teve uma impressão de ligeira dôr a contrariar aquella sensação delectosa.

Bailava-lhe no cerebro uma musica alegre, vulgar, absurda. De subito descortinou a figura de um homem, que, sentado no chão e de pernas cruzadas, punha uma corda na rabeça.

A memoria voltou-lhe immediatamente.

—Foi por causa da musica!—disse elle.—Oh se foi!

Hans despediu-lhe um olhar de mofa, por baixo das franzidas sobranceiras e retorquiu:

—Afinal de contas não apanhou o beijo.

—Pois sim, mas elle apanhou uma tremenda bofetada!

Espicaçado por esta recordação, levantou-se e conheceu que, além de umas ligeiras tonuras e um certo entorpecimento, não tinha outro incommodo.

—Pouco faltou para que a faca do patife lhe entrasse na pelle—disse o artista seccamente.—Era como acabava de ficar sabendo o que se deve á mocidade. No emtanto sempre tem aptidões. Sim, algumas aptidões.—Esticou mais a corda, arrancou-lhe um som agudo, e fez um aceno com a cabeça.

Um gallo cantou no paeo da herdade da floresta. Um tordo tambem cantava, no meio do destemperado chilrear dos passaros. A brisa perfumada vinha, atravez da rama dos pinheiros, refrescar a cabeça e o pescoço do conde, que levou a mão ao coz da camisa meio desabotoada, e encarou com o rabequista, cuja cabeça continuava a balouçar.

—A queda atordoou-o—disse este—tanto mais tendo-lhe cahido em cima aquelle grande animal. O que lhe valeu, foi eu a tempo segurar a mão d'elle. O homem pequenino veio logo de corrida até cá fora e berrou: «Não quero sangue, d'Albignac!» Tem esta qualidade boa... compadece-se pela vida alheia.

—O homem pequenino... d'Albignac—repetiu com espanto o austriaco.

—Mediu-lhe admiravelmente a largura das bochechas: refiro-me ao d'Albignac—disse o musico.—Nós dois juntos podemos fazer grandes coisas... Não percebe que Schmidt era o d'Albignac, *chouan* renegado, hoje mou-teiro-mór do rei da Westphalia e condescendente... intermediario para certas conquistas de Sua Magestade?...

—Sua Magestade... o rei Jeronymo?

—Deveras suppoz que Meyer e Schmidt fossem nomes verdadeiros de francezes? Valha-o Deus! Um tal incognito não podia enganar... um gato.

A madrugada vinha rompendo a pouco e pouco, mas a luz no cerebro de Estevam fez-se de repente e vivissima.

—Então—tartamudeou elle—aquella senhora?...

—A illustre dama é, meu pobre amigo, uma simples dançarina genoveza, que o imperador Napoleão, sensato e grande homem, mandou remover, por dois emmissarios, para longe d'estes reinos, onde a sua presença não contribuia para a dignidade do rei, nem tão pouco para a da rainha. O grande Napoleão é muitissimo niquento no que respeita á dignidade de Suas Magestades Westphalianas. O nosso pequenino soberano jurou, comtudo, aos seus deuses, que ainda havia de ter uma ultima entrevista e...

—Deus meu!—murmurou Estevam e passou a mão pela bocca, julgando-a maculada pela sombra do beijo, que tanto desejava.

—Então o Meyer é?...

—O nosso manosinho Jeronymo, está visto! E emquanto o arco bailava subtil nas cor-

das, o rabequista cantou, com voz suave e amortecida, a estúpida modinha:

*Nous allons chercher un royaume
Pour not' p'tit frère Jérôme...*

— Assim cantavam os soldados antes de Iena,— explicou elle.— *Sapristi!* É moda agradável e patusca! A noite passada os nossos amigos, apenas a ouviram, desataram a fugir. E, como Estevam se mostrasse cada vez

mais espantado, Hans proseguiu com voz zombeteira:

— Quem anda por caminho torto, fuge ainda que não o persigam. Não ha ninguem para metter medo ao pequeno Rei como o grande Imperador. Mesmo no seio da victoria, o irmão gigante não tira a vista de cima do mano pygmeu. E metteu-se na cachimonia d'este ultimo, que sou eu o olho mais vivo de Napoleão. Basta-me, como vê, tocar aquella musica, para que Sua Magestade da Westphalia e



AFINAL DE CONTAS NÃO APANHOU O BEIJO!

a sociedade selecta que o acompanha... Pfft!—Hans fez um gesto largo e produziu com os beijos um som imitativo do ruflar das azas.

—Foram-se, evaporaram-se como um bando de pardaes que sentiram bulha.

—Todos? perguntou Estevam. E ficou succumbido, apesar de ella ser uma simples dançarina de Genova, e mulher de costumes facéis.

—Sim, tambem a bailarina se foi, antes do romper da madrugada. E Sidonia tambem... Ah! Ah! Com que então para o sr. conde as saias curtas fazem a aldeã, e as joias de preço

a fidalga?... Ah! Ah! Ainda o estou a ver fugindo enojado ao contacto das tranças da encantadora creança!... Pois foi ella que, alta noite, lhe trouxe uma almofada, e que ahi mesmo chorou desconsoladamente, por julgalo morto... Para que socegasse, tive de obrigal-a a pôr-lhe a mão sobre o peito, e só quando lhe ouviu o coração bater com força... Aquella é que é fidalga... Raça mais nobre, creia, nunca o meu amigo encontrará nas suas viagens. E, além d'isso, é a herdeira mais rica d'estes logares. Oh! Á respeito d'ella não se dizem mentiras. De vez em quando vem visi-

tar a ama que a criou. Capricho, veneta que lhe dá... Mas o sr. conde não pensou em olhar-lhe para a cara, nem lhe viu o péssimo... Se era uma aldeã, *pardi!*... Pois saiba que o Jeronymo...

—Jeronymo! repetiu Estevam, e, sem saber porquê, sentiu um impeto de raiva como nunca tinha tido.

—O Jeronymo fez-lhe umas festinhas na cara—disse o musico—e por isso eu e o Friedel, á cautella, a expedimos para o seu castello... Foi emquanto o sr. conde estava a dormir. Mas ouça cá e deixe-me esses ares de tristeza,—continuou, mudando de tom. Não acha instructivo saber-se como o rei da Westphalia passa o tempo, quando todos os homens do seu reino andam batalhando pela causa do imperio... requeimados pelo sol da Hespanha ou regelados pelas neves da Russia? E confesse, em todo o caso, que passou uma noite, de que ha de lembrar-se até ao fim da sua mocidade tão comedida e tão regrada. Bom! Bom! Ande comigo, que lhe quero mostrar uma coisa, que decerto ainda não gosou... Juro que não!... O nascer do sol na floresta!

O pateo estava silencioso e deserto. Sem a minima duvida, todos se tinham ido como um sonho.

—Olhe!—disse o musico.—Já admirou azul tão limpido? Veja todas estas arvores envoltas em mysterio, e a prata do orvalho luzindo em cada rebento; ouça-o tombando de folha para folha. É todos os dias uma nova criação! Oh! Eu tocava-lhe o canto da aurora, se elle não lhe estivesse já resoando ao ouvido! Escute! Que meigas caricias, que segredos, que murmurios! Não ouve os passaros?... Ouve, sim! É ainda o tordo de hontem á tarde, pousado na copa do abeto. E agora canta baixinho espreitando o horisonte. Gorgeará estridulamente quando o sol despontar. Sente o zum-

bido das abelhas?... E o aspero sussurrar do riacho atravez dos penedos?... Oh minha alma, que symphonia! O respirar da floresta, não o sente, fresco e vivaz?... É o sabor do musgo encharcado no rócio da manhã e pisado pelos nossos pés?... É o cheiro dos renovos das faias, do incenso dos pinheiros?... Repare!... Como arde a floresta com o fogo verde, que lhe percorre as entranhas!... Perto de nós o arvoredado é escuro e sem côr. Mas que chamma lá por dentro, a crescer, a expandir-se, oiro vivo, viva esmeralda! Veja agora, veja! Estão escarlates os troncos d'aquelles abetos! O sol já nasceu!

Calou-se o artista.—Recordando-se d'aquelle spectaculo, Estevam admirava-se mais tarde de que elle tivesse dito uma só palavra, ou que, ao menos, houvesse dado a comprehender os seus pensamentos. Viu a estranha creatura suspender o lento divagar, e, descobrindo-se, acenar-lhe com o velho chapeo.

—Adeus!—disse-lhe Hans.—A tia Friedel lhe dará de almoçar, e o filho já foi tratar da sua carruagem. Adeus, nobre conde! Não se esqueça de que está na mocidade!

—Quando o torno a vêr?—gritou Estevam, com o coração acabrunhado.—E acrescentou hesitante:—Companheiro?...

O outro, que ia avançando na floresta, a passos ligeiros e extravagantes, parou pensativo.

—Quem sabe?—respondeu, virando-se para traz.—Se souber a maneira de procurar... mas... quem sabe?...

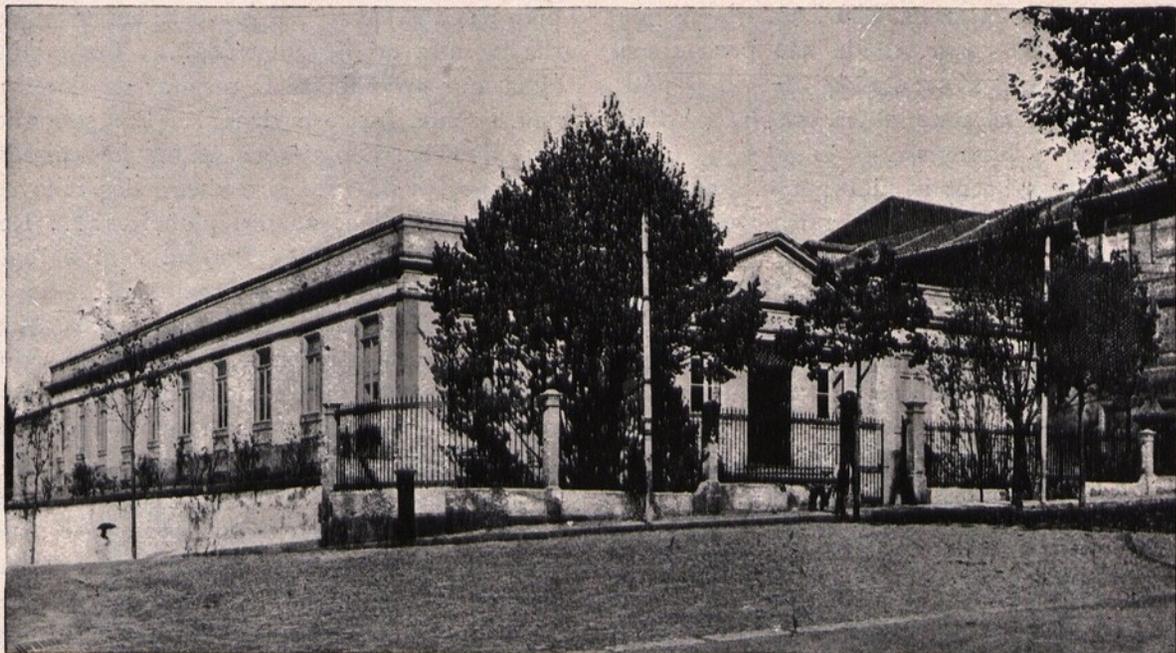
Embrenhou-se n'uma clareira, onde o sol abria para diante d'elle um caminho dourado, e incendiava de chammas as verdes arvores, que de um lado e outro se elevavam exuberantes de seiva.

(*Continúa.*)

AGNES E EGERTON CASTLE.

(Versão do inglez por MAXIMILIANO DE AZEVEDO).





Escola medico-cirurgica do Porto

D'ENTRE as tres escolas de medicina do paiz, a do Porto é a mais frequentada. Desde 1892 até hoje formou 502 medicos, o que representa a média annual de 38. Actualmente estão matriculados 209 alumnos, dos quaes destacaremos duas senhoras. E como não é larga a lista de senhoras formadas em medicina pelas escolas do reino, aqui deixamos em homenagem o nome d'aquellas que se formaram no Porto: D. Amelia de Moraes Sarmiento, D. Guilhermina de Moraes Sarmiento, D. Laurinda de Moraes Sarmiento, D. Maria Paes Moreira, D. Maria Genoveva de Jesus e Silva, D. Maria Prata e D. Guilhermina Prata.

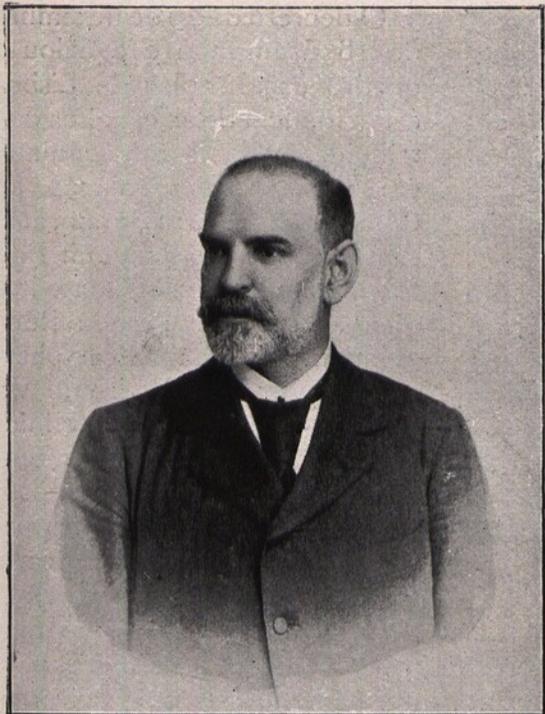
A quem pretendesse estudar ou conhecer em minudencias de erudição e estatística a historia do ensino medico no Porto, nós indicariamos o *Relatorio apresentado ao Conselho Superior de Instrucção Publica*, na sessão de 1 de outubro de 1895, pelo sr. Dr. Ricardo Jorge. É trabalho subidamente notavel, em que o proprio homem de letras haverá de deleitar-se nas graças e nos fulgores do estylista.

RESENHA HISTORICA

«A historia do ensino medico no Porto é bastante obscura — conta um jornal portuense. — É de crer que os hospitaes que em tão larga escala existiam pela cidade fossem outras tantas escolas, onde se habilitassem praticos de escassa demonstração e sufficiencia, a quem documentos officiaes dão constantemente a designação de idiotas. No hospital de D. Lopo, situado na rua das Flores, antecessor do grandioso hospital da Misericordia, as mais remotas noticias relativamente ao apprendizado da cirurgia referem-se ao meado do seculo xvii. Um assento da mesa da Misericordia, datado de 1641, denuncia que fôra mandado reprehender o cirurgião Antonio Sucarello, por encarregar os praticantes da execução dos curativos dos feridos.

Para se obter a carta de cirurgião, reclamava-se que o candidato possuísse a lingua latina e houvesse frequentado por quatro annos os hospitaes da terra em que vivesse, ou na falta d'este seguisse pelo mesmo tempo a clinica de um cirurgião. Em seguida procedia-se a um exame perante o cirurgião-mór do mesmo, ou

*Viva, viva la suprema
Sempre augusta majestá*



DR. MORAES CALDAS
Actual director

um delegado acompanhado por dois cirurgiões. Estas disposições vigoraram até ao fim do século XVIII, em que as attribuições do cirurgião-mór passaram para a junta do proto-medicato, de ephemera duração.

Pelos annos de 1749, creava-se a academia medica e cirurgica do Porto, pelas diligencias de Manuel Gomes de Lima, a quem se havia associado os doutores Manuel Freire da Paz e Pedro Brow, medicos da Relação e do hospital. P. Bronn, medico honorario da Relação e da Feitoria Inglesa, Pantaleão da Costa Lima e Antonio Pereira Cortez. Ahi se realisou em 1760 uma sessão solemne de congratulação pelo anniversario de D. José, em que varios academicos fizeram doughtas conferencias, e em que, para reunir o util ao agradavel, se executaram trechos de musica.

A esta reunião assistiram as pessoas de maior distincção que residiam na cidade. Sessões analogas se realisaram nos annos seguintes. No de 62, depois de uma sessão inaugural, executou se uma serenata de musica divina em côros, composta por ordem da academia. O côro a cada momento soltava este estribillo:

As matriculas regulares foram permitidas e auctorisadas pela mēsa da Misericordia desde 1793. A frequencia foi, nesse anno, de 32 alumnos. O professor era um notavel operador, José Caetano da Cunha, que ensinou no hospital de D. Lopo, e foi seguido pelo Dr. Izidoro Ferreira Machado, que inaugurou as suas lições no Hospital Novo ou Hospital Real de Santo Antonio.

O curso de cirurgia durava quatro annos, sendo o primeiro consagrado ao estudo da anatomia, o segundo ao da physiologia, e os dois restantes ao da clinica cirurgica e operações. A instrucção, porém, era deficientissima, o material de ensino nullo, e nos exames finais haviam-se introduzido abusos intoleraveis. Tudo isto reclamava providencias, e, por instancias de alguns homens dedicados aos progressos dos estudos cirurgicos, e nomeadamente pelas diligencias de Theodoro Ferreira de Aguiar, cirurgião-mór do reino, e amigo particular de D. João VI, apresentava e referendava o ministro José Joaquim d'Almeida Araujo



DR. ALFREDO MAGALHÃES
Secretario



THEATRO ANATOMICO

Corrêa de Lacerda o alvará de 25 de junho de 1825, que creou as Reaes Escolas de cirurgia de Lisboa e Porto.

Os primeiros professores na nova escola foram os seguintes: Bernardo Pereira da Fonseca Campeão, delegado do cirurgião mór do reino, director e lente do 5.º anno, durante o qual se ensinava a pathologia interna e a clinica medica; Vicente José de Carvalho, ex-demonstrador de anatomia no hospital de S. José de Lisboa, lente do 1.º, durante o qual se ensinava a anatomia e a physiologia; Francisco Pedro de Viterbo, lente do 2.º, em que se ensinava materia medica, pharmacia e hygiene; Antonio José de Sousa, que era cirurgião e mestre de anatomia e fôra cirurgião militar de S. Bento, lente do 3.º, em que se ensinava pathologia externa, therapeutica e chimica organica; Joaquim Ignacio Valente, antigo cirurgião do exercito, lente do 4.º, consagrado ao estudo de medicina operatoria e obstetrica.

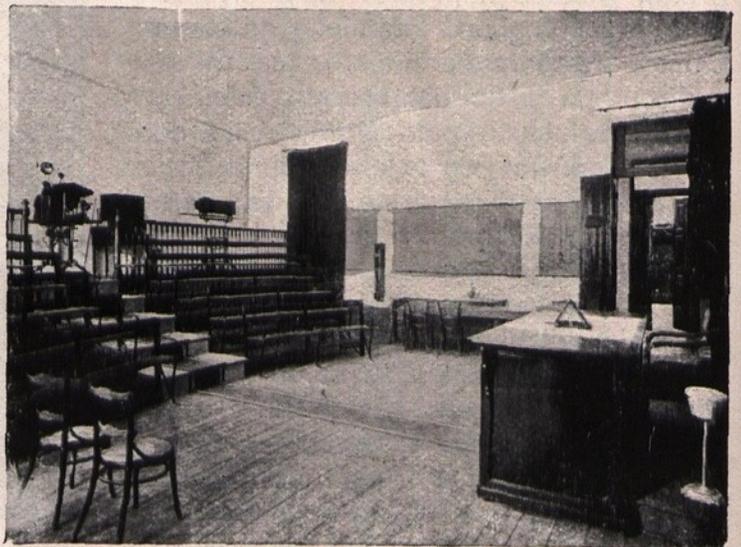
Como substitutos foram nomeados: Bernardo Joaquim Pinto, do 1.º e 4.º annos; Francisco de Assis Sousa Vaz, do 3.º; e Alexandre de Sousa Pinto, do 2.º e 5.º A abertura sollemne da escola realisou-se a 25 de novembro de 1826, e as aulas começaram em 2 de dezembro.

O decreto de 29 de dezembro de 1836 ampliou e egualou o quadro das Escolas de Lisboa e Porto, ficando as cadeiras distribuidas pela fôrma seguinte, em virtude da resolução do Conselho Escolar: 1.º anno, anatomia: Bernardo Joaquim Pinto; 2.º anno, physiologia e hygiene, Dr. José Pereira Reis; 3.º anno, materia medica e pharmacia, Francisco Pedro de Viterbo; pathologia e clinica externas, Antonio Ferreira Braga; clinica cirurgica, Antonio José de Sousa; 4.º anno, apparelhos e operações cirurgicas e cirurgia forense, Vicente José

de Carvalho; partos, molestias das mulheres de parto e de recém-nascidos, pelo mesmo, interinamente, e clinica cirurgica; 5.º anno, Historia medica, pathologia e therapeutica internas, Francisco de Assis Sousa Vaz; clinica medica, hygiene publica e medicina legal, pelo mesmo, interinamente, e clinica cirurgica.

Por carta de lei de 26 de maio de 1836 foram creadas na Escola medico-cirurgica do Porto mais duas cadeiras: anatomia pathologica, medicina legal e hygiene publica.

Os primeiros professores d'estas cadeiras foram: da 1.ª o Dr. José Alves Corrêa de Barros, e da 2.ª o Dr. José Fructuoso Ayres de Gouvêa Ozorio.



AULA DE HISTOLOGIA



CORPO CATHEDRATICO E ALUMNOS DO ANNO 1880-1881

Por carta de lei de 10 de abril de 1875 foi instituída a cadeira de pathologia geral, tendo por primeiro professor o Dr. Illydio Ayres Pereira do Valle. Em 1900 foi desdobrada a cadeira de hygiene e medicina legal: o primeiro professor de hygiene foi o sr. Dr. João Lopes da Silva Martins Junior, e o de medicina legal o sr. Dr. Maximiano Augusto d'Oliveira Lemos. Finalmente em 1903 foram creadas novas cadeiras: anatomia topographica e histologia, sendo nomeado professor da primeira o sr. Dr. Carlos Alberto de Lima e da segunda o sr. Dr. José Alfredo Mendes de Magalhães.»

COMO A INICIATIVA PARTICULAR AUXILIA O ENSINO MEDICO

A Escola medico-cirurgica tem sido contemplada ultimamente com importantes legados, que, se mostram por um lado a consideração que merece ao publico pelos serviços que presta, por outro concorrem poderosamente para o desenvolvimento da instrução medica. São elles: os legados Barão de Paiva e Macedo Pinto, destinados a premios escolares; o legado Assis, destinado á sustentação d'um pensionista em cada curso, á criação de bolsas para o aperfeiçoamento em Paris e Montpellier de medicos recém-formados, e ainda ao custeio de viagens scientificas pelos professores; e o legado Nobre, para a sustentação de doze alumnos, medicos ou não, em toda a duração do seu curso, revertendo o remanescente do rendimento em favor da escola, para ser empregado em beneficio do seu ensino. Além d'estes legados, os amigos do

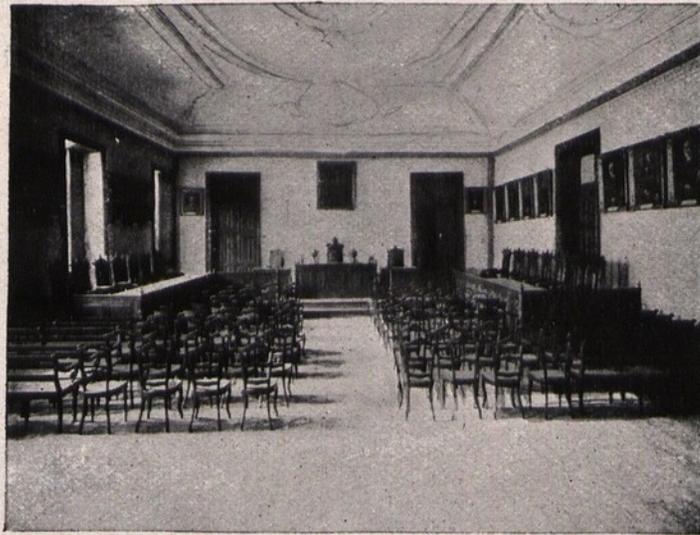
malgrado professor Manuel Rodrigues da Silva Pinto fizeram doação áquelle estabelecimento d'uma inscripção de um conto de réis para um premio na cadeira de hygiene e medicina legal.

RIQUEZAS DA ESCOLA

Modernamente a Escola Medica do Porto tem prosperado muito n'um impulso de aperfeiçoamento digno de louvor incondicional. Entre o material de estudo que enriquece os laboratorios, merece especial registo o das secções de chimica medica, bacteriologia e histologia normal, que representa um alto desenvolvimento de processos de investigação experimental. A Escola possui vinte excellentes microscopios dos melhores auctores, e um magnifico apparelho de projecção da casa Zeiss.

A sua bibliotheca comporta 20:000 volumes, que foram ultimamente catalogados pelo secretario interino da Escola,

o distinctissimo professor Alfredo de Magalhães. E é notavel e por certo unica a secção de obras de medicina portuguesa dos seculos xv, xvi, xvii e xviii, organizada muito sabiamente para essa bibliotheca pelo fallecido professor José Carlos Lopes.



SALÃO NOBRE

Compreende-se o valor d'essa secção, onde estão incluídas algumas centenas de livros de grande interesse bibliographico e historico.

LENTES E ALUMNOS

Seria interessante contar, a proposito d'esta Escola, onde, como é natural em meios academicos, tantos temperamentos diversos passaram, um ou outro caso anedoctico, que ainda é um modo de

traçar muitas vezes a silhuetta moral de um homem, a synthese de um caracter ou a aresta mais curiosa d'um espirito. E ahi haveria de tudo, á escolha, desde aquelles feittos bonacheironamente bondosos até á rigidez um pouco dogmatica e imperturbavelmente dura d'aquelles lentes classicos, que se diria descerem sempre do Olympo, de palestrar com Jupiter. Aqui far-se-hia um volume de historias hilariantes, de lusa chalaça entre licenciosa e faceta, de lentes e alumnos. O Dr. José Pereira dos Reis seria um grande collaborador d'esse livro de riso, se coligissemos os ditos e as partidas d'esse morto illustre.

Em toda a parte é assim, quando ha espirito e mocidade. E' certo que as mais das figuras perdem-se sem relevo, mas fica de muitos ainda um destaque fulgido, pela ironia, pelo saber, pela bondade ou pelo genio.

Vem a talho de foice duas historietas de professores fallecidos, grandes ambos pelo talento e pela bondade. E não são estas duas coisas conciliadas que marcam



GABINETE DE CHIMICA

a verdadeira superioridade do homem?

A BONDADE DE JULIO DINIZ

Uma é de Gomes Coelho, o admiravel Julio Diniz da nossa litteratura. Imaginem que um homem já velho o procurava para lhe pedir a «valiosa protecção» no exame de pharmacia. Contára-lhe elle infortunios da sua vida, a real desgraça que lhe podia trazer uma reprovação, o quadro da familia numerosa, uma miseria dramatica.

—«Vá descançado!» disse lhe, commovido, o lente poeta. «Hei de fazer quanto puder, creia!»

Mas o bom velho, que dispunha apenas d'uns conhecimentos praticos, começou a estender-se d'um modo incalculavel. Julio Diniz, que ainda não tinha interrogado, estava afflicto, inquieto. Aquella fronte larga e melancolica do grande novelista engelhava-se de afflicção. Pobre velho! Como salvo o? E cada vez o pobre homem se compromettia mais. Julio Diniz empallidecia...

Coube-lhe a vez de o interrogar. Mas o que havia Gomes Coelho de perguntar-lhe? Cada vez seria mais grave e mais dolorosa a situação. Pobre velho! Perguntar-lhe o quê?

De repente Julio Diniz tem uma ideia, que lhe traz um sorriso... A fronte des-enruga-se-lhe:

—Olhe: conte-nos a sua vida!

Esgazeado, o velho fitou-o. Não percebia bem.



PROFESSOR — EDUARDO PIMENTA

— Conte, conte a sua vida!

Animado, o homem fez com singeleza e verdade a narrativa dolorosa da sua existencia. Isso sabia elle contar, e tinha a eloquencia da dôr! O jury escutava o, visivelmente interessado. Julio Diniz sorria como se visse dissipar-se na sua grande alma, tocada por um vento abençoado, uma nuvem pesada...

Fitou carinhosamente os collegas com o olhar meigo e triste.

Sim, estavam satisfeitos. Já tinha dado a hora. O pobre homem passára, *nemine discrepante...*

UM LENTE COSINHEIRO

N'uma madrugada clara de agosto, atravessava o professor Pimenta o campo de Santo Ovidio a passo miudo e rapido. A'

altura do quartel de infantaria 18, encontrou-se com um estudante de medicina a quem votava uma estima especial. Cumprimentaram-se os dois. Conversando e rindo muito intimamente, seguiram até ao monte da Lapa. Separaram-se ahi. Combinaram, porém, encontrar-se novamente n'aquelle mesmo ponto.

No regresso, como o alumno se cansasse de o esperar, e soubesse do seu paradeiro, resolveu ir procural-o. Subiu a rua tortuosa e estreita até um alto,

onde poisava, isolado, um pobre casinholo. Empurrou a porta, e entrou.

Como as casas das *ilhas*, esta nada tinha de especial. Um corredor; ao lado um quarto escuro; ao fundo uma cosinha estreita. No quarto, deitada num catre, jazia uma velha, em cujo rosto

se lia a angustia do soffrimento; na cosinha o professor Pimenta, em mangas de camisa, o farto bigode matizado de carumas brancas, fazia ferver uma panella abanando ao lume. Como o estudante quedasse surpreso, o cirurgião explicou que se demorára a operar a enferma, procedendo á paracentese abdominal; depois, como a sentisse enfraquecidissima, saíra a comprar carne; e como ella não tinha ninguem, a



GOMES COELHO
Julio Diniz

pobre de Christo, estava lhe arranjanado uma *sustanciazinha...*

Quando sahiram, como o estudante, commovido, elogiasse aquelle procedimento altruista, e na sua admiração consagrasse a lendaria bondade do Mestre, o professor Pimenta, atalhando-o, retorquiú singelamente, com um gesto rapido para lhe impôr silencio:

— Eis, meu amigo, uma coisa, que todos os medicos devem fazer, mas que nunca devem contar».

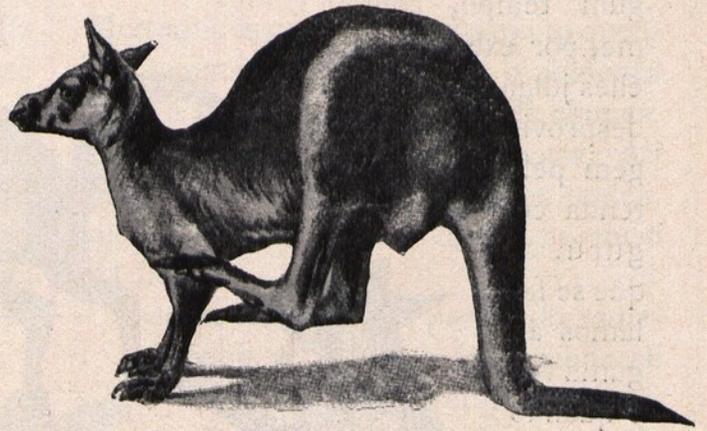
Memorias

de um Kangurú

CONTADAS PELO PROPRIO

E GOFIADAS POR

A. J. Dawson



FALAMOS CONSTANTEMENTE COM AS ORELHAS...

DESDE o primeiro salto, que dei por esse mundo, fui logo fadado, quero crer, para uma vida aventureira. Se aos homens acontece isto, porque não será determinado outro tanto para os kangurús pelos deuses que lhes regulam a existencia? E que de coisas eu tenho visto e feito nas eternas peregrinações atravez das florestas da minha Australia!...

Se duvidam, posso mostrar-lhes o registo das aventuras nas cicatrizes numerosas sementeas por toda a minha pelle e nem sempre cobertas de cabello. São os tropheus das façanhas que esmaltam o meu longo passado, especialmente esta grande costura que tenho aqui, na frente do pescoço, e que um cão de caça...

Oh! Ainda não ha nenhum que me assuste! Nem dois ou tres me fazem recuar. Pois escapei a alguns de respeito!

Vi a morte mais perto de mim, do que vejo n'este momento o papel em que escrevo; mas porque ainda cá estou, não me julgo com direito de escarnecer dos homens nem dos cães, que não conseguiram matar-me. Já sou velho, e por isso tenho o juizo amadurecido.

Querem que me apresente? Sou pardo escuro desde a cabeça até aos pés, incluindo a propria cauda, parte para nós, kangurús, muito importante. Só pareço mais claro quando os cães ou os caçadores pas sam por barlavento,

buscando-me atravez do matto, e o pêlo todo se me erriça. Ah! Tambem tenho uma listra clara pelo peito abaixo.

Quando me ponho em pé, como qualquer homeni, tão alta como a de um homem fica a minha cabeça, mas o meu focinho, não é por me gabar, serve para muito mais que o focinho de um homem. Desafio todos elles, e até os seus cães, para farejarem melhor que nós a aproximação do inimigo. Até quando estamos a dormir!

É que os homens e os cães se abarrotam, umas poucas de vezes ao dia, com toda a casta de alimentos ruins, e contra a natureza, como é por exemplo a carne dos outros animaes e principalmente uma certa sopa. (1) Como poderiam então manter os sentidos em toda a sua vivacidade, especialmente o mais delicado e util, o olfacto? Mas ainda bem, para nós, kangurús, que os nossos inimigos, não teem as narinas muito sensiveis! De outro modo já teriamos deixado de existir.

E que ideia extravagante os homens formam a nosso respeito!

Um dos nossos, que esteve preso al-

(1) O auctor d'estas memorias refere-se evidentemente á sopa de rabo de kangurú, que os australianos consideram petisco delicioso.

gum tempo, contou me, por exemplo, que elles julgam o kangurú desprovido de linguagem pela qual se entenda com outro kangurú, e que se falamos alguma vez é quando



EXPEDIA-ME PARA UM LOGAR DO MATTO Á SUA DIREITA ONDE EU FICAVA MUITO ACAÇAPADO.

estamos para morrer. Pois ha maior disparate! Prova apenas a curteza de vista que soffre a humanidade. Como não tem outra maneira de expressar-se a não ser aquella tão perigosa, bulhenta e grosseira, conclue que não podemos ter mais nenhuma. Fossem perspicazes os homens e conheceriam que falamos constantemente com as orelhas, com os olhos, com o focinho, com as mãos, com o rabo, e principalmente com os pés.

Supponha-se que, em numero de vinte

ou trinta, andamos a pastar muito socegados da nossa vida no meio do silencio da noite e que uma das nossas sentinellas, afastada um quarto de milha do corpo principal, ouve ou fareja a aproximação de gente, que vem caminhando atravez do matto. Julgam que cae na asneira de des-

atar aos berros, dando o alarme? Se tal fizesse, ao mesmo tempo que nos avisava, tambem avisava os nossos inimigos. Então é que é falar com os pés! Soubessem os homens ouvir, e conheceriam que as nossas sentinellas batendo no chão conseguem avisar-nos, não somente da approximação dos inimigos, mas do numero d'estes e da direcção que levam.

Tenho ouvido dizer que os homens, na sua lamentavel cegueira, julgam descobrir nas nossas acções carencia de instincto maternal, por isso que algumas fêmeas de kangurús, quando perseguidas pelos caçadores, atiram para longe os filhos, e tratam de salvar a pelle fugindo a sete pés. Calumnia e despauterio. É que não sabem, certamente, que nos costumamos aninhar no sacco materno até chegarmos á idade madura. Se nossas mães quizessem então fugir aos cães de caça, carregadas com aquelle trambolho, acontecia-lhes forçosamente ficarem na bocca dos negregados, juntamente com a sua prole. É regra estabelecida entre nós que toda a mãe que fôr perseguida de perto pelos caçadores, trate de pôr a salvo os filhos ainda incapazes de se defenderem. Se não puder collocar-os em lugar mais seguro do que o sacco respectivo, tem obrigação de fazer frente a todos os perigos.

Ainda me lembro do que fazia minha mãe, muito tempo depois de meu pae — um valente! — ter sido morto, e quando eu ainda era pequeno, mas já muito airoso, tão pequeno que a minha cauda, na raiz, não tinha mais de tres pollegadas de grossura. Quando nos davam caça, encaixava-me para dentro do grande sacco, mas, se o perigo era terrivel, parava, puxava-me para fóra agarradinho pelo cachaço, expedia-me para um logar do matto á sua direita, onde eu ficava muito acaçapado, corria para a esquerda como uma bala e parava outra vez á espera de que os cães a avistassem, para romper então para a frente n'uma tal corrida, que nem o vento seria capaz de apanhal-a.

Em chegando a alguma encosta, que a occultasse aos cães, dava um salto de uns vinte pés para o lado e agachava-se, muito cozida com o matto ou com as ervas altas. Os cães passavam-lhe adiante na corrida doida em que iam, e ella, voltando para traz aos zig-zags, vinha ter ao sitio onde eu estava, para me socegar.

E como as nossas mães sabem sustentar-nos, quando somos muito, muito pequeninos e não temos em todo o corpo a mais leve sombra de pêlo!

Mettem-nos nos seus saccos muito quentes e macios, e deitam-nos o alimento para a bocca, ainda incapaz de chupar.

Aquelle sacco é a nossa casa. Ali estamos ao abrigo de todos os males, que poderiam acontecer-nos no meio da floresta.

Temos tres quartas partes do tamanho de nossas mães e ainda ali vamos buscar refugio, amorosamente resguardados do mundo exterior.

O primeiro acontecimento que se deu na minha vida e de que ainda me lembro bem, foi o seguinte: eu era pequenote e andava com meu pae e minha mãe pela abençoada região da Australia, que os rios Clarence e Stephens fertilisam, e onde é basto o arvoredo e fresquissima a relva. Tosavamos um prado, muito satisfeitos do pasto, senão quando minha mãe fita as orelhas, agarra-me pelo pescoço e mette-me para o sacco, dizendo ao mesmo tempo meu pae uma

coisa, que não pude ouvir bem, porque o sacco era muito fundo. O que sei é que fugimos, com uma velocidade, que eu até ali desconhecia. Calculo que ella não galgava menos de vinte passos em cada salto, embora, do logar onde eu ia, não pudesse fazer a verificação por meus proprios olhos, nem pedir informações a minha mãe, a cuja pelle ia agarrado com unhas e dentes, uma



...SE NÃO QUANDO MINHA MÃE FITA AS ORELHAS, AGARRA-ME PELO PESCOÇO E METTE-ME PARA DENTRO DO SACCO

parte do corpo pendente e exposta a bater nas pedras e nos troncos ou a ser arranhada e chicoteada pelas vergontas e rebentos. Mas peor ainda era o que minha mãe provavelmente soffria. Chegava até a incommodar-me com a bulha que fazia respirando apressadamente, com o tum-tum-tum do seu coração!

— É o homem de cabello vermelho da herdade do Riacho — segredou meu pae, estacando ao lado de minha mãe, na encosta pedregosa de um profundo barranco, para onde se tinham precipitado. Esta paragem subita fez-me apanhar uma valente sacudidela, mas dei-a por bem empregada, sabendo que tinhamos assim obrigado a um grande rodeio os nossos perseguidores.

— O cavallo que elle monta — disse tambem meu pae — não passa de um reles sendeiro, mas — pela força da minha cauda! — os cães são bons corredores. Felizmente devem estar caçados.

Continuámos a correr e fomos dar junto de uma grande rocha forrada de musgo. Á nossa direita o desfiladeiro abria-se para um terreno plano, e á nossa esquerda ficava a estreita vereda, por onde tinhamos vindo.

— Já não posso mais — disse minha mãe, arquejando. — O pequeno pesa immenso! Não tardam ahi os cães e o homem. Vamos fazer-lhes frente!

— Não! O melhor é ires-te embora. Eu fico á espera d'elles.

— A cadela deixa-a por minha conta! — foi a unica resposta de minha mãe. E sentiam-se-lhe ranger os dentes, quando me impelliu mais para o fundo do sacco, ao tempo que se arrastava atraz de meu pae para o lado da estreita abertura, por onde os cães não tardariam a apparecer.

D'ahi a um instante estavam effecti-

vamente a contas comnosco, primeiro um cão cinzento e depois uma cadela: dois brutos possantes e ligeiros. Eu tinha o focinho a sair do sacco materno, e não sei como os olhos não me saltaram da cabeça quando vi os dois monstros atacarem meu pae. Com que valentia elle os esperava, encostado á rocha e a cabeça inclinada graciosamente, na melhor posição — aprendi-o depois — para evitar o fatal estrangulamento!

O cão só por uma unha negra deixou de apanhar o pescoço de meu pae, e apenas conseguiu mordel-o n'uma espadua, mas logo caiu para traz, com o sangue a espadanar por uma ilharga. O pé direito de meu pae tinha falado!

Seguiu-se logo o ataque da cadela, que tambem não fez damno ao auctor dos meus dias, e, antes pelo contrario, lhe deixou nas unhas, ao roçar por elle como uma bala, boa porção de pelle e de cabello.

No entretanto — faça-se ideia — eu tremia como varas verdes, ouvindo os ladros terriveis dos dois inimigos, que voltavam a aggreir meu pae.

O heroe já estava todo coberto de sangue e batalhava com as mãos para a sua frente, movendo-as como se fossem azas.

Ouvi de repente, por cima de mim, um grito agudo dado por minha mãe, que saltava em defeza do companheiro: um instante depois o ventre ensanguentado da cadela batia-me na cabeça, empurrando-me para o fundo do sacco. Ao mesmo tempo, sinto a voz de meu pae, bradando: «Vae-te! Vae-te já d'aqui!»

Tornei a espreitar e vi-o despedaçando o corpo do cão cinzento, enquanto minha mãe atirava para longe, com o pé direito, a cadela, no momento em



COM QUE VALENTIA ELLE OS ESPERAVA ENCOSTADO Á ROCHA

que corriamos para o terreno plano. Tinha-lhe feito um fundo rasgão de cima para baixo, e deixava-a estendida, offegante!

Não tornei a vêr meu pae, mas soube depois que morrera de bala, e que o cão cinzento ficára para sempre junto da rocha coberta de musgo.

Mas nem todas as caçadas são tão perigosas como aquella. A prova é que estou vivo, tendo visto mais de cem. Quando as mães, com os filhos a augmentar-lhes o peso, estão bem escondidas (como aconteceu á minha, no final d'esse dia tão funesto) e são caçados unicamente os que tem idade e força para a lucta, affiançolhes que nem sempre os homens se ficam a rir de nós.

Com muitos factos da minha vida o poderia demonstrar. Contarei apenas um, que me deu celebridade.

N'uma manhã bastante quente estava eu a dormir muito socego no fundo de um barranco, e até sonhava que andava pastando no meio de um immenso milharal, eis que fui acordado por um fétido fortissimo]a ho-



EMQUANTO O DEMO ESFREGA UM OLHO,
PUZ-ME EM TRES PÉS,
CONFORME SE DIZ EM LINGUA DE KANGURÚ

mem e a cão. O meu somno era pesadissimo, porque só despertei quando os meus inimigos se achavam a poucas jardas de mim, na crista do barranco. Eram quatro canzarrões de kangurús e um rapaz montado n'um cavallo castanho. Emquanto o demo esfrega um olho, puz-me em tres pés, conforme se diz em lingua kangurú, isto é, fiquei muito aprumado sobre as pernas trazeiras e a cauda, de sorte que a minha cabeça excedia pelo menos um pé a de um homem de estatura elevada. Deitei, d'esta altura, os meus calculos e despedi um salto de dezenove pés por sobre o fundo do barranco, deixando de bocca aberta e de olhos esbugalhados — aposto quanto quizerem — os cães e o rapaz. Parecia-me que facilmente me distanciaria d'elles, mas o esquecimento das pacientes lições de meu defuncto pae esteve, por um triz, a acabar a caçada logo á primeira milha. Na propria occasião em que ia saltando, puz em pratica o funesto costume da minha raça, quero dizer, voltei a cabeça para todos os lados, na ancia de saber o que seria feito dos meus perseguidores.

Zás! Não vi uma grande arvore e bati de encontro a ella, no meio de um salto de dezeseis pés. Meio tonto, rolei pela encosta escarpada

de outro barranco, felizmente de muito menos fundura, e fui ter lá abaixo mais morto do que vivo, quasi embrulhado com o cachorro da frente — um bruto de metter medo, fortissimo e todo preto, que já estendia para mim a bocca espumante.

Puxei para traz a perna direita, por baixo da barriga do cão — escuso dizer que estava deitado de costas — e empurrei-o para diante com quanta força tinha. Não quero gabar-me, mas affianço que o canzarrão preto ficou aberto até ao espinhaço, e que nunca mais tornou a pôr-se em pé.

O segundocão agarrou se-me á cauda, quando eu me preparava para saltar depois de dar cabo do primeiro. Teve de largar-me. Eu estava todo empastado no sangue, que me borbulhava do pescoço, e assim continuei durante as tres milhas, que o barranco distava da lagôa mais proxima.

Pode haver kangurús zangados por todo esse matto, mas tanto como eu ia n'aquelle aperto, juro que não ha nenhum!

Quando cheguei á margem pedregosa, já sentia bem pouca vontade de correr, de forma que o mais ligeiro dos tres cães pôz-se, n'um pulo, ao pé de mim. Não fiz mais do que tomal-o nos braços, qual mãe brincando com o filho.

Mas o meu abraço não foi de brincadeira! Se o cachorro nem podia abrir a dentuça!...

Sem o largar, saltei com elle para dentro d'agua e mergulhei, tendo o cuidado de só voltar á superficie quando conheci, pelas sacudidelas, que o cachorro me dava convulsivamente, que já pouca vida lhe restava. Preguei-lhe então um empuxão fortissimo com os pés, calcando-o para o fundo, afim acabar de afogal-o e corri a encontrar-me com os outros. Eram mais pequenos e tinham, pelos modos, mais juizo, visto que



se não
aventu-
raram á
lagôa:
estavam
na margem, ladrando e babando-se, á espreita de que eu sahisse da agua.

Quando me viu deitar a cabeça de fóra, o rapaz galopou para mim, apeouse e tirou da cinta um revolver. Como já sabia para que ser-

vem os revolvers, dei um salto para o rapaz e agarrei-me a elle com ancia, ao mesmo tempo que o revolver se disparava para o ar. Mas não era das coisas mais facéis segurar o sujeito, porque os seus esforços exerciam-se nas direcções que eu menos podia esperar, e zombavam dos que eu empregava para obri-gal-o a mergulhar.

Afinal cantei victoria, mas, quando tratava de mettel-o bem para o fundo, senti-me agarrado pelos dois cães, de que me tinha esquecido totalmente e que me puxavam com força, cada um para o seu lado. Não tive mais remedio que largar o homem. Depressa chegou á margem e correu para o cavallo.

Como o revolver tinha ficado dentro da lagôa, não me importei mais com o dono e tratei unicamente dos cães, afogando um e despedaçando o outro, que ainda deixei arquejando ao de cima da agua, quando fugi a esconder-me no matto, muito longe d'ali.

Após esta façanha, a maior talvez que tem feito um simples kangurú, gosei, durante uma semana, o descanso a que tinha todo o direito.

Se foram grandes os perigos d'aquelle dia, a outros maiores ainda tenho escapado. nenhuns mais terriveis que os de uma batida aos kangurús!

Felizmente vae-se tornando rara esta selvajaria medonha, talvez porque os homens conhecessem que assim acabariam por exterminar-nos, commettendo uma crueldade inutil, visto não tirarmos aos seus carneiros e outro gado a alimentação precisa, por mais que nos aproveitemos dos fructos do sertão australiano.

A primeira batida que vi, foi quando o meu tamanho não fazia mais do que tres quartos do que é hoje. N'esse tempo nunca me tirava de ao pé de minha mãe.

De subito passaram ao nosso lado muitos kangurús e dezenas de outros habitantes do matto, mais pequenos do que nós, fugindo todos á desfilada. Era o medo que os fazia correr assim e que nos levou tambem de roldão. Acontecia outro tanto em milhas e milhas do matto. Porquê? Porque vinha avançando uma muralha viva de homens, cães e cavallos, formando um grande arco sempre a encurvar-se em volta de nós, e levando-nos despiedosamente, arrebanhados como carneiros que vão para a tosquia, a morrer dentro d'um enorme campo fechado por uma extensa paliçada.

Minha mãe recobrou-se do susto e gritou-me que a seguisse. Demos grandes saltos e escapámo-nos pela tangente á linha avançada dos fugitivos.

—Ainda nos livramos d'esta vez! dizia eu commigo mesmo enquanto fugia, dando tres saltos para galgar o espaço que minha mãe atravessava n'um só.

—Para traz,—gritou-me ella, com a voz a tremer. Olhei para diante e arrefeci até á medula dos ossos, vendo atravez de uma aberta do arvoredado um homem armado de espingarda e acompanhado por um grande cão escuro, preso á trela. Minha mãe estava tão fóra de si, como a turba multa que fugia. Ainda que viva tanto como um papagaio, nunca me hei-de esquecer das correrias que demos ás cegas pelo meio da carnificina, gritando, tropeçando nos corpos mortos de outros habitantes do matto.

O espaço por onde podíamos passar ia-se reduzindo cada vez mais com a aproximação da muralha viva, que se fechava em roda de nós.

Já se avistavam perfeitamente os homens, os cavallos e os cães, de to-

dos os lados para onde nos virassemos. Todos menos um. Se podessemos atravessar por ali, estavamos salvos. Que luta para lá chegar! E a morte a espreitar-nos sempre! Afinal chegámos. Os que corriam na frente não puderam ir mais adiante. Os que vinham depois cahiram-lhes em cima, e outros por cima d'estes, obrigados pelos cães e pelos homens. Fui arrebatado juntamente com minha mãe. Ella cahiu e eu senti o tropel de mil pés atraz de mim.

—Trepa! ouvi minha mãe gritar. Agarrei-me com as mãos á rede da paliçada. Trepei, cahi... Estava sósinho no matto livre. Assobiou-me o que quer que fosse por cima da cabeça; ouvi um tiro e a voz de um homem atijando os cães. Deitei as orelhas para traz e corri pelo campo aberto, dando saltos desesperados e fazendo, em breve, renunciarem á perseguição os cães que vinham atraz de mim.

Foi esta a ultima vez que vi minha mãe.

Se eu quizesse falar de horror maior ainda, contaria o que é um incendio no matto. Nada mais terrivel! O fogo leva

diante de si tudo o que vive sobre a terra ou debaixo d'ella, no ar e nas arvores, chicoteando com azorragues de labaredas e nuvens de fumo a todas as creaturas que respiram, e que morrerão suffocadas, se antes o lume as não tiver envolvido.

Lembram-se do que contei da batida? Imaginem que em vez dos homens e dos cães ha chammass, e já fazem ideia de um incendio no matto.

Mas felizmente não ha batidas nem incendios a toda a hora.

Temos dias de completa satisfação, como, por exemplo, os da primavera, quando o campo está todo verdejante e vemos os nossos pequeninos retouçarem por entre os silvados e na relva fresca e viçosa.

Quiz falar d'isto em ultimo lugar, para que não pensem que julgo a vida coisa absolutamente detestavel.

Tanto não sou d'esta opinião, que não desejo ir-me embora tão depressa. O ponto é continuar escapando dos perigos, como tenho conseguido até hoje.

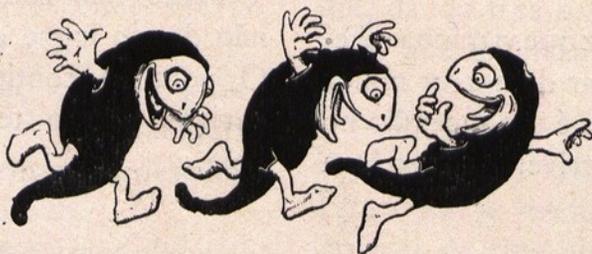




OS PAPÕES

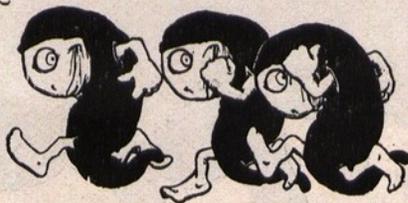
ERA uma vez um velho, que morava n'uma choupana, mais a sua velha e uma neta, ainda pequena, e o cão Fiel, mais pequeno ainda.

E uma noite passaram por ali os Papões, e um d'elles disse para os outros :



—Manos Papões, fura-se o tecto, salta-se para dentro, papa-se o velho, papa-se a velha e leva-se a pequena!

Mas o cão Fiel sentiu-os e ladrou tanto que os Papões desataram a fugir.



E o velho, sem desconfiar do que era, disse para a velha:

—Maldito cachorro que me acordou! Amanhã corto-lhe o rabo!

E de madrugada o velho levantou-se e cortou o rabo ao cão Fiel.

N'aquella noite os Papões voltaram e um d'elles disse para os outros:



—Manos Papões, fura-se o tecto, salta-se para dentro, papa-se o velho, papa-se a velha e leva-se a pequena!

Mas o cão Fiel sentiu-os e ladrou tanto que os Papões desataram a fugir.

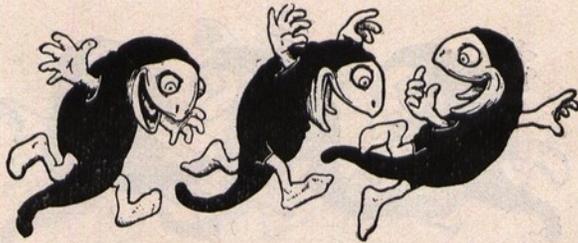


E o velho, sem desconfiar do que era, disse para a velha :

—Maldito cachorro que me acordou! Amanhã corto-lhe uma perna!

E de madrugada o velho levantou-se e cortou uma perna ao cão Fiel.

N'aquella noite os Papões voltaram e um d'elles disse para os outros :



—Manos Papões, fura-se o tecto, salta-se para dentro, papa-se o velho, papa-se a velha e leva-se a pequena!

Mas o cão Fiel sentiu-os e ladrou tanto que os Papões desataram a fugir.



E o velho, sem desconfiar do que era, disse para a velha :

—Maldito cachorro que me acordou! Amanhã corto-lhe outra perna!

E de madrugada o velho levantou-se e cortou outra perna ao cão Fiel.

N'aquella noite os Papões voltaram e um d'elles disse para os outros :



—Manos Papões, fura-se o tecto, salta-se para dentro, papa-se o velho, papa-se a velha e leva-se a pequena!

Mas o cão Fiel sentiu-os e ladrou tanto que os Papões desataram a fugir.



E o velho, sem desconfiar do que era, disse para a velha:

—Maldito cachorro que me acordou! Amanhã corto-lhe outra perna!

E de madrugada o velho levantou-se e cortou outra perna ao cão Fiel.

N'aquella noite os Papões voltaram e um d'elles disse para os outros:



—Manos Papões, fura-se o tecto, salta-se para dentro, papa-se o velho, papa-se a velha e leva-se a pequena!

Mas o cão Fiel sentiu-os e ladrou tanto que os Papões desataram a fugir.



E o velho, sem desconfiar do que era, disse para a velha:

—Maldito cachorro que me acordou! Amanhã corto-lhe a ultima perna!

E de madrugada o velho levantou-se e cortou a ultima perna ao cão Fiel.

N'aquella noite os Papões voltaram e um d'elles disse para os outros:



—Manos Papões, fura-se o tecto, salta-se para dentro, papa-se o velho, papa-se a velha e leva-se a pequena!

Mas o cão Fiel sentiu-os e ladrou tanto que os Papões desataram a fugir.

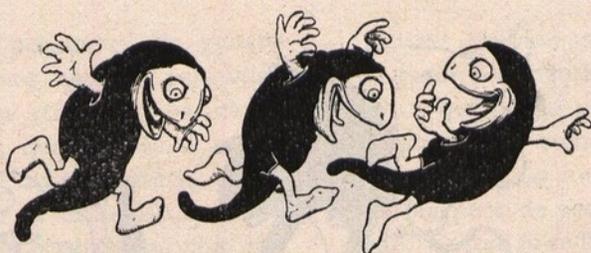


E o velho, sem desconfiar do que era, disse para a velha:

—Maldito cachorro que me acordou! Amanhã corto-lhe a cabeça!

E de madrugada o velho levantou-se e cortou a cabeça ao cão Fiel.

N'aquella noite os Papões voltaram e um d'elles disse para os outros:



—Manos Papões, fura-se o tecto, salta-se para dentro, papa-se o velho, papa-se a velha e leva-se a pequena!

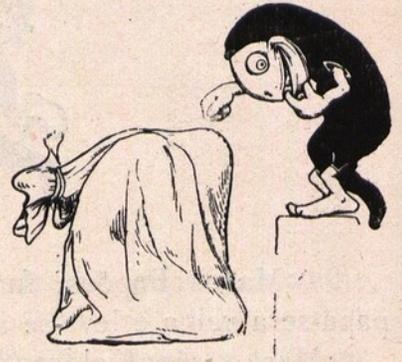
Mas o cão Fiel, que já não tinha cabeça, não os sentiu, nem ladrou, e os Papões abriram um buraco no restolho, saltaram para dentro da choupana, paparam o velho, paparam a velha e levaram a pequena fechada n'um sacco.



E quando os Papões chegaram a casa, pousaram o sacco no chão, e cada um d'elles bateu-lhe em cima, dizendo:

— Ficas para logo! Ficas para logo!

E foram deitar-se e dormiram até á noite, porque os Papões só dormiam de dia.

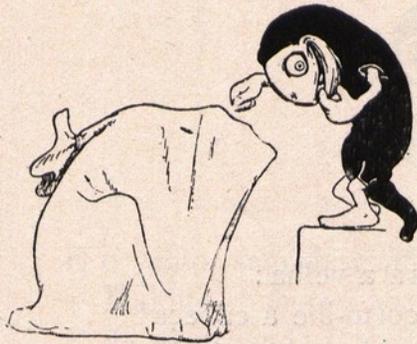


A pequena ouviu-os resonar, e tanto gritou, que lhe acudiu um homem, com um cão muito grande.

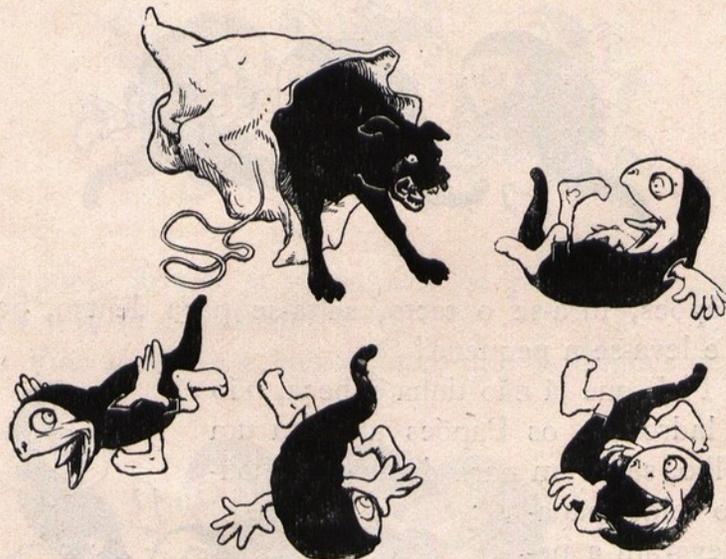
E ella disse como tinha ido alli parar, e o homem fechou o cão grande no sacco e levou a pequena comsigo.

Á noite os Papões acordaram, foram ao sacco e cada um bateu em cima, dizendo:

— Agora é que é! Agora é que é!



Desataram o sacco, e o cão grande saltou para fóra, e papou os Papões desde o primeiro até o ultimo.



E nunca mais tornou a haver Papões.





É esta uma secção permanente, aberta pelos Serões, onde terão cabimento todos os problemas de diversas indoles que possam exercitar as faculdades do raciocinio. Os Serões convidam os seus leitores para n'ella collaborarem com quaesquer problemas, enviando-nos desde logo as respectivas soluções, por isso que a redacção não aspira, por falta de tempo, ao justo orgulho de as encontrar. Afim de comprehenderem bem a indole das questões que especialmente nos conveem, publicamos o seguinte interessante artigo sobre o que vulgarmente se chama perguntas de algibeira, muitas das quaes são verdadeiramente intrincadas. E em seguida encetaremos os nossos appellos á intelligencia dos leitores.

Fique bem assente no entretanto que não é propriamente com charadas, enigmas e logogriphos que pretendemos encher esta secção, embora um ou outro d'esses exercicios de raciocinio se possa impôr á nossa attenção pelo sua originalidade e pelo seu engenho. Pelo artigo que hoje occupa esta secção perceberão melhor os leitores quaes sejam os nossos desejos, conformes, queremos crer, aos seus interesses intellectuaes.

Perguntas de algibeira

Ha uma especie de perguntas, do genero das que nós costumamos chamar perguntas de algibeira, capazes de atrapalhar os miolos mais bem organizados, quando afinal a resposta é de uma simplicidade extrema, tendo apenas no inesperado a difficuldade. Está n'este caso por exemplo, o problema com que o rei de Inglaterra Jayme I atarantou os mais atilados espiritos do seu tempo. Era elle o seguinte: «Porque é que, quando se introduz um peixe dentro de um balde, cheio de agua até á borda, a agua não extravasa?»

Aventaram-se dezenas de theorias, qual d'ellas a mais engenhosa, para explicar o extraordinario phenomeno. E afinal de contas os sabios do seculo XVII não atinaram com a verdadeira solução do problema, com que o rei inglez zombou d'elles. Porque o facto que serve de base á pergunta é absolutamente falso; a agua do balde extravasa, no caso sujeito, como facilmente se pode verificar. Podiam-se apontar numerosos exemplos do mesmo genero, de perguntas de armadilha, cuja resposta correcta é simplesmente:

«Não é verdade.»

Outros problemas ha, parecidos com este, que teem desorientado completamente individuos a quem não cabe a reputação de tolos. Apresentamos como exemplos os seguintes, talvez ainda não muito conhecidos:

«Uma peça de seda tem 20 metros de comprimento. Cortando-se-lhe todos os dias um metro, em quantos dias ficará ella toda dividida em pedaços de um metro de comprimento?»

«Um homem trepa por um mastro encebado, de vinte metros de altura. N'um minuto sobe dois metros, depois descansa no minuto seguinte, durante o qual escorrega tres quartas partes da distancia que venceu. Por este andar, quanto tempo levará elle a chegar ao cimo do mastro?»

A maior parte da gente responderá sem hesitação, 20 dias á primeira pergunta e 40 minutos á segunda. E no emtanto as respostas correctas são 19 e 37. O homem que trepa pelo mastro vence meio metro em cada dois minutos. Portanto, no fim de 36 minutos, está elle a dois metros do extremo. No fim do 37º minuto chega lá cima—e deixa-se ficar.

Aqui teem agora os leitores outro proble-

ma que demanda noções elementares de geometria:

«Tinha no meu quarto uma pequena fresta com meio metro de altura e meio metro de largura, por onde entrava muito pouca luz. Em consequencia de certos pormenores de construcção, não me era possível augmentar-lhe a altura nem a largura. Apareceu-me n'isto um amigo que me ensinou a maneira de lhe duplicar a area sem lhe alterar as dimensões. De que maneira foi?»

É simples, por mais complicado que pareça. A fresta era um quadrado com as diagonaes nos sentidos horizontal e vertical. As linhas horizontaes e verticaes que passam pelos vertices formam um quadrado cuja area é dupla da primitiva fresta, sem lhe acrescentar nem a largura nem a altura.

PROBLEMAS DE SOLUÇÃO DUVIDOSA OU PARADOXAL

Para encontrar a solução exacta dos problemas precedentes basta apenas alguma reflexão. Outros existem comtudo que são menos facéis de deslindar e que deixam campo aberto á discussão. Por exemplo o seguinte:

«Supponham um homem a andar á roda de um mastro, no cimo do qual está sentado um macaco. A proporção que o homem anda, o macaco gyra sobre si e vira constantemente o focinho para elle. Quando o homem completou a volta á roda do mastro, deu ou não deu a volta á roda do macaco?»

A maior parte da gente será porventura de opinião que o homem não deu volta á roda do macaco, visto que o viu sempre de frente; mas não faltam individuos auctorizados de parecer contrario. Entendem elles que o homem, gyrando em derredor do mastro, andou tambem necessariamente em volta do macaco.

«Como se demonstra que um navio de vela pode andar com velocidade superior á do vento que o impelle?»

Á primeira vista, o leitor circumspecto, mas pouco versado em assumptos nauticos, imaginará que a pergunta se funda n'um absurdo, como aquella com que Jayme I conseguiu atordoar os sabios do seu tempo. Mas para um maritimo, a pergunta tem toda a razão de ser. Um navio de vela pode realmente andar mais depressa do que o vento. Succede,

por exemplo, elle navegar á razão de quinze milhas por hora, ao passo que o vento não tem velocidade superior a dez milhas. É este um factio que todos os dias se prova na pratica; mas, embora verdadeiro, não ha muitos embarcações que tenham facilidade de lhe dar uma explicação clara. É evidente que, quando o navio vae de vento em popa, não é admissivel que elle ande mais que o vento. N'esse caso seja qual fôr o motivo, a sua velocidade será sempre muito menor. Mas quando a sua derrota faz um angulo com a direcção do vento, quando navega á bolina ou a um largo, por paradoxal que o factio se possa afigurar ás pessoas alheias á nautica, a velocidade do navio excede muitas vezes a do vento.

A demonstração pode dar-se por analogia, em cima de um bilhar. Colloque-se a rabeca ao longo das tabellas. Supponham que essa rabeca movida pela força do braço representa o vento. Se n'esse movimento, de um extremo a outro do bilhar, ella encontrar uma bola, é claro que a impellirá pelo taboleiro fóra, exactamente como o vento impelliria um navio adeante de si, na mesma direcção. A rabeca e a bola caminharão com velocidade perfeitamente identica.

Mas imaginem agora que de canto a canto do taboleiro se abre um entalhe diagonal, onde a bola está collocada. Quando a rabeca n'esse caso encontrar a bola, ha de empurrar-a necessariamente, não no sentido do comprimento do taboleiro, mas no sentido diagonal para a bolsa que fica no extremo do entalhe. Ora emquanto a rabeca percorre um caminho igual ao comprimento do taboleiro, a bola percorrerá a diagonal traçada pelo entalhe, o que representa uma distancia muito maior. É precisamente de uma maneira analogica que um navio de bolina ou a um largo, consegue ter uma velocidade superior á do vento.

PROBLEMAS DE CAMINHOS DE FERRO

Muitos problemas excellentes tem suggerido o caminho de ferro. Aqui teem um que não é tão facil de resolver como á primeira vista se afigura:

«Ás dez horas da manhã, sae um comboio de Lisboa para o Porto com a velocidade de cincoenta kilometros por hora. Ao mesmo tempo sae do Porto para Lisboa outro com-

boio com a velocidade de quarenta kilometros por hora. Qual dos comboios estará mais perto de Lisboa quando os dois se encontrarem?»

A maior parte da gente a quem se dirige esta pergunta—e o leitor entra sem duvida na minoria dos atilados—começará immediatamente a fazer calculos sobre a distancia a que cada um dos comboios estará do ponto de partida no momento em que se encontram. É evidente que o comboio mais rapido, o que sae de Lisboa, ha de ter vencido muito mais do que metade da distancia que separa os dois pontos extremos, no momento em que encontra o outro, mais vagaroso, que sahiu do Porto. Mas afinal tudo isto é perder tempo. A velocidade dos dois comboios, assim como a hora a que elles partiram, são elementos absolutamente desnecessarios para a resposta formal. Quando os comboios se encontram, é claro que elles não podem deixar de estar á mesma distancia dos pontos de partida ou de chegada, qualquer que seja a sua velocidade. Basta que o leitor comprehenda bem a pergunta para dar uma resposta satisfatoria. E, por simples que o caso pareça, pode gabar-se da sua esperteza; porque não faltam pessoas de

são juizo a quem este problema tem atrapalhado ignominiosamente.

De um character semelhante é outra interessante pergunta de algibeira.

«De hora em hora sae de Lisboa um comboio para Faro, e sae outro de Faro para Lisboa. A distancia entre as duas cidades é percorrida em dez horas á justa. Quantos comboios encontrará no caminho um viajante que saia de Lisboa ao meio dia, antes de chegar ao seu destino?»

Á pergunta, na apparencia simples, não ha talvez muitos leitores que dêem de prompto a resposta correcta. Entre dez a quem o problema se proponha pela primeira vez, nove declararão sem hesitar que o numero de comboios encontrados é doze. Ao decimo é que talvez occorra a circumstancia de que no momento de partir um comboio de Lisboa ao meio dia, já estão em caminho doze que partiram de Faro, a começar pelo que sahiu de lá á meia noite. O viajante deve pois encontrar estes doze, alem dos outros doze que hão de sahir de Faro ao meio dia e de hora em hora d'ahi por deante, até que elle chegue ao seu destino. Portanto a resposta correcta é vinte e quatro e não doze.

Para seismar

Começamos a apellar, por meio dos problemas seguintes, para o engenho dos leitores dos Serões. Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser dirigida para o «Director do Quebra-cabeças dos Serões». E' esta a fórmula pratica de lhe dar mais rapido andamento.

E vamos agora a matutar.

UM PARADOXO ARITHMETICO

Trata-se de demonstrar que

$$2 = 3$$

Para isso, poremos a seguinte equação, a qual não offerece duvidas:

$$4 - 10 = 9 - 15$$

Portanto é egualmente verdadeiro que

$$4 - 10 + \frac{25}{4} = 9 - 15 + \frac{25}{4}$$

Ora cada um dos membros d'esta equação representa o desenvolvimento de um quadrado.

Meditem um pouco, e verão como a equação é absolutamente identica á seguinte:

$$\left(2 - \frac{5}{2}\right)^2 = \left(3 - \frac{5}{2}\right)^2$$

Extrahindo aos dois membros á raiz quadrada, temos:

$$2 - \frac{5}{2} = 3 - \frac{5}{2}$$

Logo

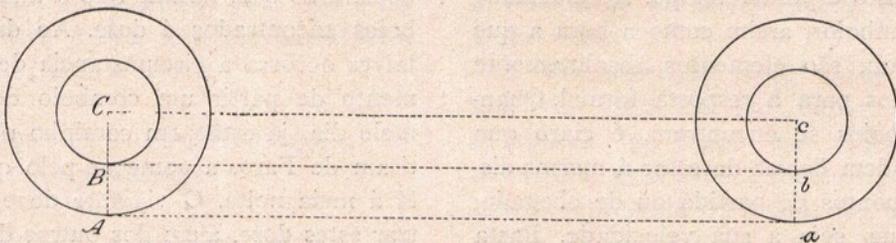
$$2 - 3 \quad q. e. d.$$

Ora custa-nos a crer, por mais evidente que se nos afigure a demonstração, que a arithmetica esteja desde o começo do mundo a enga-

nar-nos, dando-nos noções absolutamente inexactas sobre a differenciação dos numeros. Portanto, devemos suppôr que algum artificio ou alguma inexactidão houve no decurso da demonstração acima desenvolvida. Vejam agora os leitores se descobrem onde está o *busilis*. Cá estão os *Serões* prestes a receber todas as respostas.

UM PARADOXO GEOMETRICO

Depois da arithmetica a geometria. Aqui teem uma nova demonstração de um principio, evidentemente absurdo, segundo as noções scientificas vindas de tempos immemoriaes.



O principio é o seguinte:

«Duas circumferencias de raios differentes e com centro commum teem uma extensão exactamente igual quando rectificadas.»

Vamos agora á demonstração d'este theorema original.

Suppunhamos que os dois circulos da figura, formando systema, rolam sobre a linha A a, como se fizessem parte de uma roda cujo eixo passa por C.

Quando o ponto A, depois de dar a volta completa toca de novo na linha de rolamento, em a, é claro que a distancia A a, entre dois pontos de tangencia, equivale á circumferencia rectificada. Mas n'esse momento o ponto B deu igualmente a volta completa e encontra-se agora em b. Similhantermente, é pois a distancia B b igual á circumferencia interior rectificada. Ora, como essas distancias são indubitavelmente eguaes, segue-se d'ahi a egualdade das duas circumferencias.

Onde é que se encontra a falha do raciocinio? Saberão indicá-la os leitores mathematicos?

ONDE IRÁ PARAR?

Suppunhamos—salvo seja!—que um novo

diluvio transforma o hemispherio norte n'um immenso Oceano. N'estas circumstancias, sem ter terras nem baixos que lhe estorvem a derrota, um navio parte de um ponto qualquer do Equador, seguindo sempre com o rumo invariavel de nordeste. Pergunta-se apenas: qual será o termo da sua viagem? Isto agora é com os geographos.

ARTES MAGICAS

Na maior parte das habilidades feitas com o auxilio de um compadre, o essencial é que esse compadre não se descubra. Mas aqui teem o exemplo de uma habilidade magica,

em que o compadrio se pode confessar á vontade. O ponto é descobrir-se como é que os dois cumplices se entendem.

Suppunhamos que um certo numero de pessoas estão reunidas na casa de jantar com a meza ainda posta. Sae uma d'ellas, comprometendo-se a adivinhar qualquer numero de três algarismos que as outras pensem. Quando ella volta, o compadre pega n'um talher por exemplo, e colloca de uma maneira mysteriosa, em cima da meza, a colher, o garfo e a faca, unidos por um dos extremos, como se fossem raios do mesmo circulo—e o bruxo declara immediatamente qual é o numero combinado.

A solução é simples, embora um pouco difficil de descobrir. Os dois amigos imaginam que cada uma das peças do talher é o ponteiro de um relógio, apontando para o sitio onde deveria estar uma certa hora, e os tres algarismos assim indicados formam o numero requerido. Supponhamos que a ordem previamente combinada é a alphabetica: colher, faca, garfo. A colher aponta para VI, a faca para III, o garfo para IX. O numero é pois 639.

E assim se maravilha uma sociedade.

As capas dos “Serões”



Cs actuaes editores e proprietarios dos *Serões*, abriram concurso para o desenho das capas d'esta publicação. Foi a 27 de novembro de 1904 que terminou o prazo d'esse concurso, com a affluencia excepcional de projectos; muitos dos quaes, como os leitores podem verificar pelas reproducções que offerecemos ao seu exame, revelam apreciaveis qualidades e denunciam o interesse que no nosso



meio artistico despertou o certamente iniciado pela empresa dos *Serões*.

Na data acima indicada reuniu-se o jury, composto dos insignes artistas José Malhõa, Columbano Bordallo Pinheiro e Ernesto Ferreira Condeixa, decidindo classificar em primeiro lugar, pelo seu merecimento artistico, o projecto com a divisa «Portugal». Como porém este projecto, na opinião do jury, não satisfizesse as condições praticas para capa de livro ou car-

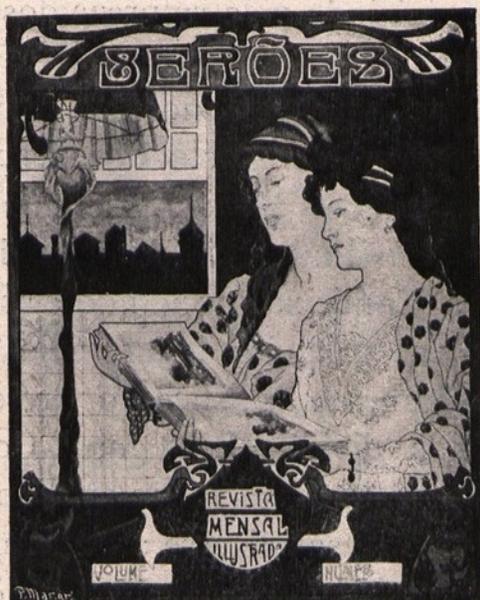


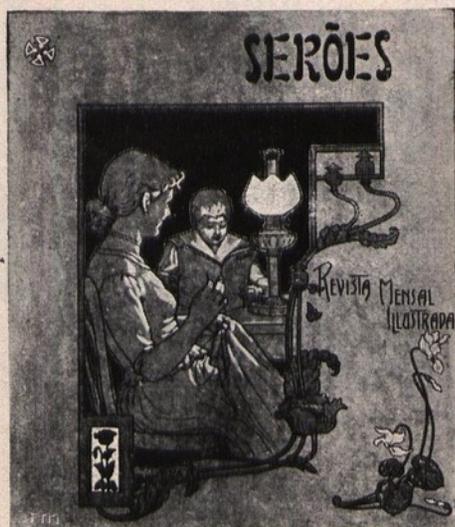
taz, resolveu o jury excluí-lo, classificando a seguir o projecto com a divisa «Senefelder». Foi pois este projecto, que, pela abertura do respectivo envelope, se reconheceu ter por auctor o sr. Alfredo Roque Gameiro, o adoptado pelos editores para a capa d'esta publicação.

A empresa dos *Serões* orgulha-se de ter contribuído por esta fórma para uma nova e brilhante mani-

festação do trabalho artistico nacional.

Bafejando-a, como espera, a protecção que o publico deve aos seus esforços em favor dos nossos interesses artisticos e litterarios e da importancia sempre crescente do nosso magazine, como repositorio opulento de variadissimas noções sobre os mais desvairados assumptos, conta a empresa de futuro



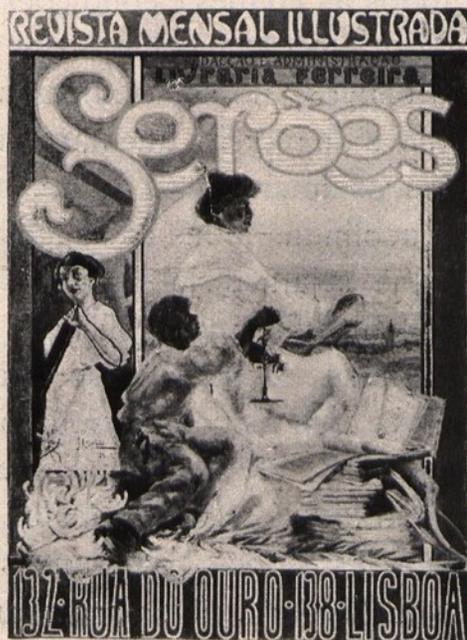


abrir novos concursos, de índole litteraria, artistica ou scientifica, que tendam a desenvolver as fontes da mentalidade portugueza.

Crê assim corresponder á missão que a si propria impoz e á confiança que d'ella derivará por certo. Entretanto, como pelo presente numero já se pôde vêr, a empreza trata de congregar os melhores elementos do nosso paiz para dar in-

teresse a esta publicação, tanto sob o ponto de vista de collaboração litteraria, como de collaboração artistica. E, forte com a consciencia da sua devoção a interesses de ordem superior, não duvida por um momento de que a affluencia crescente de leitores determinará a prosperidade futura dos *Serões*.

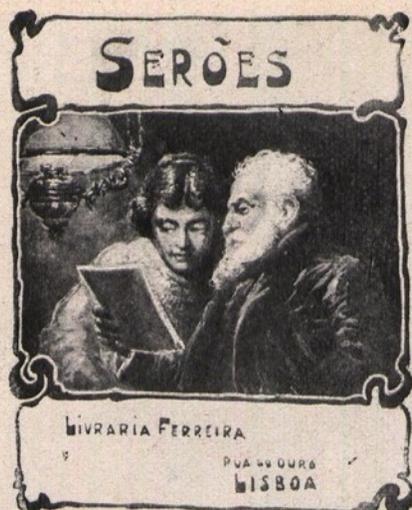
Não tem a empreza a pretensão vaidosa de que o presente numero





corresponda cabalmente ás suas ambiciosas aspirações. Mas não descurará o aperfeiçoamento successivo e gradual d'esta publicação, á medida que se forem aplanando as difficuldades que de começo se offerecem a empreendimentos d'esta natureza, n'um paiz onde não abundam todos os variados e complexos recursos que elles requerem.

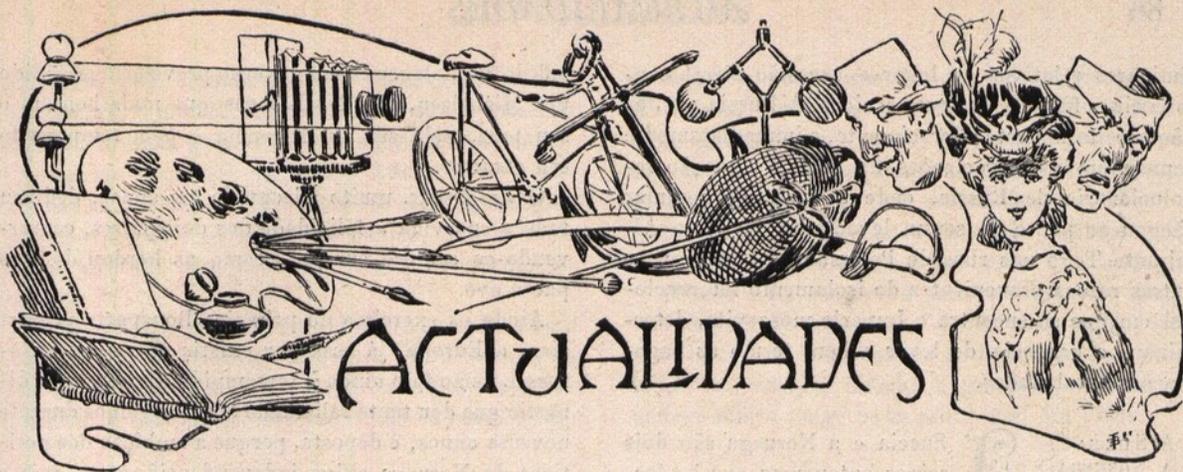
O seu empenho é que os leitores de todos as edades e condições encontrem em cada volume dos *Serões* artigos, notas, elementos de estudo e de recreio, que particularmente os interessem. Serão, pois, bem acolhidas todas as suggestões que lhe sejam dirigidas para melhoramento de uma publicação que a empreza deseja rivalise quanto possivel com as congeneres do estrangeiro. O alvoroço com que estas são geralmente recebidas accentua as nossas esperanças de que os *Serões* virão, para usar da



expressão consagrada, preencher uma lacuna no nosso meio litterario e social.

Por bem compensados nos daremos se, excluida a demasiada confiança n'um largo lucro mercantil, a que não dão direito as avultadas despesas de uma publicação d'esta ordem, o publico nos fortalecer na convicção de que contribuimos para o desenvolvimento da cultura nacional. Este interesse de ordem moral é de sobejo para nós encher de justificado orgulho





Grandes topicos

O FIM
DA GUERRA

VAE para anno e meio que dura a guerra e quasi se póde dizer que nem um dia sequer a fortuna sorriu para as armas do Imperador Nicolau. As perdas que os japonezes experimentaram ainda agora na batalha naval foram tão insignificantes e tão desiguaes, comparadas com as perdas russas, que não se póde deixar de admirar a superioridade de uns para deplorar a inhabilidade dos outros.

Avisado o Almirante Togo pelos seus cruzadores de que a armada russa se aproximava, investindo o estreito da Coréa, a esquadra japonésa atacou-a com impeto pelo norte, por oeste, e pelo sul, dirigindo sobre ella um fogo bem sustentado e certo, e apertou a contra a costa do Japão, de modo que o Almirante Rodjestvensky pouco espaço tinha para manobrar á vontade. Quiz elle forçar a linha de aço que lhe oppunham os navios japonéses, mas o fogo d'estes navios e a acção dos destroyers obrigaram-no a mudar de rumo mais uma vez. Pelas quatro horas da tarde do mesmo dia, afundavam-se os primeiros navios russos e outros se lhes foram seguindo até ao dia seguinte, durando o ataque successivo dos torpedeiros japonéses pela noite, e determinando a desordem na esquadra russa. Foi nessa noite que se afundaram os couraçados *Alexandre III*, *Navarino* e *Oslabya*.

Continuou o combate no dia immediato, sendo aniquiladas inteiramente a segunda e terceira esquadras do Pacifico, e feitos prisioneiros dois almirantes da Russia. O navio de Rodjestvensky, o couraçado *Knjar Souwaroff*, ficou também sepultado nas aguas do Japão.

A acção começára no dia 27 de maio, pelo fogo da artilharia pésando sobre uma parte da esquadra russa; depois das 8 horas da noite teve principio o ataque dos torpedeiros protegidos pelos navios da esquadra, parecendo averiguado que o canhoneio du-

rou até ás 2 horas da madrugada de 28. Neste dia, em que foi a caça aos navios russos que pretendiam escapar-se para Vladivostock, serviram mais os cruzadores. Nenhuma unidade tactica foi despresada. «É cedo — escreve um entendido chronista da guerra — para se dizer qual foi a arma que mais preponderancia teve nos combates de 27 e 28 e quaes os tipos e classes dos navios que melhor serviram; mas cremos que não nos enganamos dizendo que todos tiveram o seu papel, e todos foram utilizados intelligentemente na occasião em que o deviam ser».

Desde esse momento, o Japão não tinha mais a recear pelo mar; as communicações com os exercitos da Mandchuria não seriam interrompidas; o seu commercio poderia fazer-se sem risco. E quanto estaria arrependido Rodjestvensky!

Nicolau II, ao receber as primeiras communicações respeitantes á derrota, ficou como aniquilado, pois sempre tivera a victoria por certa, e neste sentido preparara toda uma nova orientação. Depois de um accesso de tremor nervoso, desatou a chorar. Logo que poud serenar um pouco, mandou chamar os ministros, e do conselho de todos logo se soube que resultara a deliberação de continuar a guerra. Entretanto, em todos os paizes do mundo se afigurava esse o momento propicio para effectuar a paz.

Só depois de ter a certesa de que a sua intervenção a favor da paz seria bem recebida, é que Roosevelt, presidente da Republica dos Estados Unidos, enviou aos seus embaixadores em Petersburgo e em Tokio uma nota em que, interpretando os sentimentos humanitarios manifestados por todas as nações, dizia julgar chegado o momento de tentar pôr termo ao tremendo conflicto; e que o melhor meio de as duas nações belligerantes chegarem a um accordo, seria o de iniciarem directamente as negociações, convocando-se para uma conferencia plenipotenciarios japonéses e russos sem nenhum intermediario. Para o fim de se regularem os pre-

liminares relativos ao logar e occasião d'essa conferencia, offerecia os seus serviços. A Russia e o Japão acceitaram este offerecimento, e immediatamente começaram as negociações da paz. A situação revolucionaria da Russia, onde a exaltação popular chegou ao ponto de serem levantados vivas ao Almirante Togo nas ruas de Petersburgo e Moscow, e outras razões provenientes do isolamento internacional em que se encontra o Imperio moscovita, determinam a urgencia de levar a bom termo as negociações entabuladas.

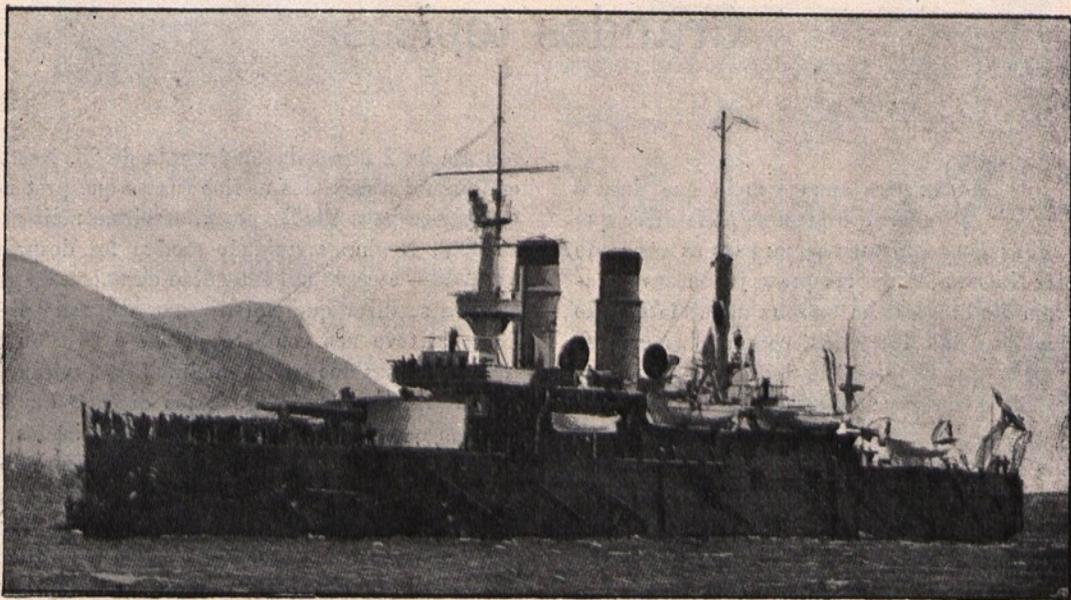
A SUECIA
E A NORUEGA
SEPARAM-SE

A Suecia e a Noruega são dois reinos autonomos que ha largos annos viviam unidos, sob

nal do Rei, elegendo um governo provisorio presidido por Michelsen, um dos homens que mais honram o seu paiz, pela sua intelligencia e pela tempera do seu character.

O Rei Oscar, muito adeantado em annos, dedicou toda a sua vida á felicidade dos dois paizes, conservando-os sempre em paz, como os herdou de seus pae e avô.

Ainda os exercitos do primeiro Bonaparte percorriam a Europa, já essa paz existia na Suecia e Noruega, e não fóra ainda interrompida. Entretanto a dinastia que deu tanta felicidade aos dois reinos durante noventa annos, é deposta, porque a ambição dos politicos da Noruega exige independencia, côrte, reis e representação exclusivamente sua no Estrangeiro.



O COURAÇADO RUSSO SISSOI VELIKY

a dinastia Bernadotte. Tinha cada qual suas leis, seu governo e seu parlamento especiaes, mas os consulados eram communs ás duas nações. Ultimamente, porém, o Parlamento da Noruega votou por unanimidade uma lei creando consulados norueguêses no Estrangeiro, mas sendo a lei apresentada ao Rei Oscar II em conselho de Estado reunido em Stokolmo, o monarcha declarou não poder aprova-la, dizendo que a comunidade consular não seria dissolvida sem assentimento dos dois paizes, comquanto fosse opinião geral que só aquelle desdobraimento é que conseguiria prolongar as boas relações de amisade e confiança entre a Noruega e a Suecia.

Os ministros insistiram perante o Rei para que reconsiderasse na sua recusa, ou lhes acceitasse a demissão. Recusando-se o Rei fomalmente a uma e outra coisa, o ministerio declarou que se considerava demittido, e as Camaras norueguêsas declararam dissolvida a União e findo o poder constitucio-

ATTENTADO
CONTRA O
REI DE
HESPAHNA

E QUANTO a França recebia com expressivas demonstrações de entusiasmo o seu regio hospede Affonso XIII de Hespanha, forjava-se contra o joven rei e contra o Presidente da Republica um tremendo plano criminoso.

Ao terminar a recita dada no Grande Opera, e que fazia parte do excellente programma das festas com que Paris acolheu o soberano da nação amiga, Affonso XIII, acompanhado por Mr. Loubet, subiu para a carruagem presidencial, a caminho do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, onde fóra alojado. Ao passar a carruagem pela Rua de Rohan, e em frente do Louvre, ouviu-se uma forte detonação, e porque a multidão de curiosos que aguardavam a passagem do rei era numerosa, o panico foi tremendo. Os cavallos da Guarda empinavam-se, relinchando; de toda a parte partiam gritos e exclamações de terror, lamentos de creaturas feridas, e a confusão mais au-

gmentava pelo embate do povo que fugia desordenadamente. A policia, após o primeiro abalo, começou logo a effectuar prisões entre as pessoas que se lhe afiguravam suspeitas, enquanto Affonso XIII e Mr. Loubet se punham de pé dentro da carruagem, procurando perceber o motivo do panico, pois só mais tarde tiveram conhecimento exacto do acontecimento.

A bomba, que deveria ter sido arremessada a uma distancia de 60 metros, explodira sob a barriga de um cavallo da Guarda, perdendo assim a força expansiva, e não dando resultados tão funestos como

seria de esperar. Foram feridas umas vinte pessoas. A bomba, que parece ter sido fabricada em Barcelona, carregada com muitos prégos, foi arremessada, segundo as suspeitas fundamentadas nas investigações da policia, por um anarchista hespanhol de nome Alexandre Ferras, achando-se também muito compromettido no crime o publicista Carlós Malato.

Affonso XIII conservou admiravelmente o sangue frio depois do attentado, e nas suas saudações á multidão, que redobrou de entusiasmo por elle, o moço rei, sempre risonho e gracioso, mostrou que andava muito longe de se sentir mal em Paris.

Vida na arte

ITALIA VITALIANI
EM LISBOA

LISBOA é, talvez, a unica capital da Europa que tem visto passar pelos seus palcos todas as modernas notabilidades da arte dramatica: Sarah Benardth, os Coquelin, Eleonora Duse, Novelli, Le Bargy, Emanuel, Zacconi, a Réjane, e agora a Vitaliani.

Recente como era a impressão que tinham deixado nos espiritos a Duse e a Réjane, aquellas a par de quem se deve collocar a muito notavel actriz italiana, só um talento muito extraordinario, visinho do sublime, poderia estimular os enthusiasmos do publico de Lisboa. Isto conseguiu a actriz Vitaliani, que ha poucos dias nos proporcionou uma série de recitas no Theatro de D. Maria II e no Real Theatro de S. Carlos.



Sarah Vitaliani

MOVIMENTO THEATRAL EM FRANÇA

EM Paris, não houve ultimamente novidades theatraes de summa importancia, Eis as peças novas de maior tomo, representadas durante o mez de maio:

No Odéon, *La Variation*, comedia em 4 actos de Pierre Soullaine. Em casa onde não ha pão, todos ralham e ninguem tem razão, é proverbio que podia servir de epigraphe á peça. A protagonista é uma linda dançarina que deixa um protector noble e rico para casar com um rapazote sem meios. A pobreza

produz o descontentamento mutuo e ameaça lançal-a de novo nos braços do protector. Analyse miuda e pouco theatral. Peça graciosa, segundo Brisson, machadora, na opinião de Fagnuet, interessante, no dizer de Arène.

No theatro Antoine *La Race*, comedia em 3 actos de Jean Thorel. Ataca o prejuizo de raça. Acção complicada e um pouco confusa. Um velho marquez, cheio de prosapia, vê-se por fim obrigado a confiar a honrosa herança do seu nome a uma creança, dupla ou triplamente bastarda. Dialogo scenico, conciso, forte e espirituoso.

No mesmo theatro, *Monsieur Lambert marchand de tableaux*, comedia em 2 actos de Max Maurey. Motivo de farça, já um pouco velho: um credor que o devedor tenta internar n'um manicomio. Typos caricaturaes, franca alegria no andamento da peça.

Na Opera Comica, *La Cabrera*, de G. Dupont,

já conhecida pelo seu exito recente em S. Carlos. A protagonista foi Bellincioni, que foi bem acolhida.

Os criticos musicaes são geralmente favoraveis á opera, embora sem excessos de enthusiasmo.

No mesmo theatro, *Chérubin*, comedia cantada de Massenet. Libretto d'uma peça de Fr. de Croisset, a qual fôra ha tres annos recusada na Comédie, depois de a começo admittida. Musica com todos os cara-

cteres de mestria e de encanto do illustre compositor, se bem que considerada por alguns criticos como um pouco frivola e cheia de reminiscencias mozar-tianas, o que não admira de vista do assumpto.

Alfred Capus, o auctor da *Castelã*, e da *Nossa Mo-cidade*, que tão notavel exito tiveram em Paris e em Lisboa, escreveu uma outra peça, *Monsieur Piégois*, que foi agora representado no Thetro da Renaissance. N'esta, a julgar por aquillo que d'ella dizem alguns criticos francezes, não foi tão feliz como nas outras; não foi mesmo nada feliz. Parece que é peça sem nenhuma idea nova, sem entreccho empolgante, sem dialogo vivo. Depois de se ter feito de Capus o conceito que se chegou a fazer, é preciso que a sua nova produção seja realmente muito má, para que d'ella se possa dizer o que se tem dito.

Regina Paccini, que está cantando opera italiana em Paris, no Theatro do Atheneu, chama sobre si n'este momento as attenções do mundo lyrico. Convidada a tomar parte em um concerto no salão do *Figaro*, cantou ali a cavatina da *Traviata*, que teve um exito ruidoso.

MOVIMENTO
THEATRAL
EM INGLATERRA

EM Londres, representaram ul-timamente com exito tres companhias estrangeiras: a da Duse, a da Réjane e a dos Coquelin. Poucas no-vidades tinham no repertorio, e essas mediocrementemente apreciaveis.

Shakespeare continua a figurar abundantemente nos cartazes inglezes. Nada menos de tres Hamlets

surgiram ao mesmo tempo em tres theatros differen-tes. Uma sociedade particular (Elisabethian) tentou o interessanteprehendimento de representar Sha-kespeare na integra e sem scenario, como no tempo do grande dramaturgo. A tentativa gorou deante da indifferença do publico. O grande Irving reapareceu, depois de um largo periodo de retrahimento, no *Mer-cador de Veneza* e no *Luiz XI*. Parece que nem a doença nem a velhice lhe teem diminuido sensivel-mente as poderosas facultades.

Começaram no dia 15 de junho em Londres as re-presentações em *matinée* de M.^{me} Georgette Leblanc Maeterlinck, que o nosso publico teve já ensejo de admirar no D. Anelia.

Outra curiosidade: a estreia de M.^{me} Simone Le Bargy, esposa do insigne actor francez, representando na lingua ingleza. A sua estreia foi no *Adversaire* de Capus (*The man of the moment* na versão ingleza). Ha-via interesse em avaliar como essa franceza falaria uma lingua extranha. O resultado foi optimo... de-mais, segundo affirma o *Times*, visto que sobretudo no começo da peça a volubilidade da sua expressão era tal que aos proprios inglezes não era muito facil comprehendel-a. De resto, o exito foi grande para ella e para o protagonista, o actor Alexander.

Os artistas francezes, como se vê, teem em Lon-dres um grande campo de exploração e grande nu-mero de admiradores. Aos que citámos, ha a acres-centar ainda, entre os universalmente conhecidos, a celebre Yvette Guilbert, muito applaudida nas suas *matinées* do Haymarket.

Vida na sciencia

MONUMENTO
A LEBON

PARIS vae erigir uma estatua a Phi-lipe Lebon, o celebre inventor do gaz, assassinado por uns mal-feitores inglezes, que o roubaram, e tempos depois pois pozeram em pratica o invento cujo segredo po-deram arrancar-lhe. O monumento será collocado nos Campos Elyseos, mesmo no logar onde Lebon foi assassinado.

MARTE

planeta Marte está neste momento a 79.950:000 kilometros da terra, apenas. Dentro de dois annos, ter-se-ha aproximado tanto do nosso, que aos astro-nomos será então possivel estudar esse outro mundo mysterioso que tanto tem dado que falar, mas a res-peito do qual tão pouco se pôde affirmar ainda.

A VISÃO
DAS CORES
APERFEIÇOADA
PELA CIVILISAÇÃO

UM sabio professor de ophthal-mologia, dr. Magnus, em uma serie de memorias que acaba de publicar, affirma que a capacidade visual não varia unicamente de individuo

para individuo, mas é proporcional ao grau de civi-lisação a que cada um pertence. A retina humana, diz esse sabio, devia encontrar-se em sua origem n'um estado analogo ao que apresenta actualmente a zona periferica d'esta membrana. Só mais tarde é que o homem começou a ter a noção da cor verme-lha e da amarella, que são as que correspondem ás on-das luminosas mais distantes e de maior poder. É talvez por esta razão que nem os himnos antigos dos Vedas, nem o Antigo Testamento falam, em nenhuma das suas passagens, do «azul celeste» comquanto muito abundem em descrições da natureza. Assim não aparece tambem nos poemas homericos o verde das plantas, ao passo que frequentemente ha refe-rencias ao amarello e ao vermelho. Homero e Eze-quiél são apenas sensiveis ás luzes incandescentes do arco-iris; alguns seculos depois Xenofanes distingue n'este meteoro a cor da purpura, a vermelha e a amarella esverdeada. Aristoteles acrescenta-lhes a azul, ou violacea.

Baseando-se n'um estudo ácerca das linguas da Africa meridional, devido a mr. Froverville, secre-tario da Sociedade de Geographia de Paris, diz o

professor Magnus que, com excepção dos malgachez, que são muito habéis tintureiros, e possuem um vocabulario completo para a designação das cores, todos os povos d'aquella região só distinguem com nitidez a cor branca, a negra, e a vermelha, considerando todas as outras como variedades d'aquellas. Confundem sempre o azul e a cor de violeta com a a prata; a cor amarella e a alaranjada ou com a branca, ou com a vermelha, a verde, tomam-na umas vezes por azul, outras por amarella.

D'aqui o poder-se admittir que o orgão da visão se torne mais perfeito no homem á medida que elle vae adquirindo o habito de analisar com maior cuidado as suas sensações, e que, sempre que for augmentando o campo de acção d'este orgão, o grau periferico da retina humana chegará a tornar-se sensível a certos raios de luz, desconhecidos ainda por nós!

As crianças possuem ao principio unicamente o sentido da luz; distinguem o branco e o preto, e aprendem a vér os objectos que os cercam e a conhecer-lhes os differentes movimentos. Chegada ao 16.º mez, a sensação da cor vermelha e da cor verde começa a desenvolver-se-lhes nas partes centraes da retina, e aperfeiçoam-se cada vez mais até ao 24.º mez. Dos 2 aos 3 annos, começa a criança a conhecer a cor amarella; dos 3 para os 4, a cor alaranjada, o azul, e finalmente a cor de violeta. O sentido chromatico vae-se aperfeiçoando assim até aos 5 ou 6 annos. Só passado um anno depois que a criança aprendeu a reconhecer as seis cores principaes (verde, amarello, laranja, violeta) é que toma o habito de as distinguir na conversação.

A MAIOR PONTE DO MUNDO

UMA poderosa companhia de caminhos de ferro dos Estados Unidos da America, a Southern Pacific, tem concluido o assentamento de uma ponte sobre o Mississippi, que deixa a perder de vista a famosa ponte de Forth, que os inglezes consideravam até agora a mais admiravel construcção metálica do mundo inteiro. Esta nova ponte, que é de via dupla, proximo de Nova Orléans, tem 3:000 metros de comprimento, quasi duas vezes o que tem a ponte do Forth. Pesa 25:000 toneladas. Custou 4 milhões e 500 mil dollars. Foi toda construida na America. Facilita consideravelmente as communicações entre os Estados do Norte e os do Sul, e mantem á capital da Luisiania a supremacia como ponto de embarque dos algodões d'aquella região.

A VIDA HUMANA CONFORME A ALTURA DA HABITAÇÃO

UM higienista hungaro teve a idéa de estabelecer, fundando-se nas estatísticas mais recentes, as relações da duração da vida humana com o nivel do andar do predio em que cada qual habita. Pela sua profissão ou pela sua pobreza, os que são constringidos a viver nas lojas subterraneas são os que morrem mais depressa. Veem depois, por ordem decrescente de insalubridade, o 3.º

andar, o 4.º andar, e o rez do chão. Os andares mais sadios são o 1.º e o 2.º Quanto ao 5.º, ao 6.º, e ao que ainda porventura fiquem para cima d'esses, o numero de degraus que é preciso subir para lá chegar é tão grande, que o seus inquilinos devem contar com a morte dois annos mais cedo que aquelles que habitam os andares intermedios.

DESPOVOAMENTO DOS MARES

UM fenomeno que interessa particularmente o nosso paiz, dada a sua situação geográfica, é o do despovoamento dos mares; principalmente nas proximidades das costas. As sociedades de piscicultura da America do Norte tem agora debatido muito esta questão.

Supunha-se d'antes que as idéas do professor inglez Hxley a respeito da reproducção e quantidade dos animaes marinhos eram d'uma inteira exactidão, admittindo-se que a pesca, por mais intensiva que se praticasse, não era factor de importancia que concorresse para diminuir sensivelmente a multidão dos peixes aproveitados para o consumo. Vieram depois os trabalhos de Agassiz, Mac-Intosh, Hensen Whitman, Marion, Heincke, e outros, e revelaram que, se é certo que a pesca feita de acordo com prescripções scientificas, não prejudica consideravelmente a população dos mares, desde que só se escolha o que deva ser aproveitado, outros factores ha que poderosamente contribuem para que o esgotamento do litoral se prepare pouco a pouco.

QUANTO PESO AGUENTA UM SOLDADO

Os alumnos do Instituto de Medicina Frederico Guilherme, na Allemanha, têm realisado experiencias com o fim de averiguar qual o peso maximo que os soldados de infantaria podem transportar, em determinadas condições de marcha.

As conclusões a que chegaram, deduzidas e relacionadas pelo professor Luntz, são as seguintes:

Quando o peso transportado não exceda 22 kilos, numa marcha de 25 a 28 kilometros, com uma temperatura média, não exerce acção deprimente sob a saude do soldado. Em condições identicas de peso e marcha, mas sob elevadas temperaturas atmosfericas observam-se perturbações cardiacas, circulação anormal, respiração forte e apressada.

Um peso de 27 kilos em marchas de 22 a 28 kilometros, com temperatura favoravel, é ainda suportado facilmente pelo soldado; mas é o maximo para a média dos soldados, durante o estio. D'ahi para cima, o peso diminue o andamento da infantaria, produzindo todos os symptomas do esgotamento muscular.

As variações que possa haver nestes numeros, obtidos sobre calculos muito precisos, só podem ser determinados pela natureza dos caminhos a percorrer.

A marcha realisada em uma superficie plana não pode ser igual á que se faça em uma extensão igual de terreno montanhoso. As experiencias dos estudantes allemães fixarem a média dos casos.

Vida no sport

UM CAVALLO QUE VALE UMA FORTUNA

POR morte do Duque de Westminsters, em 1900, as suas cavallariças foram vendidas em hasta publica, chamando principalmente a attenção dos entendidos o famoso cavallõ de corridas *Flying Fox* (Raposa voadora) que em 1889 tinha ganho os seis primeiros maiores premios da Inglaterra, para cima de um milhão de francos. Disputaram-no o Principe de Galles, depois Eduardo VII, e Mr. Edmond Blanc. O Principe chegou a offerecer pelo cavallo 900:000 francos, mas ficou-se nesse lanço. E o *Flying Fox* foi adjudicado a Mr. Blanc por um milhão. Levado para Jardy, logo no anno seguinte teve oito descendentes, que, vendidos, deram 1.315:000 francos ao dono do tão celebre garanhão, além dos premios que já tinha obtido em corridas, o que tudo foi calculado em cinco vezes o preço que o pae custára. Eduardo VII deve ter torcido a régia orelha por haver perdido um tão bom ensejo de enriquecer a Inglaterra sportiva.

VIDA DE UM TOUREIRO

Gillustre Mazzantini esteve no Mexico, toureando com o applauso que lhe é devido, emquanto não entra na vida politica, pois que espera breve o seu mandato de deputado. Durante os quarenta e oito annos da sua vida, Mazzantini tem morto nada menos de *tres mil e quinhentos* touros. A sua biographia é bastante accidentada. Começou por telegraphista, depois graduou-se em leis, em seguida o theatro tentou-o, e a sua voz de barytono deu-lhe uma certa fama como cantor. Foi depois destas tentativas varias que elle entrou no redondel, seguindo todas as phases até se tornar o grande matador que Lisboa apreciou.

CORRIDA DE 100 KILOS

UM jornal de Bruxellas organisou no fim de maio uma corrida pedestre reservada para homens que pezassem 100 kilos pelo menos. Tomaram parte na corrida 150 concorrentes, que tiveram de percorrer uma distancia de 10 kilometros em redor da cidade. Os corredores eram na maioria magarefes, homens do campo e moços de fretes. Alguns pesavam 130 e até 150 kilogrammas. O primeiro a chegar á meta foi um homem dos arredores de Lierre, chamado Vaneraen.

A TAÇA DO OCEANO

Gesplendido objecto de arte, de ouro massiço, offerecido pelo Imperador da Allemanha para uma regata de yachts atravez do Atlantico, foi posto a premio a 17 de maio. Entraram no concurso 11 yachts, sendo 6 americanos, 4 inglezes e 1 allemão.

Ganhou a escuna americana *Atlantic*, pertencente a M. Wilson Marshall, que alcançou o ponto de chegada a 29 de maio, ás 9 horas da noite, com o avanço de 23 horas sobre o *Hamburg*. O mais pequeno dos concorrentes foi o *Sunbeam*, de 30 pés apenas de comprido, que apesar d'isso realisou o percurso em 15 dias.

Até agora, o record da travessia do Atlantico pertencia ao *Endymion*, que a tinha feito em 20 dias e 20 horas.

VIAGEM AEREA

REALISOU-SE a 24 de junho uma ascensão interessãnte no Havre. Dirigia-a Mr. Jacques Faure, piloto do *Aero-Club*, e acompanhavam-no dois illustres *sportmen*. Os aeronautas tendo partido ás 6 horas da tarde, foram impellidos pelo vento nordeste, passando por deante de Trouville e chegando ás 8 e meia á vista de Cabourg. Um salto de vento empurrou-os de novo para o Havre. A's 4 horas da manhã, passavam entre Beauvais e Amiens, e em seguida sobre Saint-Quentin. A's 5 da manhã estava o balão á altura de 3:900 metros por cima de Vervins e descia vagarosamente para o lado da fronteira belga, aferando terra pelas 9 horas perto do *château* de Chimay.

YACHTING

EIS o programma da grande semana de yachting, que se organisa em San Sebastian, sob os auspicios do rei de Hespanha.

16 de julho — Regata do Grande Casino para yachts de menos de 3 toneladas; taça Picavea para yachts de 3 a 10 ton.

17 de julho — Regata internacional: 1.ª serie, até 2 ton., com 4 premios pecuniarios; 2.ª serie, de 2 a 5 ton., com 4 premios pecuniarios; 3.ª serie, 5 a 10 ton., com 2 premios pecuniarios.

18 de julho — Taça de S. M. El-Rei Affonso XIII, para yachts de 40 a 100 ton.

18 e 19 de julho — Taça da Liga Maritima Hespanhola, em duas provas, com 1:000 pesetas de premio em especie.

19 e 20 de julho — Premio de Guipuzcoa, para yachts de construcção hespanhola.

20 e 21 de julho — Taça do Cantabrico, para yachts dos clubs de Santander, Bilbao e San Sebastian.

20 e 21 de julho — Regata em cruzeiro de San Sebastian a Bilbao: 2 premios pecuniarios e medalhas.

22, 23 e 24 de julho — Grande regata internacional Sonderklasse: Taça da Rainha. Além d'este premio de honra, 4 premios pecuniarios, sendo o maior de 2:000 pesetas. Tres provas.

Variedades

MONUMENTO
AO
MARQUEZ DE POMBAL

CONSTITUIU-SE oficialmente a grande comissão nacional que deve levar a effeito a idéa de se levantar em Lisboa um monumento ao Marquez de Pombal, o omnipotente ministro de D. José I.

Sebastião José de Carvalho foi um dictador por excellencia, mas o seu absolutismo era o germen fecundo da liberdade, porque do conjuncto de todas as suas medidas havia de resultar o progresso material e moral do povo portuguez.

A todo Portugal, pelo modo por que elle sustentou e fez respeitar os seus direitos, orientou a sua instrução, creou e desenvolveu as suas mais poderosas fontes de receita, e sempre o serviu com amor e lealdade, corre o dever impreterivel de saldar a sua divida de homenagem á memoria do incomparavel estadista, cujo nome se pode collocar sem desvantagem ao lado dos de Cavour, de Bismarek, de Tailleyrand, de Richelieu...

Mas Lisboa era, naturalmente, o melhor pedestal para supportar a estatua de Pombal: o terrivel terremoto de 1755 tornara um montão de ruinas a opulenta cidade do Tejo, e só ao fiat do imperturbavel ministro é que ella poude surgir radiante dos destroços de tamanha catastrophe.

Para erigir o monumento se abriu uma subscrição publica no dia 8 de junho, anniversario do nascimento do Marquez, a qual vae avolumando.



UM DOS CARROS DO ENTERRO DO GRAU

O ENTERRO
DO GRAU

que era o Grau? Que foi o enterro do Grau? Grau era o pretexto tradicional de uma cerimonia que se realisava na Universidade de Coimbra de cada vez que um alumno concluia o seu curso, e lhe era reconhecido o direito de receber a carta de bacharel. Uma recente determinação do Governo poz termo a esse antigo costume, e logo os estudantes da Universidade se lembraram de ce-



UM DOS CARROS DO ENTERRO DO GRAU

lebrar o fim do Grau, promovendo-lhe o enterro.

Mas tão vivo e alegre alarido fizeram com tal motivo de folgança, tal programma de galhófa organizaram e espalharam para os dias destinados á celebração, que de toda a parte do paiz foram curiosos a Coimbra, assistir aos funeraes. E todo o programma, jovialissimo, correspondeu inteiramente á expectativa.

PROGRESSOS
DO FEMINISMO

EM um Relatório official agora publicado na Inglaterra ha interessantes indicações sobre os progressos do feminismo, de 1871 para cá.

Naquelle anno, eram 5:000 as mulheres inglesas occupadas nos serviços administrativos; esse numero subiu depois a 8:500. As jornalistas, auctoras de novelas, poetisas, que eram 225, chegaram a ser 960; e as reporters, que ainda então não existiam, passam hoje de 200. Comquanto já em 1871 houvesse nas escolas de medicina muitas raparigas es-

tudantes, nenhuma exercia a profissão de medico. A estatística em que se baseia o Relatorio que temos á vista fixa em 250 as mulheres doutoras. As enfermeiras são 53:000, as pintoras, gravadoras, esculptoras, architectas, 3:050. As mestras de musica, 19:000. As actrizes, 3:698.

ENVENENAMENTO PELAS UVAS

G *British Medical Journal* cita alguns casos de envenenamento pelas uvas, cujas cepas haviam sido regadas com suco de tabaco, numa formula muito concentrada, para destruição de insectos e parasitas. As pessoas que comeram d'essas uvas tiveram vomitos, syncopes, e symptomas graves de intoxicação. Os medicos chamados para as tratarem foram da opinião unanime de que estavam em presença de casos de envenenamento pela nicotina.

QUANTO COME UM SOLDADO INGLEZ

As refeições do soldado inglez são tres: almoço, jantar e chá. As duas primeiras são obrigatorias, a ultima é facultativa. O almoço é servido ás 8 horas da manhã, o jantar á 1 da tarde, e o chá ás 4 da tarde.

A ração diaria inclue 1 arratel de pão e 3 quartos de arratel de carne. O resto compõe-se de porções regulamentares de chá, café, hortaliças, manteigas, geleia, ovos, peixe, etc.

Durante a ultima campanha de Africa Meridional, cada soldado tinha a seguinte ração diaria: 1 arratel e quarta de pão ou 1 arratel de bolacha; 1 arratel de carne; meio arratel de legumes e hortaliças; 4 onças de geleia; 3 onças de assucar; 1,6 onça de chá; 1,3 onça de café; sal e pimenta.

Um exercito de 50:000 homens, com os respectivos cavallos e muares, calcula-se que precisa durante 30 dias nada menos de cincoenta mil toneladas de mantimentos.

ORIENTAÇÃO DAS CÂMAS

DE um interessante inquerito aberto por um magazine inglez entre os seus leitores, resulta que a melhor maneira de collocar a cama, para ter um somno tranquillo e salutar, é com a cabeceira para o norte.

AS HORAS DO SOMNO

Um medico illustre fez varios estudos sobre as horas que se devem dedicar ao somno. O adulto deve dormir pelo menos 8 horas e meia, e o velho 9 horas. Depois de uma experiencia de 26 annos conseguiu arranjar o seguinte mappa:

EDADES	HORAS
15 annos	10 horas
19 »	9 e meia
21 a 48 (homem)	8 e um quarto
21 a 48 (mulher)	9 horas
48 a 59 (homem)	9 horas
48 a 59 (mulher)	9 e tres quartos

Além dos 59 annos é muito difficil dizer quanto se póde dormir, mas já se teem encontrado pessoas com 65 annos que dormem mais horas do que as que teem 50.

UM REI CREANÇA

QUANDO Affonso XIII de Hespanha era uma creancita, tinha o mau habito de metter a faca na bocca ás refeições. Reprehendeu-o a aia por esse motivo.

— «As pessoas bem educadas nunca fazem isso», disse ella.

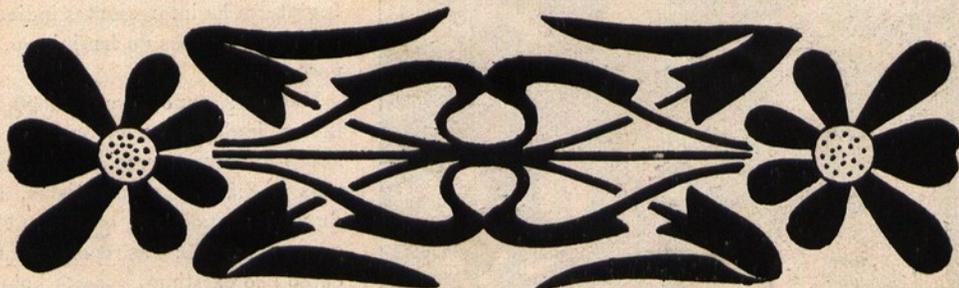
— «Mas eu sou rei», retorquiu o pequeno monarcha.

— «Os reis ainda menos fazem similhante má creação», volveu a aia.

— «Ah! sim? Pois fal-a este rei», concluiu Affonso XIII.

CÃES POLICIAS

Gs cães são empregados com excellento exito pela policia de Philadelphia, fazendo serviços analogos aos dos cães de S. Bernardo, a cuja raça pertencem. Patrulham a rua á noite, e, em pilhando um bebado cahido, vão logo chamar o policia mais proximo. Com o seu maravilhoso faro, percebem de longe o cheiro a queimado, e avisam immediatamente para se atalhar qualquer incendio. Acodem egualmente ás creanças desgarradas, que conhecem facilmente por as verem sósinhas a chorar.



LANIFICIOS

Arnaldo José d'Almeida

125, 127, 129, Rua Augusta, 125, 127, 129

62, 64, 66, Rua do Arco do Bandeira, 62, 64, 66

Unico armazem de lanificios em todo o paiz que vende a retalho pelo preço de atacado. As fazendas, sempre de primeira qualidade, teem os preços marcados em letras bem grandes, para que ninguem se possa illudir. Para esses preços desafio toda a concorrencia e todos os confrontos. Envia-se amostras para a provincia, para o que tenho serviço admiravelmente montado. Commette um verdadeiro crime todo o homem que, tencionando fazer um fato, não venha a estes Armazens vêr as maravilhosas fazendas sempre profusamente expostas e os preços porque são vendidas, pois assim realisa

Uma economia de mais de 50 %

125, 127, 129, Rua Augusta, 125, 127, 129—62, 64, 66, Arco do Bandeira, 62, 64, 66

ARNALDO JOSÉ D'ALMEIDA
LANIFICIOS

Casa Americana

✱✱✱✱✱✱✱✱✱

*Grandes existencias de pelles,
mallas, oleados, artigos para via-
gem, artefactos de borracha e mui-
tos mais artigos de especialidade
d'esta casa tudo por preços*

SEM COMPETENCIA

✱✱✱✱✱✱✱✱✱

Arthur Cilia & C.^a

✱✱✱✱✱✱✱✱✱

138 a 144, RUA AUGUSTA
LISBOA

Sapatos, bonnets e rackets para "Tennis"

Sapatos para bordo com base de borracha.

Malas, estojos e bonnets de viagem; artigos in-
glezes de primeira ordem.

JOÃO CARDOSO

64, Rua do Carmo

V. ROCHA

Loja do Povo

ROCIO, 87, 88, 89

Sortimento monstro de novidades. MAIS 12 CAIXAS de tecidos vaporosos e transparentes e é seguramente o sortimento mais vasto da capital

Elamines, córte vestido, chic, chic.....	2\$500	Nuvens Recoletos, córte vestido.....	2\$500
Nictorias, corte vestido, bordado.....	3\$600	Venus, córte vestido elegantissimo.....	3\$600
Córte vestido lã, ligeira.....	1\$600	Córte vestido lã, novidade.....	1\$800
Córte vestido phantasia.....	2\$700	Córte vestido cassa.....	700
Cassas largas.....	800	Cassas novidade.....	100
Cambraietas, novidade.....	100	Pongé, pura seda.....	450
Fru-fru adamascado.....	200	Rendas cruas desde.....	40



FATO RÉCLAME

AVISO. — 40 por cento menos. Continuação da grande affluencia a esta importante seção; o numero de fatos vendidos n'estes ultimos dias é enorme; o typo recommendado para os fatos de puro réclame, promptos a vestir, com fórros superiores, são excessivamente duraveis, elegantes, tentadores, e representam com plena convicção, metade do seu valor.

10 mil duzias de toalhas
para mãos
seu valor 110, a 65 rs.

Colletes para homem

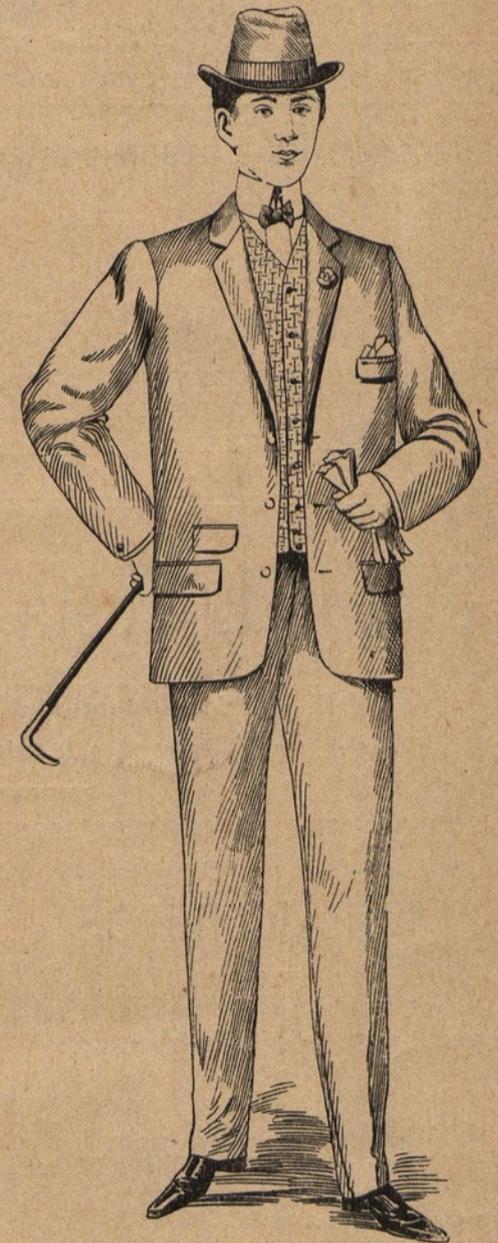
Tem disputado o maior interesse os nossos colletes de piqué de bonitas phantasias, executados pelos figurinos mais recentes de Paris e Londres, são elegantes e distintos. Preços excepcionaes: 1\$100, 1\$350 e 1\$550. O preço porque resolvemos vender representa metade do valor.

LUVARIA

Preços inegualaveis

- Luvas de algodão para senhora, 120 rs.
- Luvas de algodão, imitando camurça.
- Luvas de seda, brancas, pretas e de côres.
- Luvas de flo de Escocia (exclusivo).
- Luvas de algodão para creança, temos todos os tamanhos.
- Luvas de pelle de suede para senhora, 350 rs.
- Luvas de pellica, luvas de camurça, luvas inglezas, luvas de pellica, desde 200 rs.
- Luvas para militar, mitênes de sede, côres e pretas para senhora.
- Luvas para militar, grande duração, 185 rs.
- Luvas em todos os generos e o mais perfeito acabamento.

BRINDES a todas as pessoas que comprarem de 5\$000 rs. para cima



KERMESSE DE PARIS

Sant'Anna & Sá

Bonecas ** Brinquedos ** Perfumarias

Carteiras ** Cigarreiras ** Pentas

Escovas * * * * *

*** * * * * Objectos para brindes**

Albuns para retratos e varios outros artigos

PREÇOS FIXOS E RESUMIDOS

RUA DO PRINCIPE

AVENIDA PALACE

Livraria Catholica

DE

Joaquim A. Pacheco

FUNDADA EM 1866

Calçada do Carmo, 6 — 1.º andar (Rocio)

LISBOA

Sortimento em **ARTIGOS RELIGIOSOS**

Imagens de madeira comprimida, approvadas pela Sagrada Congregação das indulgencias de Roma.

Paramentos e alfaias d'Egreja e todos os artigos do Culto Catholico.

TALHERES DE CHRISTOFLE garantido.

Preços da fabrica a 200 réis o franco

Pimentel, Costa, Rosado & Sousa

Successores de J. A. VIEIRA

P. de D. Pedro, 1 e 2 — LISBOA — Rua Augusta, 291 a 295

Recommendamos as tres especialidades da nossa casa a preços sem competencia

ESPARTILHOS

GRAVATAS

Temos sempre o que ha de melhor em modelos francezes e copias para todos os preços.

Não ha outra casa que tenha um sortimento tão grande e a preços tão resumidos como esta.

MEIAS

Um grande deposito do que ha de mais chic e moderno em phantasia, especializando n'este sortimento a muita conhecida marca **VICTORIA** a unica tinta que se pode em absoluto garantir como fixa. Além d'estes especiaes artigos encontra sempre o publico um completo sortimento em tecidos de novidade em lã e algodão.

Assim como bons lenços de linho, suspensorios e ligas para homem e senhora, finas perfumarias, e artigos de malha em todo o genero, etc., etc.

OBRAS PRIMAS

Bibliotheca dos melhores livros de todas as litteraturas antigas e modernas

VIAGENS DE GULLIVER

POR

JONATHAN SWIFT

Depois de editado o **Dom Quichote de la Mancha**, obra com que inaugurámos esta bibliotheca, procurámos um trabalho que, desconhecido ainda no nosso meio litterario, fosse tambem d'um notavel valor. E nenhum se nos apresentou, reunindo melhores condições, do que as **Viagens de Gulliver**, de Swift.

O nome de Jonathan Swift é quasi desconhecido ainda no nosso meio litterario. Apenas aquelles que se comprazem em estudar a litteratura antiga e moderna, e acompanham passo e passo os progressos da litteratura estrangeira, conhecem a obra do celebre pamphletario e escriptor satyrico inglez, que immortalizou o seu nome não só nas **Viagens de Gulliver**, como no **Conto do Tonnel**, na **Profecia de Windsor**, e outras obras em que o seu espirito scintillante se evidencia. Mas lá fóra, nos paizes que caminham na vanguarda do movimento intellectual, o nome de Swift é justamente apreciado e collocado a par dos melhores escriptores inglezes. Ainda não ha muito, o distincto membro da Academia Franceza, Prévost-Paradol, publicou um estudo relativo a Swift e á sua obra litteraria, exalçando o nome do celebre escriptor inglez.

As **Viagens de Gulliver** são um trabalho primoroso, d'uma litteratura que encanta. A fórma como o auctor descreve a viagem ao paiz mysterioso de Lilliput, producto da sua fertil imaginação, as mil peripecias que ali se succedem, a ininterrupta successão de factos, que o auctor narra com a sua inacreditavel veia espirituosa, tudo faz das **Viagens de Gulliver** o que, sem favor, se póde dizer um bom livro.

Sendo necessario conservar perfeitamente as bellezas do original, confiámos a traducção a um distincto escriptor, perfeito conhecedor da lingua ingleza, que n'ella revelará mais uma vez o seu comprovado merito.

As **Viagens de Gulliver**, que já se encontram no prélo, são editadas nas mesmas condições do que as demais edições das **Obras Primas**, e que são as seguintes:

Cada volume de 200 a 400 paginas	{	Em brochura.....	200
		Com elegante encadernação de percallina com ferros especiaes.....	300

Acceitam-se assignaturas

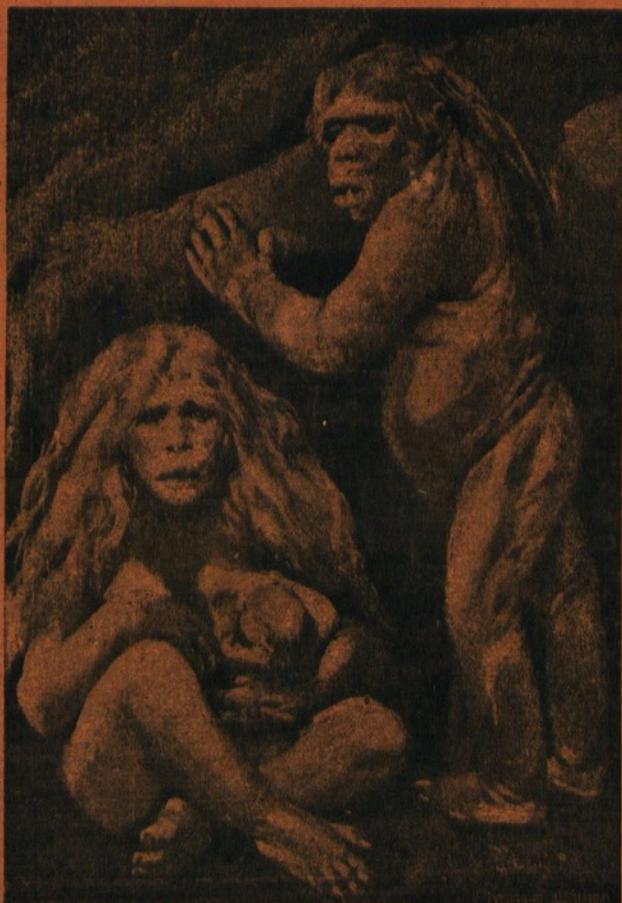
Por serie de 5 volumes	{	Em brochura.....	900
		Cartonados.....	1\$400
Cada série de 10 volumes	{	Em brochura.....	1\$800
		Cartonados.....	2\$700

Pedidos á LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA Lim.^{da} — Editores — 132, Rua do Ouro, 138 — Lisboa

⓪ Homem Primitivo

POR

Edward Clodd



ANTEPASSADOS DO HOMEM

um numero muito limitado de individuos.»

Procurando desempenhar-se d'essa missão, Clodd conseguiu-o. O seu trabalho é um repositório exuberante de factos scientificos, e uma larga investigação de conhecimentos historicos. Por isso o

HOMEM PRIMITIVO

editado hoje em todas as linguas cultas, tem tido uma acceitação extraordinaria, e as edições esgotam-se consecutivamente.

O **Homem Primitivo**, que será por estes dias pôsto á venda, é um volume de mais de 200-paginas, e com perto de 100 gravuras, impresso em bom papel, com encadernação de panno com ferros-especiaes, e o seu preço é

300 RÉIS

Pedidos á livraria

FERREIRA & OLIVEIRA, LIMITADA

LIVREIROS-EDITORES

Rua Aurea, 132 a 138 — Lisboa

Com o titulo de **Bibliotheca de Conhecimentos Uteis**, inaugurámos ultimamente a publicação d'uns pequenos volumes portateis, ao alcance de todas as intelligencias e de todas as bolsas, destinados a ministrar as noções scientificas mais interessantes que hoje formam o patrimonio intellectual da humanidade. O primeiro volume publicado, a **Historia dos Eclipses**, de George Chambers, é um livro de vulgarisação scientifica, que foi muito bem acolhido. Em seguida, emprehendemos a publicação de

O HOMEM PRIMITIVO

trabalho soberbo, d'uma contestura esplendida, e baseado em obras scientificas de valor.

Descrevendo os intúitos da sua obra, escreve Edward Clodd :

«Em nenhum dos ramos dos conhecimentos humanos houve maiores progressos nos ultimos cincoenta annos do que n'aquelle que tem por objecto a historia do homem chamado primitivo. As duas gerações que nos precederam, raras vezes levaram as suas indagações além das fontes de informações fornecidas pelos documentos escriptos, moedas, inscripções e outros materiaes do mesmo genero. A possibilidade da existencia de outras fontes, que fizessem luz sobre as remotas edades em que o homem existia já sobre o globo, e das quaes a historia apenas refere algumas lendas, era reconhecida por